



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM TEOLOGIA
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

ARIÉL PHILIPPI MACHADO

**EDIFICADOS EM CRISTO: PROPOSTA PEDAGÓGICO-CATEQUÉTICA
E ITINERÁRIOS DIDÁTICOS NA ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS**

CURITIBA

2021

ARIÉL PHILIPPI MACHADO

**EDIFICADOS EM CRISTO: PROPOSTA PEDAGÓGICO-CATEQUÉTICA E
ITINERÁRIOS DIDÁTICOS NA ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS**

Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Teologia (PPGT), Área de Concentração: Teologia Ético-Social, Linha de Pesquisa: Teologia e Sociedade, da Escola de Educação e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientadora: Profa. Dra. Clélia Peretti

CURITIBA

2021

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

M149e
2021 Machado, Ariél Philippi
Edificados em Cristo : proposta pedagógico-catequética e itinerários didáticos na Arquidiocese de Florianópolis / Ariél Philippi Machado ; orientadora: Clelia Peretti. – 2021.
182 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2021
Bibliografia: f. 176-182

1. Concílio Vaticano (2. : 1962-1965). 2. Catequese. 3. Evangelização.
I. Peretti, Clelia. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. – 262.52



Programa de
**PÓS-GRADUAÇÃO
EM TEOLOGIA
PUCPR**

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 015.2021
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

Aos três dias de novembro de dois mil e vinte e um, reuniu-se às nove horas, por videoconferência, a Banca Examinadora constituída pelos docentes: Profa. Dra. Clélia Peretti, Prof. Dr. Eduardo Antônio Calandro, Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes, Prof. Dr. Agenor Brighenti, para examinar a Dissertação do mestrando **Ariél Philippi Machado**, ano de ingresso 2020, aluno do Programa de Pós-Graduação em Teologia, Área de Concentração: Teologia Ético-Social - Linha de Pesquisa: "Teologia e Sociedade". O mestrando apresentou a dissertação intitulada "**Edificando em Cristo. Proposta pedagógico-catequética e itinerários didáticos na Arquidiocese de Florianópolis**". O candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, foi **APROVADO** pela Banca Examinadora, com indicação de publicação. A sessão encerrou-se às 11h45min. Para constar, lavrou-se a presente Ata, que segue assinada pelo presidente da Banca Examinadora e pela Coordenação do Programa. Os avaliadores participaram da Banca de Defesa de Dissertação por videoconferência e estão de acordo com termos acima.

Profa. Dra. Clélia Peretti - Presidente/Orientador

Clélia Peretti

Prof. Dr. Eduardo Antônio Calandro - Convidado Externo

Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Convidado Externo

Prof. Dr. Agenor Brighenti - Convidado Interno

Rudolf Eduard von Sinner

Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia
Stricto Sensu



À Maria da minha infância,
Mãe de Jesus e nossa.

À Maria Agostinho De Bona, catequista e
entusiasta da catequese na comunidade
Nossa Senhora do Rosário.

À Ir Marlene Bertoldi, IIC, catequista e
entusiasta da Iniciação à Vida Cristã na
Arquidiocese de Florianópolis.

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus, por tanto amor!

À Pontifícia Universidade Católica do Paraná, em especial ao Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Teologia (PPGT), que com seu corpo docente, conduz a reflexão e a vivência teológica de maneira singular.

À Professora Doutora Clélia Peretti, pelo acompanhamento durante a pesquisa. Sua presença quenótica e incentivo foram determinantes nesta jornada acadêmica.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), fundação vinculada ao Ministério da Educação, pela oportunidade concedida por meio da bolsa-taxa para a concretização desta pesquisa.

À Giovana Carolina M. dos Santos e à Joyce Leonita da Silva pelo apoio e ajuda nas pesquisas e orientações para a padronização da escrita do trabalho.

Ao Jefferson dos Santos, secretário do PPGT, pela presteza e ternura nas orientações e solicitações.

Aos amigos pela compreensão nas ausências e aos familiares pelo afeto e confiança.

“Do nascer do sol até o poente,
louvado seja o nome do Senhor”.

(SI 113,3)

RESUMO

Essa pesquisa, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, linha de pesquisa Teologia e Sociedade, está vinculada ao *Projeto de Pesquisa Contribuições teológico-filosóficas para interpretação do fenômeno religioso*. Seu objetivo é documentar o processo de revisão, elaboração e implementação dos itinerários didáticos na Arquidiocese de Florianópolis. Visa, ainda, refletir sobre a pedagogia catequética do Concílio Vaticano II, descrever o processo de elaboração do 13º Plano de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis, registrar a elaboração dos itinerários didático-pedagógicos de Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal para catequizandos e famílias e caracterizar os elementos de formação para os processos de formação de catequistas e agentes de evangelização. As fontes primárias foram os documentos da Igreja conciliar e pós-conciliar, da Igreja latino-americana, da CNBB, o 13º Plano de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis, a coleção dos livros didáticos de catequese, dentre outras referências bibliográficas pertinentes ao tema. O itinerário de investigação justifica-se pela necessidade de dar uma sustentação teológica aos itinerários didáticos elaborados pela Arquidiocese no atendimento aos apelos das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2011-2015 e 2015-2019). A Arquidiocese de Florianópolis, no ano de 2012, aprovou seu 13º Plano de Pastoral e encaminhou projetos para cada uma das cinco Urgências apresentadas pelas Diretrizes. Para a Urgência: Igreja, casa da Iniciação à Vida Cristã coube a revisão dos itinerários de catequese sistemática. Desse modo, a pesquisa fundamenta a necessidade de *aggiornamento* da Igreja ratificado no Concílio Vaticano II, que teve por inspiração para os processos de Iniciação à Vida Cristã a pedagogia divina, o diálogo com o mundo contemporâneo e a inculturação da fé. A pedagogia da Igreja se estrutura a partir da Palavra de Deus, da Tradição e das reflexões do Magistério. A partir do Vaticano II, a Arquidiocese de Florianópolis desenvolveu novas propostas para a catequese de crianças e adolescentes, baseadas na inspiração catecumenal e propôs inovação na elaboração de itinerários didáticos para as famílias, a fim de que sejam protagonistas da caminhada na fé, propondo com isso, passos em direção da conversão pastoral. O processo de revisão da catequese pautou-se em estudos, formações e elaboração de itinerários inspirados nos Tempos e Etapas do Catecumenato. Destaca-se a formação de catequistas e agentes de evangelização para conduzirem o novo processo evangelizador nas comunidades. Particular ênfase assume a necessidade das Igrejas particulares de renovar seus projetos de ação evangelizadora na perspectiva da inspiração catecumenal. Destaca-se a ausência de uma aplicação concreta do *múnus* da caridade na reflexão e no planejamento dos itinerários, em sintonia com os *múnus* da catequese e da liturgia, embora, o itinerário didático evidencie as maneiras de praticar os conteúdos no dia a dia. A proposta de acompanhamento por parte das famílias surge como uma marca inovadora no processo de catequese pois envolve os familiares e responsáveis na educação na fé de seus filhos e filhas.

Palavras-chave: Iniciação à Vida Cristã; inspiração catecumenal; Casa da Fé; pedagogia do acompanhamento; formação de catequistas.

ABSTRACT

This research, developed in the Master and Doctorate Graduate Program in Theology at the Pontifical Catholic University of Paraná, line of research Theology and Society, is linked to the Research Project *Theological-philosophical contributions for the interpretation of the religious phenomenon*. Its objective is to document the process of revision, elaboration and implementation of didactic itineraries in the Archdiocese of Florianópolis. It also aims to reflect on the catechetical pedagogy of the Second Vatican Council, describe the process of elaboration of the 13th Pastoral Plan of the Archdiocese of Florianópolis, record the elaboration of didactic-pedagogical itineraries of Initiation to Christian Life of catechumenal inspiration for catechumens and families and characterize the elements of formation for the processes of formation of catechists and agents of evangelization. The primary sources were documents from the conciliar and post-conciliar Church, the Latin American Church, the CNBB, the 13th Pastoral Plan of the Archdiocese of Florianópolis, the collection of catechesis textbooks, among other bibliographical references relevant to the theme. The investigation itinerary is justified by the need to give a theological support to the didactic itineraries elaborated by the Archdiocese in response to the appeals of the General Guidelines for the Evangelizing Action of the Church in Brazil (2011-2015 and 2015-2019). The Archdiocese of Florianópolis, in 2012, approved its 13th Pastoral Plan and sent projects for each of the five Emergency Services presented by the Guidelines. For Urgency: Church, House of the Initiation to the Christian Life, the systematic catechesis itineraries were revised. In this way, the research substantiates the need for the Church's aggiornamento ratified by the Second Vatican Council, which had divine pedagogy, dialogue with the contemporary world and the inculturation of faith as inspiration for the processes of Initiation to Christian Life. The Church's pedagogy is based on the Word of God, Tradition and the reflections of the Magisterium. Since Vatican II, the Archdiocese of Florianópolis has developed new proposals for the catechesis of children and adolescents, based on catechumenal inspiration and proposed innovation in the development of didactic itineraries for families, so that they are protagonists of the journey in faith, proposing with this, steps towards pastoral conversion. The catechesis review process was based on studies, training and development of itineraries inspired by the Times and Stages of the Catechumenate. The formation of catechists and agents of evangelization to lead the new evangelizing process in the communities stands out. Particular emphasis is placed on the need for particular Churches to renew their projects of evangelizing action from the perspective of catechumenal inspiration. The absence of a concrete application of the function of charity in the reflection and planning of the itineraries is highlighted, in harmony with the functions of catechesis and the liturgy, although the didactic itinerary highlights the ways to practice the contents on a daily basis. The proposal of monitoring by the families emerges as an innovative brand in the catechesis process as it involves family members and guardians in the education in the faith of their sons and daughters.

Palavras-chave: Initiation to the Christian Life; catechumenal inspiration; House of Faith; monitoring pedagogy; formation of catechists.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Folder Iniciação à Vida Cristã – para comunidades	81
Figura 2 – Folder Iniciação à Vida Cristã – para catequistas e lideranças	82
Figura 3 – Estrutura da Casa da Fé	83
Figura 4 – Os Tempos da Casa da Fé	115
Figura 5 – Itinerário de Iniciação à Vida Cristã Volume 1	117
Figura 6 – Itinerário de Iniciação à Vida Cristã Volume 2.....	119
Figura 7 – Itinerário de Iniciação à Vida Cristã Volume 3.....	122
Figura 8 – Itinerário de Iniciação à Vida Cristã Volume 4.....	125
Figura 9 – Passo a passo de um encontro do Itinerário de Iniciação à Vida Cristã.	127
Figura 10 – Itinerário da Família Volume 1	133
Figura 11 – Itinerário da Família Volume 2	135
Figura 12 – Itinerário da Família Volume 3	136
Figura 13 – Itinerário da Família Volume 4	137
Figura 14 – Colcha de retalhos no Itinerário da Família.....	139
Figura 15 – Colcha de retalhos no itinerário de crianças e adolescentes	141
Figura 16 – Subsídio Espaço Catequético	163
Figura 17 – Subsídio Conteúdos do Querigma Cristão	163
Figura 18 – Subsídio A inspiração catecumenal na educação da fé.....	164
Figura 19 – Subsídio Credo – profissão de fé	165
Quadro 1 – Comparação dos temas para crianças nos Itinerários de Iniciação à Vida Cristã.....	96
Quadro 2 – Comparação dos temas para adolescentes nos Itinerários de Iniciação à Vida Cristã.....	97
Quadro 3 – Temas da ECAM para 2012-2014.....	157
Quadro 4 – Temas da ECAM para 2015-2017	158
Quadro 5 – Temas da ECAM para 2018-2020.....	159

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AG	<i>Ad Gentes</i>
AL	<i>Amoris Laetitia</i>
AM	<i>Antiquum Ministerio</i>
At	Atos dos Apóstolos
AT	Antigo Testamento
CD	<i>Christus Dominus</i>
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
CIC	<i>Codici Iuri Canonici</i>
CigC	Catecismo da Igreja Católica
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CR	Catequese Renovada
CT	<i>Catechesi Tradendade</i>
DAp	Documento de Aparecida
DC	Diretório para a Catequese
DCE	<i>Deus Caritas Est</i>
DCG	Diretório Catequético Geral
DGC	Diretório Geral para a Catequese
DNC	Diretório Nacional de Catequese
DV	<i>Dei Verbum</i>
ECAM	Escola Catequética de Multiplicadores
Ef	Carta aos Efésios
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i>
Ex	Êxodo
Fl	Carta aos Filipenses
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
Hb	Carta aos Hebreus
Jo	João
Lc	Lucas
LG	<i>Lumen Gentium</i>
Mc	Marcos
Mt	Mateus

p.	Página
PUCPR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
PUEBLA	Documento de Puebla
RICA	Ritual de Iniciação Cristã de Adultos
SC	<i>Sacrossanctum Concilium</i>
SD	Documento de Santo Domingo
VD	<i>Verbum Domini</i>
trad.	Tradutor

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	UM NOVO CONCEITO DE IGREJA E DE CATEQUESE A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II	22
2.1	O RESGATE DA PEDADOGIA DA REVELAÇÃO DIVINA PELO CONCÍLIO VATICANO II	23
2.1.1	A <i>Lumen Gentium</i> e a nova imagem de Igreja: Povo de Deus.....	25
2.1.2	A <i>Dei Verbum</i> e a Pedagogia Divina: a Revelação.....	28
2.2	A PEDADOGIA CATEQUÉTICA NOS DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II E NOS DOCUMENTOS PÓS-CONCILIARES	31
2.2.1	A Catequese nos Documentos do Concílio Vaticano II.....	32
2.2.2	A Catequese nos Documentos pós-conciliares.....	37
2.3	A CATEQUESE NO MAGISTÉRIO LATINO-AMERICANO.....	46
2.3.1	A Catequese nos Documentos do CELAM.....	47
2.3.2	A Catequese nos Documentos da CNBB	53
3	O 13º PLANO DE PASTORAL DA ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS E A CATEQUESE	61
3.1	A REVISÃO DO 13º PLANO DE PASTORAL DA ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS	61
3.1.1	O processo de aprovação do 13º Plano de Pastoral: 27ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral	65
3.1.2	O 13º Plano de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis: aspectos de eclesiologia.....	70
3.2	REVISÃO DO PROJETO DE CATEQUESE COMO RESPOSTA À SEGUNDA URGÊNCIA DA AÇÃO EVANGELIZADORA.....	76
3.2.1	As pistas de ação do 13º Plano de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis para a Catequese	79
3.2.2	Plano de ação da Coordenação de Catequese: a Casa da Fé	85
3.3	A REVISÃO DOS CONTEÚDOS E DA PEDAGOGIA CATEQUÉTICA PARA OS ITINERÁRIOS DA ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS	90
3.3.1	Critérios para a revisão dos conteúdos da catequese: a inspiração catecumenal.....	93
3.3.2	O ícone bíblico para a pedagogia catequética: o Caminho de Emaús ..	98

4	ITINERÁRIOS DIDÁTICOS PARA A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ DE INSPIRAÇÃO CATECUMENAL NA ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS	103
4.1	A PEDAGOGIA CATECUMENAL E A TRANSMISSÃO DA FÉ	105
4.1.1	A comunidade catecumenal: fonte, lugar e meta da catequese.....	108
4.1.2	A comunidade eclesial, primeira catequista e promotora da iniciação à fé	110
4.2	O ITINERÁRIO DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS	113
4.2.1	O livro didático e a sequência de conteúdos de inspiração catecumenal	114
4.2.1.1	Itinerário de Iniciação à Vida Cristã Volume 1	116
4.2.1.2	Itinerário de Iniciação à Vida Cristã Volume 2.....	118
4.2.1.3	Itinerário de Iniciação à Vida Cristã Volume 3.....	121
4.2.1.4	Itinerário de Iniciação à Vida Cristã Volume 4.....	124
4.2.2	Roteiro de um encontro de catequese.....	126
4.3	A CONVERSÃO PASTORAL A PARTIR DOS ITINERÁRIOS PARA FAMILIARES E RESPONSÁVEIS.....	129
4.3.1	A educação da fé e pedagogia do acompanhamento	131
4.3.1.1	Itinerário da Família Volume 1	132
4.3.1.2	Itinerário da Família Volume 2.....	134
4.3.1.3	Itinerário da Família Volume 3.....	135
4.3.1.4	Itinerário da Família Volume 4.....	137
4.3.2	Pedagogia catequética e elementos para a conversão pastoral: a colcha de retalhos	138
4.3.2.1	A Colcha de Retalhos no Itinerário da Família	139
4.3.2.2	A Colcha de Retalhos no Itinerário de Iniciação à Vida Cristã de crianças e adolescentes	141
5	FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS E AGENTES DE PASTORAL.....	144
5.1	A FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS PARA A AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA.....	145
5.1.1	A formação de catequistas nos Diretórios da Santa Sé.....	146
5.1.1.1	Diretório Catequético Geral – 1971 – Adultos e a experiência de fé	147
5.1.1.2	Diretório Geral para a Catequese – 1997 – Pedagogia da fé	149
5.1.1.3	Diretório para a Catequese – 2020 – Catequista discípulo missionário.....	151

5.1.2	A pessoa de Jesus Cristo: meta da formação de catequistas	153
5.2	A FORMAÇÃO DE CATEQUISTA NA ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS	155
5.2.1	A Escola Catequética de Multiplicadores	156
5.2.2	Elaboração de subsídios para implantação dos novos itinerários	161
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
	REFERÊNCIAS.....	176

1 INTRODUÇÃO

A catequese conta com experiências e estratégias diferentes no curso da história da Igreja. O período apostólico e os cinco primeiros séculos da Igreja caracterizam-se pela experiência de adesão, iniciação à fé, discipulado e vínculo comunitário. No período seguinte, entre os séculos V a XVI, passou-se a um período de imersão, em uma sociedade toda ela determinada pelo contexto de fé cristã. Esse período também ficou conhecido como cristandade. A partir do século XVI, com o impulso de movimentos reformadores, é alcançado o momento em que a transmissão da fé se faz por instrução, com auxílio de catecismos. Nesse contexto, o foco não está na comunidade, mas no indivíduo, sendo esse instruído na doutrina da fé. No século XIX surgem novos movimentos que fomentaram a transmissão da fé por meio da experiência de comunidade, tendo por referência a educação escolar. O movimento de educação da fé sustenta as ideias de uma pedagogia catequética e de processos renovados à luz da experiência das primeiras comunidades. E, chegando ao século XX, com o novo evento conciliar, acontece uma revolução copernicana no ser e no agir da Igreja.

A realização do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) impulsionou a Igreja Católica revisitar o núcleo da mensagem evangélica, ou seja, o anúncio do querigma: vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, Mestre e Irmão de caminhada, cumpridor das promessas do Pai, sob impulso e guia do Espírito Santo (At 10,37-43). Do mesmo modo, a vocação da Igreja de ser testemunha da fé em Cristo Crucificado-Ressuscitado e sacramento da salvação pede, da parte daqueles que constituem o corpo místico de Cristo (LG, 1994, n. 48), uma opção decisiva de se colocarem em estado permanente de missão. “Assim, é a Igreja toda que recebe a missão de evangelizar, e a atividade de cada um é importante para o todo. Evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma” (EN, 1976, n. 15).

A tal missão atribui-se o testemunho do núcleo da fé cristã, a saber, o Mistério Pascal de Jesus Cristo, que a comunidade da primeira hora guardou na mente e nos corações: a vida, a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus de Nazaré, o Cristo da fé. Desse núcleo de fé, decorre a história das comunidades cristãs, instaladas para vivenciar e propagar o querigma. Após longo período de existência, a Igreja colocase em atitude de revisão de seus métodos para permanecer fiel ao mandato

missionário e repropõe a restauração do catecumenato, instituição consolidada pelas comunidades primitivas, para iniciar na fé quem buscar sua configuração na pessoa de Jesus Cristo.

Assim, a restauração da experiência de iniciação à fé das primeiras comunidades culmina com a revisão e publicação do Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA), destinado à iniciação de adultos na vida cristã. O Documento da Santa Sé, publicado em 1972 a pedido do Concílio Vaticano II e reeditado no Brasil em 2001, descreve os ritos do catecumenato (processo progressivo de desenvolvimento da fé) e retoma a unidade dos sacramentos da iniciação cristã: o Batismo, a Eucaristia e a Crisma. Cabe ressaltar que a partir da publicação do RICA brotam as novas iniciativas para a transmissão da fé na perspectiva da inspiração catecumenal da catequese.

Do mesmo modo, o Diretório para a Catequese, publicado em 2020, afirma que “a catequese é pedagogia em ação da fé” (DC, n. 166). Com base nesse pressuposto fundamenta-se essa pesquisa que visa unir a experiência de educação na fé realizada na Arquidiocese de Florianópolis com a reflexão acadêmica a fim de dar sustentação teórica aos itinerários didáticos de Iniciação à Vida Cristã para catequizandos e acompanhamento das famílias em uso na catequese na Arquidiocese de Florianópolis. Assim, a pesquisa tem como base o 13º Plano de Pastoral aprovado na Arquidiocese de Florianópolis, no ano de 2012. A partir desse momento, a Igreja local começou a planejar e implementar novos itinerários de educação na fé, a fim de responder aos apelos de evangelização identificados no cenário nacional e, de acordo com as pistas de ação derivadas das cinco urgências propostas nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2011-2015- e 2015-2019): 1. Igreja em estado permanente de missão; 2. Igreja: casa da iniciação à vida cristã; 3. Igreja: lugar de animação bíblica da vida e da pastoral; 4. Igreja: comunidade de comunidades; 5. Igreja a serviço da vida plena para todos.

Em acordo com as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (2011-2015 e 2015-2019), a Arquidiocese de Florianópolis responde no seu 13º Plano de Pastoral à 2ª urgência *Igreja: casa da iniciação à vida cristã*, com um processo de planejamento e elaboração de novos itinerários para a catequese com crianças e adolescentes e com a elaboração de novos itinerários de formação e acompanhamento da fé para a família dos catequizandos.

Nesse ponto cabe enfatizar a participação do pesquisador no desenvolvimento desse planejamento. No ano de 2013 com o ingresso no curso de Bacharelado em Teologia na Arquidiocese de Florianópolis após a primeira formação acadêmica em Matemática (Licenciatura) e a experiência de discernimento vocacional, foi possível contribuir com a caminhada da comunidade da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, no bairro Procasa, São José (SC), enquanto catequista na formação de adolescentes e de catequistas. E ainda, como aluno do curso de Bacharelado de teologia, foi possível participar com as atividades do Estágio Supervisionado da caminhada de outras paróquias da Arquidiocese de Florianópolis, ampliando, desse modo, o campo de atuação e de conhecimento da realidade.

Após a conclusão do curso de Bacharelado de Teologia, realizei Especialização em Catequese – Iniciação à Vida Cristã. E, na mesma ocasião, integrei a equipe do Núcleo de Pesquisa e Estudos em Catequética na Faculdade Católica de Santa Catarina (NUPEC/FACASC), ainda em atividade. Com base nessas experiências e em sintonia com a Paróquia Santíssima Trindade, bairro Trindade, Florianópolis (SC), optei para dar continuidade nos estudos sobre catequese e comunidades de fé em nível de Mestrado.

Assim, busquei aprofundar as questões inerentes à catequese. Todavia, permaneciam dúvidas quanto a sua organização na Arquidiocese de Florianópolis e a sistematização dos processos de educação na fé após a aprovação do 13º Plano de Pastoral. É diante desta lacuna que emerge a problemática desta pesquisa: qual a proposta pedagógico-catequética da Arquidiocese de Florianópolis para a reorganização e elaboração dos novos itinerários de educação na fé?

De tal modo, optei por documentar o processo de revisão, elaboração e implementação do itinerário pedagógico-catequético na Arquidiocese de Florianópolis. Além disso, busquei refletir sobre pedagogia catequética ao longo da tradição magisterial do Concílio Vaticano II e sua influência na história recente da Igreja; descrevi o processo de elaboração do 13º Plano de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis, enfatizando o planejamento e elaboração do itinerário didático para a Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal; registrei o trabalho de elaboração dos itinerários didático-pedagógicos de Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal na Arquidiocese de Florianópolis, para catequizandos e famílias e, caracterizei os elementos de formação de catequistas e agentes de

evangelização na implementação dos novos itinerários didáticos de catequese na Arquidiocese de Florianópolis.

O ano de 2016 marcou o início do processo de aplicação dos novos *Itinerários de Iniciação à Vida Cristã* na Arquidiocese de Florianópolis. São eles: Itinerário de Iniciação à Vida Cristã, destinados às crianças e adolescentes - volumes 1, 2, 3, e 4, e, Itinerário da Família, destinados aos familiares que acompanham os catequizandos durante todo o processo - volumes 1, 2, 3 e 4.

Sabemos que o sucesso de qualquer tipo de aprendizagem consiste na relação teoria-prática e vice-versa. Essa relação pressupõe uma íntima aproximação do pensamento e da ação, para resultar em transformação. A relação teoria-prática torna-se um processo contínuo de fazer, teorizar e refazer a partir da experiência e da vivência. Talvez a falta dessa relação seja uma das causas do distanciamento dos catequizandos e das famílias à vida em comunidade após a recepção dos sacramentos. Consideramos que o anúncio do Evangelho e o processo da maturação da fé não podem ser desencarnados da realidade, ou seja, da experiência do catequizando. Do mesmo modo, os métodos e as formas de comunicar a fé cristã não são iguais para todas as dioceses e/ou comunidades de fé, pois as culturas e as experiências religiosas são diferentes. Este fato precisa ser levado em conta num processo pedagógico de educação na fé.

A cultura cristã nasce da consciência da centralidade de Jesus Cristo e do seu Evangelho. “A Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração” (EG, 2013, n. 14). Esse impulso missionário é sustentado pela alegria, pelo comprometimento, por uma linguagem adequada, inculturada, capaz de expressar a força do anúncio do Evangelho. É fundamental, portanto, assegurar um itinerário de educação na fé que leve à maturidade espiritual, a um processo de interiorização da fé, de pertencimento e de acolhida, pois:

No centro da catequese está o encontro vivo com Cristo. A finalidade da catequese é a de fazer que alguém se ponha não apenas em contato, mas em comunhão com Jesus Cristo: somente ele pode levar ao amor do Pai no Espírito e fazer-nos participar na vida da Santíssima Trindade (DC, 2020, n. 75).

Do mesmo modo, “o encontro com Cristo envolve a pessoa na sua totalidade: coração, mente, sentidos” (DC, 2020, n. 76). A comunhão com Cristo faz brotar no fiel a vida de comunhão com a Igreja, a vida fraterna em comunidade e o desejo

missionário. Portanto, a catequese tem a tarefa de favorecer o conhecimento e o aprofundamento da mensagem cristã, de ajudar à compreensão e à participação ativa nas celebrações litúrgicas, de despertar para o “sentido de comunidade, escuta atenta da Palavra de Deus, oração confiante, louvor e ação de graças, sensibilidade aos símbolos e aos sinais” (DC, 2020, n. 82).

A hipótese levantada nessa pesquisa consiste em que a vivência da fé, no cotidiano das famílias, promovida por itinerários que prezem pela leitura e meditação da Palavra de Deus, favorece a formação, o amadurecimento na fé e a configuração dos fiéis a Cristo. Sendo assim, os itinerários didáticos são caminhos que conduzem à inserção na vida em comunidade e possibilitam o sentimento de pertença e o próprio sentido de vida, por meio da dignidade batismal e da herança de fé em Cristo, que nos torna filhos e filhas do Pai, pela ação do Espírito.

Assim, optamos pela pesquisa bibliográfica e documental a fim de buscar as legitimidades e as consistências dos itinerários catequéticos produzidos na Arquidiocese de Florianópolis. Identificamos fontes e registros desde o processo de elaboração do 13º Plano de Pastoral (2012-2022), até o processo de implementação dos itinerários didáticos propostos para essa análise. Do mesmo modo, propomos correções e revisões necessárias aos próprios itinerários já delineados.

De forma sucinta, a estrutura dessa dissertação é composta de quatro capítulos, tendo como temas orientadores a reflexão sobre a pedagogia-catequética, a inspiração catecumenal, a vivência da fé em comunidade delineada nos itinerários didáticos, a necessidade da conversão de estruturas e da ação evangelizadora das Igrejas particulares.

Portanto, o primeiro capítulo visa refletir sobre a pedagogia divina da Revelação, como caminho de inspiração para a pedagogia da Igreja, culminando com a contribuição dos documentos do Magistério, em especial a *Lumen Gentium* e a *Dei Verbum*, na elaboração de uma pedagogia catequética para as Igrejas particulares. O segundo capítulo descreve o processo de revisão do 13º Plano de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis, a partir das Atas das Assembleias de Pastoral e das Diretrizes anteriores, seguindo com a descrição do planejamento para elaboração dos Itinerários de Iniciação à Vida Cristã com inspiração catecumenal para catequizandos e famílias. Já o terceiro capítulo registra as ações de elaboração dos Itinerários de Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal na Arquidiocese de Florianópolis, para catequizandos e famílias, evidenciando os objetivos

alcançados, sinalizando as possibilidades de revisão do material didático em uso. E no quarto capítulo caracterizamos os elementos de formação de catequistas e agentes de evangelização, considerando os processos de acompanhamento para a implementação dos novos itinerários didáticos para a catequese na Arquidiocese de Florianópolis, com os catequizandos, familiares, lideranças e comunidade.

Desse modo, consideramos que a missão da catequese consiste na tarefa de educar na fé seus interlocutores a partir das suas experiências. Por isso, o tema da pedagogia catequética é uma necessidade sempre atual para as Igrejas particulares que buscam promover a evangelização de maneira que a mensagem evangélica possa chegar em todos os lugares e tocar a vida das pessoas durante a jornada de sua existência. O tema da pedagogia catequética motiva essa pesquisa, enraizada na reflexão catequética e pastoral eclesial, resgatando da inspiração catecumental a catequese querigmática e a iniciação mistagógica, para favorecer a inserção do fiel na experiência viva da comunidade cristã, “verdadeiro lugar da vida de fé” (DC, 2020, n. 2).

2 UM NOVO CONCEITO DE IGREJA E DE CATEQUESE A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II

Toda ação evangelizadora precisa ser assumida e planejada com humildade e na perspectiva da caminhada de fé iniciada por nossos antepassados, homens e mulheres que, tendo ouvido o chamado do Divino Pastor, colocaram-se a caminho, peregrinando na esperança, na observância atenta dos mandamentos do Senhor Deus.

Um povo peregrino na fé é o distintivo daquela primeira comunidade eleita para acolher, viver e testemunhar a presença paterna e providente do Senhor Deus (LG, 1997, n. 9). Nesse sentido, as propostas de evangelização de nossas comunidades eclesiais visam atender, no peregrinar da história, as pessoas em suas diferentes realidades, tendo como base a experiência de fé em Deus, que vê, ouve e atende seus filhos e filhas (Ex 3,7). Destarte, a experiência de encontro com Deus e de testemunho de vida são as pegadas que registram os rumos de nossas comunidades de outrora e, que agora, servem de sinal para a nossa caminhada na fé.

Para que essas perspectivas da itinerância na fé possam ser contempladas nos planejamentos das Igrejas particulares e, sejam guias no planejamento das atividades dos organismos e setores de evangelização, é necessário estar em comunhão as diretrizes do Concílio Vaticano II (1962-1965), que também deu-se numa dinâmica de peregrinação. De acordo com Amaral:

Enquanto no Vaticano I o convite para as Igrejas Cristãs exigia o reconhecimento de seus erros e exigiam que elas voltassem ao seio da Igreja Mãe. Para o Vaticano II, as Igrejas não unida [sic.] a Roma foram convidadas como Igrejas irmãs. Assim, elas enviaram para participar desse concílio seus observadores que tiveram a partir do Concílio Vaticano II a oportunidade de assistir todas as sessões, embora sem direito de voto. Eram nesse sentido, hóspedes do Papa e não pecadores que deveriam voltar ao seio materno da Igreja Mãe. Tal investidura, teve um grande sucesso, no início do Concílio, 17 Igrejas estavam presentes nas sessões do concílio (2010, p. 7).

O Concílio Vaticano II foi um evento que marcou a caminhada da Igreja em seus vinte séculos de história numa perspectiva de avaliação interna. Seu idealizador, o então cardeal Roncalli, papa João XXIII, conhecido na Cúria como papa transitório (AMARAL, 2010, p. 5), presenteou a Igreja com um Concílio

Ecumênico. “Depois de três anos de preparação, por certo laboriosa, mas também feliz e tranquila, eis-nos aqui, agora, ao sopé da santa Montanha” (JOÃO XXIII, 1987 *apud* BEOZZO, 2015, p. 188). E assim, o papa João XXIII deixava sua marca perpétua na história da Igreja universal.

Por isso, do mesmo modo, que os membros da assembleia conciliar fizeram a experiência da caminhada entre seus pares, num misto de encontros, debates, escutas e decisões, permeados por consensos e dissensos, é salutar que as iniciativas hodiernas da ação evangelizadora estejam em sintonia com aquelas orientações emanadas nos documentos finais do Concílio, mas, também, consentidas pelos participantes do mesmo evento sinodal. Era o ano de 1965, e no dia “8 de dezembro, o Papa, os bispos, e a multidão de fiéis reuniram-se na praça de São Pedro, para a missa de ação de graças, de regozijo e de despedida. Ia começar a era pós-conciliar” (VALENTINI, 2011, p. 40).

A assembleia conciliar refletiu sobre a presença da Igreja no mundo, indicando novas maneiras para ser e agir, oferecem para nossa prática eclesial hodierna os elementos fundantes de uma pedagogia catequética, fruto da reflexão sobre a Revelação divina como pedagogia da fé (LOPES, 2012, p.58). É necessário buscar o essencial da pedagogia divina para que nossos esquemas metodológicos sejam capazes de favorecer o encontro de todas as criaturas com seu Criador. Este retorno às fontes não é só conciliar, mas uma necessidade humana de estar em profunda conexão com sua fonte primeira, a base de sua existência na direção do sentido da vida, que busca por plenitude em todas as suas relações, como veremos a seguir.

2.1 O RESGATE DA PEDADOGIA DA REVELAÇÃO DIVINA PELO CONCÍLIO VATICANO II

O Concílio Ecumênico Vaticano II ficou conhecido como o maior evento da Igreja no século XX. Como afirma Valentini “mesmo sem nos darmos conta, toda a nossa vida eclesial carrega as marcas da virada histórica do Vaticano II” (2011, p. 5). A mudança da cosmovisão eclesial destaca-se pela conversão da Igreja em seu modo de perceber o mundo, refletindo diretamente na purificação de sua identidade e na concepção sobre o modo de atuar em suas atividades próprias e no diálogo com a sociedade hodierna.

A cosmovisão decorreu daquilo que se pode chamar de projeto do Concílio, um esquema estrutural concentrado em quatro objetivos: “aprofundar o que é a Igreja; renová-la internamente; favorecer a união dos cristãos, e estabelecer um diálogo com o mundo contemporâneo. Paulo VI desenvolveu estes fins no discurso de abertura da segunda sessão conciliar” (ARÉS, 2004, p. 1123). Por meio dessa acentuada renovação eclesiológica, o Concílio Vaticano II assumiu o desejo do *aggiornamento*¹ proposto por João XXIII e colocou a Igreja em atitude de diálogo aberto e sincero com o mundo contemporâneo.

De acordo com Floristan (1999, p. 149):

El término *aggiornamento* significó en Juan XXIII la necesidad de una renovación evangélica, de una mejor respuesta a las exigencias de la historia y de una nueva actitud para dialogar con los cristianos no católicos. A pesar de que algunos eclesiólogos piensan que el concepto de *aggiornamento* fue al principio una ‘idea originaria vaga’, resultó en la práctica enormemente fecunda. En la encíclica *Ecclesiam suam*, recuerda Pablo VI que ‘la palabra, ya famosa, de nuestro venerado predecesor Juan XXIII, de feliz memoria, *aggiornamento*, será siempre tenida como orientación programática’, como ‘criterio rector del concilio’, como ‘estímulo para la siempre renaciente vitalidad de la Iglesia’.²

Dom Demétrio Valentini acompanhou o Concílio Vaticano II de perto quando estudava em Roma, no mesmo período da realização do Concílio. Para quem fez a experiência do evento conciliar e, posteriormente exercitou sua vida pastoral tornou fundamental tomar essa vivência como parâmetro e testemunho basilar do que significou a assembleia para a vida e a missão da Igreja. Dom Valentini registra o seguinte testemunho:

O Vaticano II teve como tema central a **IGREJA**, na sua natureza e missão. Um tema forte, oportuno, decisivo. Na história da Igreja, o Vaticano Segundo vai ficar marcado para sempre como o concílio ‘eclesiológico’, que abordou a Igreja, de maneira profunda e exaustiva (2013, p. 14, grifo do autor).

Sob a guia do Espírito Santo, que se fez presença fecunda na criação, proteção e conforto na peregrinação do deserto, testemunha fidedigna dos mistérios

¹ *Aggiornamento* significa, em italiano, atualização. Tem três sentidos básicos: pôr em dia ou manter em dia; modernização, adequação a exigências ou critérios novos; adiamento. Usado por João XXIII para indicar o escopo do Vaticano II, o termo *aggiornamento* passou a ser usado, em âmbito eclesial, sem tradução (ALMEIDA, 2015, p. 8).

² Optamos por manter o texto original, em espanhol, por se tratar de línguas próximas e de fácil compreensão.

do Pai revelados na vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, é chegada a hora de a Igreja deixar-se guiar por esse mesmo Espírito, a fim de que sua missão de testemunhar a salvação ao mundo inteiro seja fecunda e abundante. “Ciertamente, el espíritu del Vaticano II no consiste em negar todo lo anterior de la Iglesia, sino en precisar la novedad conciliar, percebida como un nuevo pentecostes” (FLORISTAN, 1999, p. 155).

Deste espírito conciliar, a Igreja novamente coloca-se à escuta da Palavra de Deus e se deixa guiar por ela, acolhendo a realidade do mundo por meio do diálogo sincero com os homens e as mulheres de cada época, sem condenar, e avança para a unidade dos cristãos como sinal de uma nova humanidade reconciliada por obra do Pai, revelada na Páscoa do Filho com a força do Espírito Santo.

2.1.1 A *Lumen Gentium* e a nova imagem de Igreja: Povo de Deus

A Igreja se faz por seus gestos e por graça edificante do Espírito Santo. Porém, a ação humana poderá ser sempre melhorada em vista do objetivo de anunciar e viver a fé em Jesus Cristo. Por outro lado, facultou-se questionar as opções escolhidas para as estratégias de ação de uma Igreja particular, quiçá, da Igreja universal. Na história da salvação, a contribuição deixada por nossos pais e mães na fé, e aqui neste contexto, pelos padres conciliares, resultou no Concílio Vaticano II, um baú de onde se retiram coisas novas e velhas para o bem da ação evangelizadora.

Para Feller:

Quando há, hoje, muita gente dizendo que a Igreja está perdida, nossa diocese não tem linha, nossa paróquia perdeu o rumo, valeria a pena voltar ao Vaticano II e, através dele, voltar às fontes: Jesus de Nazaré, Deus na história humana! Central em todo este processo é a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja! O programa do Concílio de retorno às fontes da fé cristã continua valendo para o nosso tempo. Agora, porém, com novo alcance: retorno às fontes da Igreja dos primeiros séculos, através da história e dos documentos do Concílio Vaticano II (2013, p. 38).

A tarefa de resgatar a fonte da fé cristã completa aqueles objetivos traçados para o Concílio Vaticano II com o único pretexto de repensar a evangelização do mundo contemporâneo. Por isso que o Concílio Vaticano II ficou conhecido como “preferentemente pastoral, que apresenta a fé tendo em conta o homem concreto” (ARÉS, 2004, p. 1123). O movimento conciliar preparado pelas vertentes: bíblica,

litúrgica, ecumênica, catequética e outras, favoreceu que a Igreja alcançasse a maturidade de corrigir algumas estratégias e concepções acerca de sua tarefa no mundo, em diálogo com a sociedade, apontando luzes ante os desafios que a realidade apresenta.

A eclesiologia nova proposta desde o Concílio Vaticano II tem por base o diálogo, Igreja e sociedade convergindo para a promoção da vida em todas as suas dimensões. Nas palavras de Floristan (1999, p. 149): “El Vaticano II no se propuso condenar doctrinas o pronunciar anátemas, sino exponer el mensaje cristiano com un lenguaje renovado para una mejor comprensión por parte del hombre actual”.

O conteúdo deste diálogo é a verdade de fé de que Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, é o farol que ilumina as pegadas da humanidade peregrina na história. Esta é a mensagem primeira e central da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*:

Cristo é a luz dos povos. Por isso, este sagrado Concílio, congregado no Espírito Santo, deseja ardentemente que a luz de Cristo, refletida na Igreja ilumine todos os homens, anunciando o Evangelho a toda criatura (cf. Mc 16,15). E, porque a Igreja é em Cristo como que sacramento, isto é, sinal e instrumento, da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano, retomando o ensino dos concílios anteriores, propõe-se explicar com maior clareza aos fiéis e ao mundo inteiro, a sua natureza e a missão universal (1997, n. 1).

Refletir a luz e a imagem de Cristo, por atitudes, palavras e programas de evangelização, segundo o entendimento dos padres conciliares, é a missão da Igreja que deseja manter-se fiel à condição de sinal da presença salvífica do Pai, dada no seguimento sincero de seu Filho, Cristo Jesus. Ele é a luz do mundo (Jo 8,12). As ações concretas da Igreja, portanto, precisam ser reflexo desta luz no mundo (Mt 5,13) de maneira que alcance todas as pessoas e suas realidades.

O mistério da santa Igreja manifesta-se na fundação dela mesma. Com efeito, o Senhor Jesus deu início à sua Igreja pregando a boa nova, isto é, a vinda do reino de Deus, prometido havia séculos nas Escrituras: “Cumpriu-se o tempo, e o reino de Deus está próximo” (Mc 1,15; cf. Mt 4,7). Este reino manifesta-se claramente aos homens nas palavras, nas obras e na presença de Cristo. [...] A Igreja, enriquecida pelos dons do seu fundador e observando fielmente os seus preceitos de caridade, de humildade e de abnegação, recebe a missão de anunciar e instaurar em todas as gentes o reino de Cristo e de Deus, e constitui ela própria na terra o germe e o início deste reino (LG, 1997, n. 5).

Este sentido do mistério divino que toca as realidades históricas, transformando o caos em harmonia, os sinais de morte em vida, é anunciado por obras e ações da Igreja e precisa tocar a concretude da vida dos fiéis e das pessoas de boa vontade em todo o mundo. Mas, o processo sistemático de aprofundamento deste mistério divino que permite ser tocado mesmo que às apalpadelas, porque Deus não está longe de nós (At 17,26-28), é feito por processos dinâmicos e graduais, tendo por base o planejamento das Igrejas particulares e encaminhados pelos serviços eclesiais. Aqui, instala-se o percurso da renovação da catequese, que em muitos lugares, é o serviço primeiro e responsável pelo aprofundamento do anúncio da fé cristã. Por isso, a ação evangelizadora da Igreja, por meio da catequese, é a continuação da missão de Jesus Cristo de congregar todas as pessoas dispersas num só rebanho (Jo 10,46).

Por meio da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* o papel da ação evangelizadora da Igreja é fazer crescer no coração dos fiéis, e por conseguinte, das comunidades eclesiais, o desejo de ouvirem a voz do Pastor para retomarem o caminho de vida e unidade (Jo 10,27). O novo rebanho, regenerado por obra do Espírito Santo, é herdeiro das mesmas promessas de plenitude e paz que o povo de Deus, eleito para uma vida de aliança. Por meio do Concílio Vaticano II, portanto, não há mais dúvidas de que:

Em qualquer tempo e nação, é aceito por Deus todo aquele que o teme e pratica a justiça (cf. At 10,35). Aproveu, no entanto, a Deus santificar e salvar os homens, não individualmente, excluindo toda relação entre os mesmos, mas formando com eles um povo, que o conhecesse na verdade e o servisse na santidade. E assim escolheu Israel para seu povo, estabeleceu com ele uma aliança, e o foi instruindo gradualmente. [...] Tudo isto aconteceu como preparação e figura daquela aliança nova e perfeita, que haveria de ser selada em Cristo, e da revelação mais plena que havia de ser comunicada pelo próprio Verbo de Deus, feito carne. [...] Cristo estabeleceu este novo pacto, isto é, a nova aliança do seu sangue (cf. 1Cor 11,25), formando, dos judeus e dos gentios, um povo que realizasse a sua própria unidade, não segundo a carne, mas no Espírito, e constituísse o novo povo de Deus (LG, 1997, n. 9).

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* destaca o itinerário da salvação pelo qual a Igreja precisa pautar seus planos de ação evangelizadora. A imagem da Igreja, enquanto povo de Deus, é a marca eclesiológica do Concílio Vaticano II. Nesta imagem é possível entender a missão da Igreja de acompanhar o rebanho do Senhor disperso no mundo todo, colocando-se a serviço da humanidade para

defender e promover os valores evangélicos, para que o povo, que é de Deus, tenha vida em abundância (Jo 10,10). Como afirma Floristan “los responsables de la dirección de la Iglesia están al servicio de todo el Pueblo de Dios” (1999, p. 170).

Urge recuperar, por meio da imagem da Igreja, enquanto povo de Deus, a dimensão profética da catequese, para que à luz da Palavra de Deus, sejam revisados os conteúdos dos itinerários de aprofundamento da fé, ajudando todos os fiéis a sentirem-se membros do povo eleito de Deus, herdeiros da salvação e protagonistas de suas trajetórias. É sobre a acolhida desta mensagem de salvação realizada ao longo da história humana que o Diretório para a Catequese explica que:

Filhos no Filho, os cristãos recebem um espírito de caridade e de adoção para o qual confessam sua filiação chamando Deus de *Pai*. O ser humano, renovado e feito filho, é uma criatura pneumática, espiritual, em comunhão, que se deixa conduzir pelo sopro do Senhor (Is 59,19), que, suscitando nele ‘tanto o querer como o fazer’ (Fl 2,3), permite-lhe corresponder livremente ao bem que Deus quer. [...] Essas retomadas nos permitem compreender o valor que a pedagogia divina possui para a vida da Igreja, e quão determinante é sua exemplaridade também para a catequese, chama a ser inspirada e animada pelo Espírito de Jesus e, com sua graça, a moldar a vida de fé daquele que crê (2020, n. 163).

No itinerário da salvação identifica-se a ação primeira do Pai que chama e congrega seus filhos e filhas para reunirem-se em um único rebanho. Por ação do Filho a promessa do Pai se concretiza e a humanidade conhece a plenitude da vida, o amor infinito do Pai que se revela nos gestos e nas palavras do Filho (Hb 1,1-2). E por obra do Espírito Santo, memória da Igreja (Jo 14,16), a Igreja acolhe esta pedagogia divina de revelação e se coloca a serviço da salvação do gênero humano e da criação inteira.

Assim, os conteúdos de um itinerário de formação, bem como a vida da Igreja, dependem do encanto e do encontro com a Revelação divina, que é sempre dinâmica e nova, de acordo com os tempos e lugares. O Concílio Vaticano II ocupou-se da matéria da Revelação em todas as suas sessões, para aprovar, em 18 de novembro de 1965, a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, que trataremos a seguir.

2.1.2 A *Dei Verbum* e a Pedagogia Divina: a Revelação

A Constituição Dogmática *Dei Verbum* foi o documento conciliar que promoveu a revisão sobre “a genuína doutrina sobre a Revelação divina e sua

transmissão, para que, ouvindo o anúncio da salvação, o mundo inteiro creia, crendo espere, esperando ame” (1997, n. 1). Não se trata, por isso, de uma constituição sobre a Bíblia, mas do conteúdo que esta contém para ser lido e anunciado, ajudando a perceber o conteúdo da mesma Revelação contida nas Sagradas Escrituras, na Tradição da Igreja, na vida dos homens e mulheres e na criação inteira.

Sobre o conceito e conteúdo da Revelação, Geraldo Lopes afirma:

A Revelação é Deus comunicando e manifestando a sua própria vida divina na história das criaturas. Estas etapas vão culminar na pessoa de Jesus. Deus quis se revelar às criaturas humanas para que estas o conhecessem e assim pudessem livremente amá-lo e escolhê-lo como Bem Supremo de sua vida (2012, p. 38).

A catequese ocupa-se diretamente do exercício de anunciar esta mensagem salvífica revelada ao longo da história, porque “ouve a palavra de Deus com amor, a guarda com todo o cuidado e expõe fielmente, e neste depósito único da fé encontra tudo quanto propõe para se crer como divinamente revelado” (DV, 1997, n. 10). O Diretório para a Catequese explica esta postura da catequese que está a serviço da Revelação divina, promovendo a atualização da mensagem aos interlocutores de acordo com o tempo e lugar.

O caminho de Deus que se revela e salva, unido à resposta de fé da Igreja na história, torna-se fonte e modelo da pedagogia da fé. A catequese, portanto, configura-se como um processo que torna possível a maturidade da fé por meio do itinerário de cada fiel. A catequese é, portanto, *pedagogia em ação da fé* que realiza uma obra de *iniciação, educação e ensinamento*, tendo sempre bem clara a unidade entre o conteúdo e a modalidade na qual é transmitido. A Igreja tem consciência de que o Espírito Santo age efetivamente na catequese: essa presença faz da catequese uma pedagogia original da fé (DC, 2020, n. 166).

A originalidade da mensagem cristã consiste em apresentar Jesus Cristo, Verbo de Deus encarnado, modelo para toda pessoa humana, em quem os gestos, as palavras e todo seu agir nos falam de Deus. Na humanidade de Jesus revela-se o Deus invisível. Por isso que o conteúdo da fé cristã não pode separar palavras de obras. A começar pela criação, obra primeira de Deus, na qual todo o seu amor é percebido na harmonia dos minerais, dos vegetais e dos animais. Seguindo pela história da salvação que tem o povo eleito de Israel como protagonista da aliança do

amor divino e se plenifica em Jesus de Nazaré e nos acontecimentos de sua vida, paixão morte e ressurreição.

Neste sentido, a Pedagogia Divina é o modo com que o próprio Deus conduz a humanidade a fazer experiência, isto é, é o modo que Deus favorece para que se possa sentir e viver seus mistérios. Como explica Luiz Lima:

A grande novidade é afirmar que o objeto da Revelação Divina não são as verdades sobre Deus, mas Ele próprio. [...] Daí a dimensão *experencial* da revelação: ela está intimamente ligada com a experiência humana, com a vida concreta do dia a dia, pessoal, comunitária, social, econômica, cultural, política, ou ainda com a nossa existência humana. [...] Deus não revela *algo* sobre si, mas a sua mesma Pessoa; tal Revelação chega ao seu ápice com a Pessoa do Verbo Encarnado (2016, p. 91-92, grifo do autor).

O retorno às fontes, ideia norteadora das reflexões dos padres conciliares, fez com que as iniciativas pastorais, desde então, tivessem a comunidade da primeira hora como referência para o seguimento de Jesus Cristo na contemporaneidade. Fixando assim, o critério para revisão do processo de catequese a partir da vivência, da celebração e do testemunho de fé das primeiras comunidades cristãs contidas na Palavra de Deus.

Como ensina a própria *Dei Verbum*, “também o ministério da palavra, isto é, a pregação pastoral, a catequese e toda a instrução cristã, na qual a homilia litúrgica deve ter lugar principal, encontra alimento e vigor santo na mesma palavra da Escritura” (1997, n. 24). A Igreja inteira é chamada a exercer seu ministério profético, guiando-se pela Palavra de Deus, comunicando ao mundo a mensagem de salvação que é seu sustento e razão de ser.

A partir da atualização da mensagem cristã aos interlocutores de sua época, a catequese precisa reordenar seus conteúdos, sem prescindir daquilo que se conhece como conteúdo doutrinal e indispensável. Como explica Cássio Silva, a *Dei Verbum* instala um novo conceito do conteúdo bíblico para a catequese:

Sem abandonar o aspecto doutrinal, a catequese, nos seus mais diversos âmbitos (primeira comunhão, crisma, de adultos, etc.), passou a discorrer sobre a história da salvação, não mais baseada nas ‘histórias sagradas’, mas sim diretamente no texto bíblico. Os catequizandos de primeira comunhão e crisma, por exemplo, são incentivados a ter e a ler a Bíblia (2006, p. 40).

Esta abordagem direta ao texto bíblico marca a revolução da catequese, pondo em prática o encaminhamento conciliar de que “é preciso que os fiéis tenham amplo acesso à Sagrada Escritura” (DV, 1997, n. 22). Este acesso à mensagem da salvação de Deus revelada no Filho acontece por inspiração e ação do Espírito Santo (DV, 1997, n. 11), aproximando as pessoas de outrora às comunidades de fé de nossos dias. Este exercício de atualizar a mensagem é catequese em ato.

Em vista disso, a pedagogia divina de sair ao encontro, mostrar-se e alcançar o ser humano em sua realidade é a fonte de inspiração para a pedagogia da Igreja, para o fazer da catequese, anunciando essa mesma mensagem de fé de maneira ordenada, sistemática e processual. “A catequese [...], torna-se ação pedagógica a serviço do *diálogo da salvação* entre Deus e o gênero humano (DC, 2020, n. 165, grifo do autor). Temos assim, a diretriz básica para a transmissão da fé na Revelação divina que precisa ser contemplada no momento de planejar e organizar a ação evangelizadora das comunidades e Igrejas particulares.

2.2 A PEDAGOGIA CATEQUÉTICA NOS DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II E NOS DOCUMENTOS PÓS-CONCILIARES

Embora a catequese não tenha sido elencada como um dos temas aos quais o Concílio se deteve diretamente, houve um forte movimento de reflexão catequética nos momentos que o antecederam. De acordo com Carvalho e Gil:

o Concílio Vaticano II (1962-1965) foi o ponto culminante, entre outros, do movimento catequético, bíblico e litúrgico vivido pela Igreja no final do século XIX e primeira metade do século XX. Além disso, os documentos conciliares influenciaram a transformação da catequese (2019, p. 12).

Veremos, assim, como os documentos conciliares contribuíram para este aspecto transformador da catequese, agregando novo significado pastoral, com a missão de apresentar aos homens e mulheres do tempo presente a mesma verdade de fé vivida e testemunhada na plenitude dos tempos, quando o Verbo eterno fez morada entre a humanidade.

Neste contexto, responde-se ao intento de identificar a presença da catequese nas reflexões do Concílio Vaticano II. É sabido que o tema da catequese não se definiu como grande linha dentre as comissões preparatórias. Porém, a evangelização carece de sua dimensão formativa, com o aprofundamento do

anúncio de Jesus Cristo e das verdades que dão base ao crer e agir de todo fiel. Assim, os temas relativos à sistematização da catequese são identificados nas Constituições *Sacrossanctum Concilium*, *Dei Verbum* e nos Decretos *Christus Dominus* e *Ad Gentes*.

2.2.1 A Catequese nos Documentos do Concílio Vaticano II

As orientações da Constituição Dogmática *Dei Verbum* (1963) e da Constituição *Sacrossanctum Concilium* (1963) incidem diretamente para a compreensão da unidade entre Palavra de Deus e Liturgia, para o aprofundamento da fé, por meio do ministério da Palavra e do ministério do sacerdócio comum de todos os batizados. A mensagem de salvação revelada ao longo da história da humanidade, guardada no baú da fé da Tradição, precisa de canais e instrumentos que a tornem sentida em cada coração humano.

Sobre isso, o Diretório para a Catequese ensina que:

A liturgia e a catequese, compreendidas à luz da Tradição da Igreja, embora cada uma tenha sua especificidade, não devem estar justapostas, mas devem ser compreendidas no contexto da vida cristã e eclesial e ambas são orientadas a viver a experiência do amor de Deus. [...] Portanto, não é possível pensar a catequese apenas como preparação para os sacramentos, mas ela se compreende em relação à experiência litúrgica (2020, n. 96-97).

E a partir dos Decretos *Christus Dominus* (1963) e *Ad Gentes* (1963) percebe-se o rumo necessário para que a catequese alcance o desejo dos padres conciliares de apresentar ao mundo a mensagem salvífica guardada na Palavra, celebrada na Liturgia e vivida no cotidiano de nossas vidas por meio do Amor- Caridade. Dessa maneira, as orientações do Concílio Vaticano II formam as bases sólidas de uma pedagogia catequética, no âmbito de uma educação das verdades da fé. Educação essa que pressupõe a experiência de vida e de fé que cada pessoa faz ao encontrar-se com o amor divino que se revela também em uma pessoa, Jesus de Nazaré.

Tendo identificado por meio da Constituição Dogmática *Dei Verbum* o itinerário pelo qual Deus mostra-se a si mesmo, na pessoa de seu Filho, entendendo assim, a Revelação como a pedagogia divina de conduzir a humanidade à salvação, passaremos ao entendimento oferecido a partir da Constituição *Sacrossanctum*

Concilium que nos ensina que o ministério de santificar o povo de Deus, por meio de ritos e atos litúrgicos, também é momento do anúncio e experiência da boa nova da salvação.

Assim, a catequese recebe novo vigor quando a ação litúrgica da Igreja adere à reforma e incrementos necessários conforme determina o Concílio Vaticano II.

O Sagrado Concílio, propondo-se fomentar sempre mais a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às exigências do nosso tempo aquelas instituições que são suscetíveis de mudanças, favorecer tudo o que pode contribuir à união dos que crêem [sic] em Cristo, e revigorar tudo o que contribui para chamar a todos ao seio da Igreja, julga ser sua obrigação ocupar-se de modo particular também da reforma e do incremento da liturgia (SC, 1997, n. 1).

O contributo da liturgia para a catequese percebe-se sobremaneira pela participação ativa dos fiéis na liturgia, quando ouvem e meditam a Palavra de Deus proclamada e, em comunidade, elevam a Deus seus dons e preces. Isso acontece porque “Cristo está sempre presente em sua Igreja, e especialmente nas ações litúrgicas. [...] Está presente na sua palavra, pois é ele quem fala quando na Igreja se lêem as Sagradas Escrituras” (SC, 1997, n. 7). Os múnus de ensinar e santificar, portanto, são inseparáveis para o sustento e aprofundamento da fé.

O Concílio Vaticano II, para Veronice Fernandes “ampliou e desenvolveu a noção da presença de Cristo na liturgia. Além de estar presente nas espécies eucarísticas, Cristo está presente na palavra, na pessoa do ministro, nos sacramentos, na assembleia reunida para orar e salmodiar” (2003, p. 5).

A Constituição Dogmática *Dei Verbum* recorda esta dupla dimensão de alimentar a fé e de sustentar a comunidade por meio da Palavra e dos sinais visíveis dos sacramentos. “A Igreja sempre venerou as divinas Escrituras, como também o próprio corpo do Senhor; sobretudo na sagrada liturgia, nunca deixou de tomar e distribuir aos fiéis, da mesa tanto da palavra de Deus como do corpo de Cristo, o pão da vida” (1997, n. 21).

Ademais, Lopes explica que:

A Mesa da Palavra fartamente servida ao Povo de Deus é a fonte da salvação eterna. Esse alimento torna-se sangue, carne e espírito para todos que o comem. A comunidade é formada pela Palavra, sustentada por ela. É daí que ela se torna luz e fonte para todos (2012, p. 132).

Partindo deste entendimento de unidade entre a mesa da Palavra e a mesa da Eucaristia, o Concílio Vaticano II determina a restauração da iniciação à vida cristã, especialmente dos adultos, para que as pessoas que buscam a fé e a inserção na Igreja, sejam formadas e acolhidas de acordo com as exigências dos novos tempos.

Restaure-se o catecumenato dos adultos, com vários graus, introduzindo-se o seu uso segundo o parecer do ordinário do lugar, de modo que o tempo do catecumenato, dedicado à conveniente instrução, possa ser santificado por meio de ritos sagrados que se hão de celebrar em ocasiões sucessivas (SC, 1997, n. 64).

A restauração do catecumenato antigo aconteceu com a publicação do Ritual de Iniciação Cristã de Adultos – RICA (1972), foco de nossa reflexão mais à frente. Aqui, fica registrada a contribuição da *Sacrossactum Concilium* para a catequese quando, pedindo a restauração da iniciação sacramental, orienta para que o período da instrução, conhecido como o tempo da catequese (catecumenato), seja planejado com dedicação e contemple momentos de santificação por meio de atos litúrgicos, favorecendo o compasso de aprender e aprofundar a fé por meio da catequese e celebrá-la por meio dos ritos propostos no itinerário formativo.

Na esteira dos documentos conciliares, o Decreto *Christus Dominus*, sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja, também dá sua contribuição para a catequese quando se refere à formação na fé de todas as pessoas.

Cuidem que não só às crianças e adolescentes, mas também aos jovens e até aos adultos, seja dada boa formação catequética; esta, pelo ensino da doutrina, deve tornar a fé viva, explícita e prática. Cuidem que este ensino seja dado segundo a ordem e o método que mais convenham não só à matéria explicada, mas também ao desenvolvimento, capacidade, idade, e condições de vida de quem ouve, e que o ensino se baseie na Sagrada Escritura, na Tradição, na Liturgia, no Magistério e na vida da Igreja (CD, 1997, n. 14).

Nas linhas do Decreto percebe-se que, dirigindo-se às pessoas responsáveis, neste caso os bispos em primeiro lugar, o Concílio pede atenção quanto ao método, isto é, ao modo de como a instrução na fé será oferecida. Ao listar os conteúdos da catequese, os padres conciliares fazem questão da primazia da Palavra, conteúdo central para reformar a catequese após o Concílio.

E, novamente, os padres conciliares pedem aos bispos a devida atenção à pessoa adulta: “Esforcem-se também por estabelecer ou organizar melhor a formação dos catecúmenos adultos” (CD, 1997, n. 14). O que demonstra a preocupação dos padres conciliares de que a fé em Cristo seja anunciada, assimilada e aprofundada por meio da adesão sincera e madura, faculdade mormente esperada da pessoa adulta.

Acompanhando a dimensão metodológica e temática da catequese, o Decreto *Christus Dominus* também estabeleceu, entre as diversas disposições legais, que fossem elaborados diretórios para os diversos temas e grupos de fiéis. Desse modo, contribuiu para que surgisse o Diretório Catequético Geral, em 1972. Como encaminhamento concreto, temos:

Dispõe também este santo Sínodo que se redijam Diretórios gerais para a cura de almas, tanto destinados aos bispos como aos párocos, onde uns e outros encontrem métodos seguros para mais fácil e frutuoso desempenho das obrigações pastorais. Redijam-se ainda, não só um Diretório especial sobre a cura pastoral dos grupos particulares de fiéis, segundo as circunstâncias de cada nação ou região, mas também um Diretório da formação catequética do povo, que exponha os princípios fundamentais, a orientação e também o modo de redigir os livros desta matéria. Na elaboração destes Diretórios tenham-se igualmente em conta as observações apresentadas tanto pelas comissões como pelos Padres conciliares (CD, 1997, n. 44).

O Concílio Vaticano II, portanto, apontou os caminhos por onde a ação pastoral da Igreja precisa percorrer em vista de sua ação evangelizadora. Tanto para a Igreja universal quanto para as orientações das Igrejas particulares, há um desejo de unidade, mesmo na diversidade de contextos, realidades e povos, para que a mensagem do Evangelho alcance a pessoa concreta, oferecendo luzes e discernimento para sua história de vida e de fé.

Neste impulso missionário da Palavra que ecoa nos corações de mulheres e homens, registramos também a contribuição do Decreto *Ad Gentes* para a catequese, inicialmente no âmbito da evangelização dos povos e sua relação com a iniciação à vida cristã, e em seguida, sobre o exercício do ensino e desenvolvimento da maturidade na fé.

O Decreto *Ad Gentes* afirma:

Sempre que Deus abre a porta da palavra para anunciar o mistério de Cristo a todos os homens, com confiança e constância seja anunciado o Deus vivo, e aquele que ele enviou para a salvação de todos, Jesus Cristo, para

que os não-cristãos, sob a inspiração interior do Espírito Santo, se convertam livremente à fé no Senhor, e adiram sinceramente àquele que, sendo 'caminho, verdade e vida' (Jo 14,6), responde a todas as suas esperanças espirituais, superando-as infinitamente (1997, n. 13).

Após o anúncio de Jesus Cristo e da decisão livre da pessoa, inicia a catequese formal, com apresentação dos conteúdos e atos litúrgicos com caráter santificante do processo de educação na fé. Este respeito ao processo e aceitação de cada pessoa é também uma marca do Concílio Vaticano II, que pediu por parte da Igreja a revisão de seus programas e suas atitudes concretas, uma vez que o desejo do Concílio é o diálogo e a atualização da mensagem à humanidade contemporânea, fortemente marcada pelas reflexões das ciências humanas e sociais que pregavam a autonomia da pessoa por meio de sua consciência.

Outra contribuição do Decreto *Ad Gentes* está em íntima relação com as orientações do Decreto *Christus Dominus*, mas agora, mostrando que os conteúdos citados por este, são capazes de moldar a vida e as decisões da pessoa por toda sua vida.

Aqueles que receberam de Deus por meio da Igreja a fé em Cristo, sejam admitidos ao catecumenato, mediante a celebração de cerimônias litúrgicas. O catecumenato não é mera exposição de dogmas e preceitos, mas uma formação de toda a vida cristã e uma aprendizagem efetuada de modo conveniente, por cujo meio os discípulos se unem a Cristo seu mestre. Por conseguinte, sejam os catecúmenos convenientemente iniciados no mistério da salvação, na prática dos costumes evangélicos e com ritos sagrados, a celebrar em tempo sucessivos, sejam introduzidos na vida da fé, da liturgia e da caridade do Povo de Deus (AG, 1997, n. 14).

A catequese que será oferecida às mulheres e aos homens da contemporaneidade estrutura-se pelos documentos aprovados durante o Concílio Vaticano II. Em vista disso, a partir da reforma litúrgica, desponta a motivação para que a formação na fé seja constante, progressiva e fortalecida em cada ato litúrgico da Igreja. E, para tanto, a catequese que está a serviço da evangelização, tem como centralidade a Palavra de Deus, que guia e sustenta a fé do povo de Deus. Os Documentos conciliares são necessários para a orientação, indicação de princípios, e renovação de métodos para a catequese, mas considerando sempre a docilidade ao Espírito Santo, que realiza tudo em nós e por meio de nós.

2.2.2A Catequese nos Documentos pós-conciliares

O Concílio Vaticano II deixou algumas tarefas de casa para os bispos presentes e, por extensão, para toda a Igreja. “Trata-se de um leque muito amplo de questões eclesiais, voltadas para o interior da própria Igreja e para sua vocação de serviço à humanidade no mundo” (VALENTINI, 2011, p. 60). Na lista dos documentos conciliares, pelo menos duas atividades concretas foram solicitadas: a redação de um Diretório e a restauração do processo de formação e iniciação na fé dos adultos, o catecumenato.³

Luiz Lima confirma que

importantes publicações da Sé Apostólica marcaram os anos 70, já nos pós Concílio: duas delas, logo no início dessa década, foram o cumprimento dos dois mandatos do Concílio: [...]: o *Diretório Catequético Geral* e o *Rito de Iniciação Cristã de Adultos* (2016, p. 135, grifo do autor).

Desde o encerramento do Concílio Vaticano II, em 8 de dezembro de 1965, a catequese recebeu nova contribuição com a publicação do Diretório Catequético Geral, pela Sagrada Congregação para o Clero, com aprovação do papa Paulo VI, em 11 de abril de 1971. Na apresentação do texto da versão brasileira, lê-se a sua íntima relação com as intenções dos padres conciliares:

O presente Diretório Catequético Geral é publicado em obediência à norma do n. 44 do Decreto *Christus Dominus*. [...] Este [sic] Diretório tem como escopo fornecer os princípios fundamentais teológicos-pastorais, tirados no Magistério eclesiástico e de maneira particular do Concílio Ecumênico Vaticano II, para eles, mais adequadamente se possa dirigir e organizar a ação pastoral do ministério da palavra. Daí se depreende por que neste Diretório predomina o aspecto teórico, embora, é claro, também não falte o aspecto prático (DCG, 1971, p. 5-6, grifo do autor).

O destaque dado acima se refere ao ministério da Palavra, interpretado na qualidade de dignidade com que muitas pessoas exercem sua missão de anunciar, acompanhar e ensinar a fé cristã. No decorrer dos anos, percebe-se o

³ Catecumenato, palavra que vem da mesma raiz que “catequese”, é o tempo de preparação para os Sacramentos da Iniciação Cristã: Batismo, Confirmação ou Crisma e Eucaristia. Na antiguidade, esta preparação obedecia a uma programação que se prolongava durante um certo tempo, de acordo com a necessidade da pessoa interessada. Mas era durante a Quaresma que esta experiência de preparação era marcada por ritos significativos, no meio da comunidade em oração (CNBB, 2002, p. 64).

reconhecimento da pessoa do catequista nas bases das comunidades de fé, mas é ainda tímida a reflexão do ministério da catequese a serviço da Palavra de Deus.

Também é possível ler no Diretório a finalidade para a qual ele foi promulgado:

O Diretório destina-se principalmente aos Bispos, às Conferências Episcopais e de maneira geral a todos que, sob sua orientação, têm responsabilidade no campo catequístico. O fim imediato do Diretório é fornecer auxílio para a confecção de diretórios catequéticos e catecismos. [...] Desta forma se evidencia qual é a meta a que necessariamente deve ater-se a catequese: propor na íntegra a mensagem cristã (DCG, 1971, p. 6-7).

Novamente a tônica do planejamento responsável por parte de bispos e demais responsáveis nas Igrejas particulares para que o exercício da catequese seja desempenhado em sintonia com as demais Igrejas, respondendo às demandas de suas regiões específicas. Porém, é recomendado para que em todas as circunstâncias, se mantenha o foco na mensagem central do Evangelho.

A segunda lição de casa deixada pela assembleia conciliar completou-se, em 06 de janeiro de 1972, por meio da Sagrada Congregação para o Culto Divino, que publicou o Rito da Iniciação Cristã dos Adultos (RICA), conforme a edição brasileira de 1973. Na Introdução desta versão, lê-se a intenção de responder as demandas do Concílio para com a restauração do catecumenato primitivo:

O Rito inclui, além da celebração dos sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia, todos os ritos do catecumenato. Este, aprovado pelo antiquíssimo uso da Igreja, é aplicado hoje nas missões em todas as regiões e de tal modo solicitado, que o Concílio Vaticano II decretou fosse restaurado e revisto, assim como adaptado às tradições locais (RICA, 1975, n. 2).

Desse modo, registramos a esse ponto o que ficou conhecido como inspiração catecumenal, ou seja, o modo de proceder, a critério de cada Igreja particular, na oferta da formação na fé em sintonia com a dinâmica progressiva e permanente do catecumenato primitivo. E, ademais, o Rito destina-se originalmente aos adultos, como pessoas capazes de acolher, em plena liberdade, as consequentes evoluções no itinerário da fé.

Este Rito de Iniciação Cristã é destinado aos adultos que, iluminados pelo Espírito Santo, ouviram o anúncio do mistério de Cristo e, conscientes e

livres, procuram o Deus vivo e encetam o caminho da fé e da conversão. Por meio dele, serão fortalecidos espiritualmente e preparados para uma frutuosa recepção dos sacramentos no tempo oportuno. [...] O Rito de iniciação se adapta ao itinerário espiritual dos adultos, que varia segundo a multiforme graça de Deus, a livre cooperação dos mesmos, a ação da Igreja e as circunstâncias de tempo e lugar (RICA, 1975, n. 1.5).

A riqueza do Ritual de Iniciação Cristã de Adultos⁴ (RICA) mostra no desenrolar dos Tempos e Etapas da inspiração catecumenal e, para além dos ritos previstos no itinerário, que o processo catecumenal depende de uma comunidade convertida, de um estilo dinâmico de vida, progressivo e não-linear. De acordo com Domingos Ormonde, “encontramos no RICA quase tudo que diz respeito ao catecumenato, a saber: a teologia da iniciação cristã, o processo do catecumenato composto por diferentes tempos de informação e amadurecimento, [...] culminando no ciclo pascal do ano” (2002, p. 250-251).

Para Jerônimo Silva, “o RICA exprime e realiza os sinais, os modos e as passagens de um caminho pessoal dentro de uma realidade eclesial na direção da fé cristã” (2015, p. 9). Por esse motivo, uma comunidade que passe a executar os recursos do Ritual precisa estar preparada para superar o estilo atual de pastoral e acolher a nova Igreja, ou seja, a eclesiologia que brota do processo.

O despertar de uma nova eclesiologia exige olhos atentos à realidade e discernimento do Espírito a fim de perceber os modos como a catequese precisa reagir e atuar para alcançar as reformas e intentos do Concílio Vaticano II. Para tanto, o papa Paulo VI instituiu o Sínodo dos Bispos, uma assembleia permanente de representantes do episcopado, para manter viva a experiência daquele modo de refletir e agir em assembleia conciliar. Este é o desejo expressado no *Motu proprio Apostolica sollicitudo*, de 15 de setembro de 1965, do papa Paulo VI:

Por isso, é justo, especialmente durante a celebração do Concílio Ecumênico Vaticano II, que esta convicção se enraíze firmemente em Nós sobre a necessidade e a importância de usar cada vez mais a ajuda dos bispos para prover o bem da Igreja universal (1965, sem página).

A instituição da assembleia do Sínodo dos Bispos é outra inspiração criativa do Espírito Santo para ser reproduzida nas Igrejas particulares, com a finalidade de

⁴ A edição revisada de 2001 deu o título de Ritual da Iniciação Cristã de Adultos, considerando que a obra é composta por mais de um rito de iniciação, incluindo o rito completo, o rito simplificado, o rito abreviado em perigo de morte e rito para crianças em idade de catequese. Desta maneira, o novo título é também um alargamento das possibilidades de ritos para a iniciação de candidatos à fé cristã.

dividir as tarefas, partilhar as opiniões e fazer a experiência da comunhão de talentos, ideias e decisões. Trata-se de uma necessidade de aprender a aprender, na perspectiva da *docibilitas* (DC, 2020, p.103), e suscitar uma Igreja sinodal, peregrina e discípula missionária.

Colocado em prática, a Terceira Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, realizada em 1974, ocupou-se do tema *A evangelização do mundo moderno*. Dela resultou a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Evangelii Nuntiandi* sobre a evangelização no mundo contemporâneo, publicada pelo papa Paulo VI, em 1975, na qual expõe as conclusões do Sínodo e as orientações para o futuro da evangelização.

Evangelii Nuntiandi ecoa, até os dias de hoje, em documentos, meditações e discursos por meio do seu refrão “evangelizar constitui, de fato a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade” (EN, 1975, n. 14). O desempenho dessa vocação sublime acontece na vida concreta das pessoas que, renovando sua fé por gestos e palavras, são responsáveis pela atualização e concretude da Igreja.

A evangelização há de conter também sempre – ao mesmo tempo como base, centro e ápice do seu dinamismo – uma proclamação clara que, em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus (EN, 1975, n. 27).

É, por esse motivo, que se entende a evangelização como vocação primeira da Igreja, tendo a seu serviço a educação, a celebração e a vivência concreta da fé. Tendo-se condições de realizar o anúncio da fé em Cristo, a Igreja oferece a oportunidade de aprofundar e conhecer melhor os mistérios de Cristo Jesus por meio da catequese.

Uma via que não há de ser descurada na evangelização é a do ensino catequético. [...] Os métodos, obviamente, hão de ser adaptados à idade, à cultura e à capacidade das pessoas, procurando sempre fazer com que elas retenham na memória, na inteligência e no coração, aquelas verdades essenciais que deverão depois impregnar toda a sua vida (EN, 1975, n. 44).

A evangelização é uma obra realizada pela Igreja para o bem futuro e constante das pessoas, carregando consigo a verdade da fé em Cristo crucificado e ressuscitado, capaz de transfigurar as realidades onde vivem.

Após o tema da evangelização, o Sínodo dos Bispos, em sua Quarta Assembleia Geral Ordinária, ocupou-se do tema A catequese nos nossos tempos. A Assembleia ordinária foi convocada e presidida pelo papa Paulo VI em 1977. Mas, em 06 de agosto de 1978, o papa Paulo VI faleceu e foi durante o pontificado do papa João Paulo II que a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Catechesi Tradendae*, sobre a catequese em nosso tempo foi apresentada à Igreja. Sua publicação ocorreu em 1979, redigida com inspiração nas conclusões do Sínodo.

Exercendo sua função de catequista da Igreja universal, o papa João Paulo II apresentou a Exortação *Catechesi Tradendae* com a mesma singeleza e sentido que se sugere para acontecer em nossas catequeses paroquiais, de modo que a mensagem do Evangelho toque primeiro o coração das pessoas para depois tocar a mente e gerar conversão.

Desejo ardentemente que esta Exortação Apostólica, dirigida a toda a Igreja, corrobore a solidez da fé e da vida cristã, dê um novo vigor às iniciativas que estão sendo postas em prática, estimule a criatividade – com a requerida vigilância – e contribua para difundir nas comunidades a alegria de levar ao mundo o mistério de Cristo (CT, 1980, n. 4).

Corroborar à solidez da fé e da vida cristã foi o desejo do papa João Paulo II para os novos rumos da catequese, após a realização do Sínodo. Mas o Concílio Vaticano II ainda estava para gerar mais frutos para a catequese e para a evangelização como um todo. E, em 25 de janeiro de 1983, foi publicado o Código de Direito Canônico, com o conjunto de leis e normas para tornar possível a gestão da estrutura hierárquica e orgânica da Igreja. As contribuições do Código de Direito Canônico para a catequese são listadas de modo indireto, a pensar na celebração dos sacramentos, na disposição dos espaços de culto e lugares sagrados, dentre outras. E, diretamente, no Livro III – Do múnus de ensinar da Igreja.

À Igreja, a quem Cristo Senhor confiou o depósito da fé, para que, com a assistência do Espírito Santo, guardasse santamente a verdade revelada, a perscrutasse mais profundamente, anunciasse e expusesse com fidelidade, compete o dever e o direito originário de pregar o Evangelho a todos os povos, independente de qualquer poder humano, mesmo usando de seus próprios meios de comunicação social (CIC, 1983, cân. 747, §1).

Destaca-se que o múnus de ensinar da Igreja perpassa todas as iniciativas de catequese, formais e informais, momentos pelos quais os fiéis exercem seu ministério profético de anunciar o conteúdo central da fé cristã e denunciar as

realidades que se distanciam ou se opõem aos valores do Evangelho. Por isso, o Livro III contempla as orientações sobre o ministério da Palavra de Deus, a formação catequética, a atividade missionária da Igreja, a educação católica em todos os níveis e os meios de comunicação social.

Duas décadas após a conclusão do Concílio Vaticano II era possível sentir sua aplicação por parte das Igrejas particulares. Em 1985, o papa João Paulo II convocou a Segunda Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos, cujo tema foi o XX aniversário da conclusão do Concílio Vaticano II. Sobre a realização desta Assembleia Sinodal Extraordinária, Brighenti afirma:

É o único Sínodo dos Bispos que não teve a publicação de uma exortação do papa, apenas o relatório do secretário do Sínodo, por sinal, com um olhar muito positivo do Concílio. Era o começo de uma 'reforma da reforma' do Vaticano II, com certo caráter oficial (2019, p. 28).

Mesmo com as aplicações do Concílio nas Igrejas particulares, o clima sentido pelos teólogos peritos é a chegada de um inverno eclesial (BRIGHENTI, 2019), com sentimentos de retorno ao pré-Concílio. Dentre as reflexões dessa Assembleia Sinodal Extraordinária surgiu a proposta de elaboração de um catecismo para a Igreja universal com os principais conteúdos da fé cristã. Essa proposta foi acatada pelo papa João Paulo II:

Nessa ocasião, os Padres sinodais manifestaram o desejo de que seja composto um Catecismo ou compêndio de toda a doutrina católica, tanto em matéria de fé como de moral, para que seja como um texto de referência para os catecismos ou compêndios que venham a ser preparados nas diversas regiões. A apresentação da doutrina deve ser bíblica e litúrgica, oferecendo ao mesmo tempo uma doutrina sã e adaptada à vida atual dos cristãos (2000, p. 8).

O Catecismo da Igreja Católica foi publicado, em 11 de outubro de 1992, no trigésimo aniversário da abertura do Concílio Vaticano II, com uma estrutura dividida em quatro partes, a saber: a fé professada – o credo cristão; a fé celebrada – a liturgia e os sacramentos; a fé vivida – as bem-aventuranças e os mandamentos; a fé rezada – o Pai Nosso.

O pontificado de João Paulo II ofereceu ainda novas contribuições para a missão da Igreja, no tocante à catequese. Ainda no ano de 1988 aconteceu a IX sessão do Conselho Internacional para a Catequese com o objetivo de atualizar o Diretório Catequético Geral. Na carta do Romano Pontífice, assinada em 21 de

setembro de 1988, ao presidente do Conselho lê-se a importante ratificação da tarefa de atualizar o Diretório:

Sobre esta base resultaba necesario llevar a cabo una revisión del Directorio catequístico general, para adecuar esas indicaciones a la nueva situación. Por tanto, el Consejo internacional para la catequesis ha dedicado oportunamente toda su sesión plenaria a esa importante tarea. El trabajo, que se ha realizado durante estos días basándose en estudios, observaciones y sugerencias anteriores de expertos, concluyó aclarando cuales secciones del Directorio han de conservarse, y cuáles es preciso reformar, con respecto a los problemas más serios que la catequesis de los próximos años deberá afrontar necesariamente. Entre éstos, la inculturación tiene seguramente gran importancia en la situación del mundo actual. En efecto, la pluralidad de las culturas se acentúa cada vez más, incluso en las regiones de antigua tradición cristiana (JOÃO PAULO II, 1997, sem página).

E assim, em 15 de agosto de 1997, fez-se conhecer o novo texto do Diretório Geral para a Catequese, que chegou ao seio da Igreja como instrumento aos desafios da inculturação do Evangelho e para o diálogo com o pluralismo cultural e religioso. Ademais, a contribuição do Diretório Geral para a Catequese chega quando a Igreja está na preparação para o início do novo milênio, momento de reflexão interna para colocar-se na escuta dos sinais dos tempos.

A voz do Espírito que Jesus, por parte do Pai, enviou a seus discípulos ressoa também nos acontecimentos da história. Por trás dos dados mutáveis da situação atual e nas profundas motivações dos desafios que se apresentam à evangelização, é necessário descobrir os sinais da presença e do desígnio de Deus. Trata-se de uma análise que se deve fazer à luz da fé, com uma atitude de compaixão. Valendo-se das ciências humanas, sempre necessárias, a Igreja busca descobrir o sentido da situação atual, no âmbito da história da salvação. Os seus juízos sobre a realidade são sempre diagnósticos para a missão (DGC, 2009, n. 32).

Com o passar do tempo, as orientações contidas nos textos oficiais da Igreja seguem na linha de ampliar e favorecer o diálogo com o mundo contemporâneo, concretamente, com as pessoas de todos os lugares e situações. Este apelo de anunciar o Evangelho para tornar conhecida a boa notícia da salvação, para os homens e mulheres de nossos dias, foi o tema da Décima Segunda Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos, ocorrida em 2008, sob convocação e presidência do papa Bento XVI.

O tema escolhido para esta assembleia sinodal foi A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja, e dele derivou um incentivo muito grande de estudo e difusão da Palavra de Deus na ação evangelizadora da Igreja, o que ficou conhecido como a

animação bíblica da pastoral, de maneira que todas as atividades, projetos e ações apostólicas e missionárias tivessem origem e motivação nas Escrituras. Das reflexões e encaminhamentos do Sínodo, foi publicada em 2010, a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini* sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. A contribuição direta da exortação refere-se à dimensão bíblica da catequese. Vejamos:

Um momento importante da animação pastoral da Igreja, onde se pode sapientemente descobrir a centralidade da Palavra de Deus, é a catequese, que, nas suas diversas formas e fases, sempre deve acompanhar o Povo de Deus. O encontro dos discípulos de Emaús com Jesus, descrito pelo evangelista Lucas (cf. Lc 24,13-35), representa em certo sentido o modelo de uma catequese em cujo centro está a explicação das Escrituras, que somente Cristo é capaz de dar (cf. Lc 24,27-28), mostrando o seu cumprimento em Si mesmo. Assim, renasce a esperança, mais forte do que qualquer revés, que faz daqueles discípulos testemunhas convictas e credíveis do Ressuscitado (VD, 2010, n. 74).

E, no clima de celebrar e aproveitar ainda mais as intuições do Concílio Vaticano II, o papa Bento XVI proclamou o Ano da Fé (2012-2013), que foi celebrado em toda a Igreja por ocasião dos cinquenta anos de abertura do Concílio. As motivações estão evidentes nas primeiras linhas da Carta Apostólica *Porta Fidei* com a qual se proclama o Ano da Fé:

A Porta da Fé (cf. At 14,27), que introduz na vida de comunhão com Deus e permite a entrada em sua Igreja, está sempre aberta para nós. É possível cruzar esse limiar, quando a Palavra de Deus é anunciada e o coração se deixa plasmar pela graça que transforma. Atravessar essa porta implica embrenhar-se num caminho que dura a vida inteira (BENTO XVI, 2011, p. 3).

Enquanto contribuição para a catequese, o Ano da Fé é referência para impulsionar o estudo da Palavra de Deus, onde encontramos testemunhos de fé desde os Patriarcas e Matriarcas, Sacerdotes e Sacerdotisas, Profetas e Profetisas, que servem de motivação para a adesão e vivência da fé de homens e mulheres em nossos tempos. Além de motivar o estudo e a aplicação do Catecismo da Igreja Católica em relação com a fé, a liturgia e a oração (BENTO XVI, 2011).

O Ano da Fé foi encerrado sob o pontificado do papa Francisco, em 24 de novembro de 2013, na Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo. Das reflexões e celebrações, em curso durante o Ano da Fé, foi publicada a Carta Encíclica *Lumen Fidei* sobre a fé, onde é possível entender a catequese como:

o tesouro de memória que a Igreja transmite: a confissão de fé, a celebração dos sacramentos, o caminho do Decálogo, a oração. À volta deles se estruturou tradicionalmente a catequese da Igreja, como se pode ver no Catecismo da Igreja Católica, instrumento fundamental para aquele ato com que a Igreja comunica o conteúdo inteiro da fé, tudo aquilo que ela é e tudo quanto acredita (FRANCISCO, 2013b, sem página).

Na esteira do pós-Concílio, no ano de 2012, sob convocação do papa Bento XVI, foi realizada a Décima Terceira Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos com o tema *A Nova Evangelização para a Transmissão da Fé Cristã*. E sob o pontificado de Francisco foi publicada, em 2013, a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Esta Exortação tem forte inspiração na *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, e coloca no centro da reflexão catequética a dimensão missionária da Igreja. O apelo de uma ação catequética em saída precisa ser pautado pela alegria do encontro com Jesus Cristo que cada fiel é vocacionado. Nas palavras de Francisco (2013a, p. 7), “A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento”.

E para a catequese em atitude missionária, Francisco delinea as dimensões essenciais para a educação na fé mundo atual:

Voltamos a descobrir que também na catequese tem um papel fundamental o primeiro anúncio ou *querigma*, que deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial. [...] Outra característica da catequese, que se desenvolveu nas últimas décadas, é a iniciação mistagógica, que significa essencialmente duas coisas: a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã (EG, 2013a, n. 164.166).

Como proposta concreta de uma presença significativa da Igreja no mundo atual, por meio de seus planos de pastoral e atividades apostólicas, mas principalmente pelo exercício de fé dos batizados, o papa Francisco exorta para uma ação evangelizadora pautada numa pedagogia do acompanhamento. Sobre isso, Francisco explica:

Neste mundo, os ministros ordenados e os outros agentes de pastoral podem tornar presente a fragrância da presença solidária de Jesus e o seu olhar pessoal. A Igreja deverá iniciar os seus membros – sacerdotes,

religiosos e leigos – nesta “arte do acompanhamento”, para que todos aprendam a descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro (cf. Ex 3,5) (EG, 2013a, n. 169).

E, no contexto recente dos documentos pós-conciliares para a catequese, o Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização publicou o Diretório para a Catequese, em 23 de março de 2020. Este segue as linhas gerais das duas edições anteriores, ratificando os conteúdos da Revelação Divina presente na *Dei Verbum*, que tem a Palavra de Deus como livro primeiro da catequese e confirmando a identidade da catequese em chave missionária.

Destaca-se, porém, a novidade de buscar a unidade de iniciativas da ação evangelizadora da Igreja tendo como fonte a força da vida nova recebida no batismo, derivando dele os múnus ou tarefas de todo fiel batizado: o ensino da fé, o culto e o pastoreio. O Diretório assim explica:

A catequese pertence plenamente a um processo mais amplo de renovação que a Igreja é chamada a realizar para ser fiel ao mandado de Jesus Cristo de anunciar seu Evangelho sempre e em todos os lugares (Mt 28,19). A catequese participa no empenho da evangelização, conforme sua natureza própria, a fim de que a fé possa ser sustentada em um permanente amadurecimento que se expressa em um estilo de vida que deve caracterizar a existência dos discípulos de Cristo. Por isso, a catequese se relaciona com a liturgia e com a caridade para evidenciar a unidade constitutiva da nova vida emanada do Batismo (DC, 2020, n. 1).

Portanto, é evidente a identidade da catequese para uma formação para a vida toda, que será possível por meio de uma proposta concreta de acompanhamento de famílias e demais interlocutores, para que a fé despertada, confessada e celebrada seja o sustento nas incertezas do cotidiano e seja também o critério de discernimento das tantas escolhas que se faz ao longo da vida. Por isso, catequese, liturgia e caridade são o tripé de toda ação evangelizadora que as Igrejas particulares precisam destacar em suas programações e planos pastorais para serem fiéis ao Magistério do Concílio Vaticano II.

2.3 A CATEQUESE NO MAGISTÉRIO LATINO-AMERICANO

O Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), compreendido pela estrutura de comunhão formada pelas Conferências Episcopais da região da América Latina e Caribe, que responde pelo magistério latino-americano, foi

instituído de maneira especial para dar continuidade aos temas do Concílio Vaticano II e atualizá-los para o contexto dos povos desta região.

O CELAM foi criado em 1956, em conexão com a Primeira Conferência Geral do Episcopado Latino-americano realizada no Rio de Janeiro em 1955. Sua origem legal remonta a 1958. A criação do CELAM precede à existência da maioria das Conferências Episcopais das igrejas locais. [...] Nesse sentido, o CELAM não foi forjado em uma reflexão feita pelo corpo episcopal do continente. Foi institucionalizado como um corpo eclesial-episcopal por iniciativa de alguns bispos e o impulso das instâncias romanas. Com a renovação do Concílio Vaticano II, esta instituição eclesial latino-americana adquirirá progressivamente mais autoconsciência do significado de sentimento colegial e suas repercussões pastorais positivas (ARENAS, 199?, sem página).

Deste modo, a reflexão teológica e pastoral, derivada dos impulsos do Vaticano II, orientam o caminhar da Igreja em solo latino-americano, enquanto instância de comunhão e participação “reuniu-se em Conferência Geral cinco vezes: 1955, 1968, 1979, 1992 e 2007, emitindo, em cada uma, um documento final como conclusão de trabalho” (ARENAS, 199?, sem página). A seu modo, cada Assembleia tratou de um tema pertinente ao contexto dos países latino-americanos, que precisam ser assumidos pela catequese, enquanto momento de aprofundamento e resposta de fé, diante das vicissitudes de nossas realidades. Antes, a catequese precisa operar em favor da superação dos desafios e propor caminhos de vida nova à luz do Evangelho.

2.3.1 A Catequese nos Documentos do CELAM

Nessa direção, apontamos nesse item de alguns poucos acenos dos documentos finais dessas conferências naquilo que concernem à catequese. Limitados pela brevidade desta seção, é sabido que cada Conferência Geral abordou uma vastidão de temas socioculturais, políticos, econômicos e, sobretudo, culturais e religiosos.

A Primeira Conferência Geral ocorreu no ano de 1955, na cidade do Rio de Janeiro, e ficou marcada como a assembleia que oficializou o pedido de criação do CELAM. Era ainda uma época pré-conciliar, e as novidades do *aggiornamento* do Concílio Vaticano II serão temas das futuras conferências gerais.

A Segunda Conferência Geral ocorreu no ano de 1968, na cidade de Medellín, Colômbia, e consistiu numa releitura do Concílio Vaticano II.

A Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, celebrada em Medellín, na Colômbia, de 24 de agosto a 6 de setembro de 1968, pode, seguramente, ser chamada de o maior evento eclesial do continente no século XX. É evidente que não se entende Medellín sem o Concílio Vaticano II, mas este não conseguiu, apesar dos esforços de São João XXIII, dar respostas aos grandes problemas que o então chamado Terceiro Mundo enfrentava. [...] O ano de 1968 foi bastante emblemático, pois, enquanto na Europa os jovens gritavam por mais liberdade, no continente latino-americano recrudesciam as ditaduras militares (GODOY; JÚNIOR, 2017, p. 7).

Destarte, o papel da educação da fé estava a serviço da paz, vivida no seio da igreja doméstica (MEDELLIN, 1968, sem página). Contudo, destacamos as conclusões pastorais do documento final atinentes à catequese:

1. Renovar a catequese, promovendo a evolução das formas tradicionais da fé, insistindo na catequese permanente dos adultos.
2. Evitar toda dicotomia ou dualismos entre o natural e o sobrenatural.
3. Guardar fidelidade à mensagem revelada, encarnada nos fatos atuais.
4. Orientar e promover, através da catequese, a evolução integral do homem e as transformações sociais.
5. Respeitar na unidade a pluralidade de situação.
6. Promover a evangelização dos batizados: na confirmação, para adolescentes e jovens; em um novo catecumenato, para os adultos.
7. Dar todo o valor catequético à família.
8. Empregar os meios de comunicação social.
9. Fomentar a organização da catequese em nível nacional e diocesano.
10. Formar catequistas leigos, preferentemente autótones *[sic]*.
11. Adaptar a linguagem eclesial ao homem de hoje, resguardando a integridade da mensagem.
12. Impulsionar trabalhos de reflexão e experimentação em institutos e equipes de trabalho, com a suficiente amplitude e liberdade (MEDELLIN, 1968, sem página).

Medellín aparece como a baliza de uma renovação da catequese, colocando no centro o tema da Revelação como conteúdo prioritário em diálogo com as culturas atuais, seguindo no diálogo com as famílias e com a pessoa adulta. Estes três elementos são fundamentais para toda ação evangelizadora que busque cumprir com a agenda de renovação da Igreja propondo diálogo e anúncio no mundo contemporâneo. De acordo com Therezinha Cruz:

Para isso precisaremos de reflexão, orientação e avaliação nos diferentes aspectos da catequese. Não se trata de preparar materiais uniformes, mas de capacitar para a criação de novas formas de educação da fé, adequadas a cada ambiente. Será preciso combinar uma boa formação, composta de conhecimentos necessários bem apresentados e assimilados, com meios de trabalhos adequados e uma indispensável liberdade de ação da nova vida emanada do Batismo (CRUZ, 2017, p. 148).

A catequese ambiental, por assim dizer, recupera a dimensão das pequenas comunidades, oportunizando um diálogo concreto sobre as dificuldades e possibilidades de anúncio e vivência do Evangelho. Para que a catequese alcance as comunidades de diversos ambientes é preciso investir com zelo apostólico na formação de catequistas, além de pessoas responsáveis pela formação catequética.

A Terceira Conferência Geral ocorreu no ano de 1979, na cidade de Puebla de Los Angeles, México, e deu continuidade aos temas tratados na Conferência de Medellín, mas agora sob os impulsos da Exortação *Evangelii Nuntiandi*.

O tema de Puebla foi a evangelização no presente e no futuro da América Latina. A grande questão: qual o mundo que a Igreja deve evangelizar? Com que mundo a Igreja, em nome do evangelho, se deve comprometer? Em outras palavras, como atuar pastoralmente na América Latina em total fidelidade ao evangelho? [...] Na época em que se realizava Puebla, o mais urgente desafio era a defesa ou proclamação da dignidade da pessoa humana, a proclamação dos direitos fundamentais da pessoa humana na América Latina, à luz de Jesus Cristo. Por isso, uma evangelização em comunhão e participação para que o ser humano possa ser mais humano, à luz de Jesus Cristo (LORSCHIEDER, 2004, p. 13).

Diante de tantos questionamentos que a conjuntura social e os bastidores eclesiais apresentaram à assembleia, o documento final registrou alguns critérios em vista da formulação das respostas que incidam na prática eclesial: a) envolvimento de toda a comunidade nos processos de evangelização; b) a fidelidade à mensagem do Evangelho que é sempre a verdade sobre o mistério de Jesus Cristo; c) pertença e fidelidade à Igreja, local visível da participação e comunhão de fé; d) atenção ao contexto da vivência da fé por meio da inculturação da mensagem para as realidades continentais; e) catequese que promova a conversão de vida, da mente e do coração; f) educação da fé integral e integradora, de modo que a Palavra de Deus seja lida, meditada e vivida em favor da vida de todas as pessoas (PUEBLA, 1979, n. 992-999).

Puebla é a Conferência que pede da Igreja uma evangelização que leve em conta a valorização e o despertar da consciência histórica dos povos e suas culturas. O mistério de Deus é percebido na docilidade ao Espírito Santo e permite ser conhecido quando as ações de evangelização promovem a vida e a dignidade das pessoas. A tarefa de uma catequese integral e integradora precisa ser contemplada nos planos de ação de nossas Igrejas particulares.

A Quarta Conferência Geral ocorreu no ano de 1992, na cidade de Santo Domingo, República Dominicana, e foi o registro da necessidade de uma catequese inculturada, fomentando as mesmas diretrizes que moldariam o Diretório Geral para a Catequese anos mais tarde.

O tema escolhido para a Conferência de Santo Domingo foi “Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã”, e o lema “Jesus Cristo ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8). A contribuição direta de Santo Domingo para a catequese situa-se numa consciência de difundir os valores do Evangelho, com iniciativas novas, garantindo o devido respeito aos povos do continente latino-americano.

Falar de Nova Evangelização, como advertiu o Papa no Discurso Inaugural desta IV Conferência, não significa propor um novo Evangelho diferente do primeiro: há um só e único Evangelho do qual se podem tirar luzes novas para problemas novos. Falar de Nova Evangelização não quer dizer reevangelizar. Na América Latina, não se trata de prescindir da primeira evangelização, mas de partir dos ricos e abundantes valores que ela deixou para aprofundá-los e complementá-los, corrigindo as deficiências anteriores (SD, 1992, n. 4).

Assim, a catequese que se vê provocada a reformar-se desde Medellín e Puebla, precisa buscar novos caminhos para responder com criatividade aos problemas novos da vida dos povos do continente latino-americano. Para contribuir na elaboração dessas respostas, o documento final propõe a formação permanente de leigos e leigas como chave para que a Nova Evangelização aconteça de maneira eficiente.

A importância da presença dos leigos na tarefa da Nova Evangelização que conduz à promoção humana e chega a informar todo o âmbito da cultura com a força do Ressuscitado nos permite afirmar que uma linha prioritária de nossa pastoral, fruto desta IV Conferência, há de ser a de uma Igreja na qual os fiéis cristãos leigos sejam protagonistas. Um laicato, bem estruturado com uma formação permanente, maduro e comprometido, é o sinal de Igrejas particulares que levam muito a sério o compromisso da Nova Evangelização (SD, 1992, n. 103).

Santo Domingo indica, então, que as linhas de atuação para o diálogo com o pluralismo religioso e cultural seria por meio de uma comunidade protagonista de sua fé. A dimensão de serviço, não compreende apenas no cumprir tarefas ocasionais, mas em ter uma vida pautada pela vocação de viver e anunciar os valores do Evangelho.

A Quinta Conferência Geral ocorreu no ano de 2007, na cidade de Aparecida, Brasil, e teve como tema “Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nele, nossos povos possam ter vida”, e lema “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). A Conferência de Aparecida aconteceu no clima da missão continental, como maneira de promover a Nova Evangelização impulsionada por Santo Domingo. Este projeto missionário é o fio condutor do documento final e marca até os dias de hoje os temas da ação evangelizadora das Igrejas particulares.

Aparecida refere-se à catequese na qualidade de formação permanente de todos os fiéis e lança como desafio para as Igrejas particulares a restauração da iniciação à vida cristã tendo como responsável a comunidade cristã inteira. “Não pode existir vida cristã fora da comunidade: nas famílias, nas paróquias, nas comunidades de vida consagrada, nas comunidades de base, nas outras pequenas comunidades e movimentos” (DAp, 2007, n. 278d). E, assim, o tema se concretiza, uma vez que cada discípulo é também missionário em sua realidade e local onde atua.

Voltando-nos para a catequese, Aparecida pede uma reforma dos processos de iniciação à vida cristã, recuperando a dimensão essencial de todo processo de formação na fé – que é o querigma.

Sentimos a urgência de desenvolver em nossas comunidades um processo de iniciação na vida cristã que comece pelo *querigma* e que, guiado pela Palavra de Deus, conduza a um encontro pessoal, cada vez maior, com Jesus Cristo, perfeito Deus e perfeito homem, experimentado como plenitude da humanidade e que leve a conversão, ao seguimento em uma comunidade eclesial e a um amadurecimento de fé na prática dos sacramentos, do serviço e da missão (DAp, 2007, n. 289).

A Conferência de Aparecida é um marco para que a Igreja ajude seus fiéis a realizar o encontro verdadeiro com Jesus Cristo na pertença a uma comunidade de fé, para ali aprenderem sempre mais os mistérios da Boa Nova, celebrando a fé e promovendo a vida onde ela esteja ameaçada.

Tendo realizado cinco conferências gerais, o CELAM está traçando um itinerário na busca de alcançar a maturidade de comunhão e orientação das Igrejas particulares, em sintonia com a Igreja universal, tendo sempre no horizonte os rostos dos povos latino-americanos e caribenhos, rostos que compõem o grande mosaico de vida e de fé, neste solo sagrado, onde corre leite e mel (Ex 3,8).

Integram também, o magistério do CELAM, duas publicações de grande importância para a formação de agentes pastorais e, além disso, para compreender a catequese como obra pedagógica da fé: o *Manual de Catequética* e o subsídio de reflexão *A alegria de iniciar discípulos missionários na mudança de época*.

Em 2007, o Departamento de Catequese do CELAM (DECAT-CELAM), publicou um “Manual de Catequética” como subsídio para as instituições superiores de formação de ministros ordenados ou fiéis leigos, para a reflexão da catequética, disciplina da educação da fé, portanto, em categoria científico-pedagógica, distinta da catequese em ato como anúncio e ensino da fé (CELAM, 2007, p. 7). Em seu título original *testigos y servidores de la palabra – Manual de Formación Catequética* fica evidenciada a importância da catequética nos currículos de formação dos agentes de pastoral e ministros ordenados, em vista de uma compreensão unívoca da pedagogia catequética e do ministério da Palavra, como pediu a *Sacrossanctum Concilium*:

Nas celebrações litúrgicas seja mais abundante, variada e bem adaptada a leitura da Sagrada Escritura. [...] O ministério da palavra deve ser exercido com muita fidelidade e no modo devido. Deve a pregação, em primeiro lugar, haurir os seus temas da Sagrada Escritura e da liturgia, sendo como que o anúncio das maravilhas divinas na história da salvação, isto é, no mistério de Cristo, que está sempre presente em nós e opera, sobretudo nas celebrações litúrgicas (SC, 1997, n. 35).

Para bem conduzir a reflexão da disciplina de catequética nas faculdades e institutos superiores, o Manual apresenta-se organizado em cinco partes, a saber: Parte 1 – A catequese no dinamismo da Revelação; Parte 2 – A catequese no dinamismo da fé; Parte 3 – A catequese no dinamismo da evangelização; Parte 4 – A catequese no dinamismo da educação da fé; Parte 5 – A catequese no dinamismo eclesial. Todas essas partes, estudadas e depois colocadas em prática, ajudam as comissões diocesanas e demais instâncias de planejamento a oferecerem itinerários de educação da fé, seguindo uma pedagogia, que inicialmente é divina, e ilumina a pedagogia da Igreja ao receber, custodiar e transmitir a fé.

Recentemente, em 2015, o Departamento de Missão e Espiritualidade do CELAM (DEM-CELAM), publicou um subsídio de reflexão e formação de agentes de pastoral no contexto socioeclesial, registrado pela Conferência de Aparecida como mudança de época, onde chama em causa a participação da comunidade cristã para

contribuir com processos de educação da fé que se destaquem pelo acompanhamento e pertença eclesial. Nesse sentido:

O desenvolvimento do novo paradigma catequético exige um novo catequista, novo também em sua formação, para torná-lo um comunicador por excelência de sua própria experiência e relação com Jesus, e exige também uma comunidade cristã que desempenhe um papel proponderante no processo de fé (CELAM, 2015, p. 11).

O subsídio é composto de três capítulos que orientam a ação catequética para além da preparação sacramental, impulsionando um processo de educação da fé progressivo e atrativo para que os candidatos, ao celebrarem seu processo de iniciação, sejam incorporados plenamente na participação da vida em comunidade. Os capítulos do subsídio são: I Contemplar – um olhar de fé sobre nosso tempo; II Discernir: alguns critérios de iluminação; III Propor – novos horizontes para a Catequese.

Soma-se ao magistério do CELAM, por meio do Departamento de Catequese, mais duas publicações: A Catequese na América Latina: linhas comuns (1983) e, A Catequese na América Latina: orientações comuns à luz do Diretório Geral de Catequese (1999). E, nesses textos, vemos a contribuição do CELAM para as Conferências nacionais articularem-se em planejamentos comuns, levando em conta os temas evidenciados pelos três Diretórios da Catequese para a Igreja universal: a pessoa adulta (1971), a inculturação (1997) e a missionariedade (2020).

2.3.2A Catequese nos Documentos da CNBB

As reflexões do Concílio Vaticano II foram acompanhadas pela Igreja no Brasil a partir da presença dos bispos nas sessões do Concílio, das orações dos fiéis e, também por meio da reflexão em ambientes de estudo acadêmico e dos planos de ação para animar as atividades apostólicas nos diferentes contextos das comunidades de fé.

Após a realização do Concílio Vaticano II e das publicações de seus documentos, as conferências episcopais tiveram suas oportunidades de refletir sobre os modos de fazer a devida recepção, não apenas dos documentos, mas das grandes inspirações para a Igreja cumprir sua missão de sinal e presença de Cristo. A colegialidade do Conselho Episcopal latino-americano favoreceu para que as

conferências locais também investisse na revisão da catequese, conforme os seus contextos.

Com a aprovação do Ritual de Iniciação Cristã de Adultos, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) preocupou-se em atualizar as diretrizes e orientações em vista da celebração dos sacramentos da iniciação cristã. Assim, nos anos de 1973 e 1974 foram aprovados: o Documento Pastoral da Eucaristia – Número 1 – e, o Documento Pastoral dos Sacramentos da Iniciação Cristã – Número 2a –, para que as Igrejas particulares, por meio de suas comissões de liturgia sigam “desenvolvendo e adaptando à realidade de nossa pátria as preciosas orientações pastorais contidas nos novos livros litúrgicos, reformados por ordem do Concílio Vaticano II” (CNBB, 1974, p. 5).

Por ocasião da Assembleia Geral Extraordinária de 1980, a CNBB aprovou algumas emendas de cunhos teóricos e práticos sobre a celebração do batismo de crianças e o Documento Batismo de Crianças – número 19. Enfim, em 1983, por ocasião da 21ª Assembleia Geral, aprovou o Documento Catequese Renovada: orientações e conteúdo – Número 26 –, para tornar oficial o desejo e o compromisso de acolher as diretrizes do Concílio Vaticano II e das Conferências Gerais do CELAM, no âmbito da catequese.

O Documento 26 da CNBB apresenta uma breve história do percurso da catequese no Magistério da Igreja universal, alcançando o momento de recepção e entrega dos compromissos de renovação catequética na realidade brasileira:

Houve, em todo este último período, um grande esforço de integrar a catequese no conjunto da renovação pastoral, a fim de pôr em prática os princípios e normas do Concílio, repetidamente inculcados pelos Papas e pelos Sínodos, adaptados à situação latino-americana em Medellín e Puebla e à nossa situação brasileira pelas orientações e diretrizes gerais da CNBB (CR, 1983, n. 24).

A Catequese Renovada passa ser referência para todos os momentos de formação para agentes de pastoral, catequistas, escolas permanentes ou currículos acadêmicos pois definiu o princípio de interação fé e vida como modo distintivo da ação e metodologia catequética no Brasil. “Tal processo procurará unir: fé e vida; dimensão pessoal e comunitária; instrução doutrinária e educação integral; conversão a Deus e atuação transformadora da realidade; celebração dos mistérios e caminhada com o povo” (CR, 1983, n. 29).

Torna-se mister registrar a valorização da catequese com a pessoa adulta que o Documento Catequese Renovada aponta como necessidade e prioridade, ao afirmar que:

É na direção dos adultos que a Evangelização e a Catequese devem orientar seus melhores agentes. São os adultos os que assumem mais diretamente, na sociedade e na Igreja, as instâncias decisórias e mais favorecem ou dificultam a vida comunitária, a justiça e a fraternidade. Urge que os adultos façam uma opção mais decisiva e coerente pelo Senhor e sua causa, ultrapassando a fé individualista, intimista e desencarnada. Os adultos, num processo de aprofundamento e vivência da fé em comunidade, criarão, sem dúvida, fundamentais condições para a educação da fé das crianças e jovens, na família, na escola, nos Meios de Comunicação Social e na própria comunidade eclesial. Destacamos o peculiar valor do ano litúrgico para uma Catequese contínua e integrada. Igualmente, são momentos privilegiados para a Catequese de adultos os grandes conhecimentos da vida: nascimento, matrimônio, enfermidade, morte etc (CR, 1983, n. 130).

Recordando as orientações do Concílio Vaticano II, o Documento Catequese Renovada coloca como prioridade a ação evangelizadora voltada para a pessoa adulta. E assim, a Igreja no Brasil encontra a oportunidade para efetivar o princípio de interação fé e vida, tendo no centro de suas ações o diálogo com os adultos e suas famílias.

A Igreja no Brasil ganhou o seu diretório para a catequese no ano de 2005, quando da realização da 43ª Assembleia Geral da CNBB, que aprovou o Diretório Nacional de Catequese – Número 84 –, na época enviado à Santa Sé para as devidas revisões e aprovação. Em 08 de setembro de 2006 a Congregação para o Clero concedeu a aprovação do texto que passou a ser divulgado no Brasil a partir de 30 de setembro do mesmo ano. O Documento 84 da CNBB é a atualização e adaptação dos diretórios e outros documentos da tradição recente da Igreja para a catequese, além de partir da reflexão local presente no Documento 26.

O documento da CNBB Catequese Renovada: orientações e conteúdo, que, desde 1983, vem impulsionando a catequese no Brasil, continua sendo-lhe uma referência fundamental. Mas, de 1983 para cá, surgiram situações e documentos do Magistério apontando para a necessidade de novas orientações para reforçar o impulso da renovação da catequese (DNC, 2006, n. 2).

Distribuído em oito capítulos, agrupados em duas partes, o Diretório Nacional de Catequese serve às equipes de reflexão e estudos de todos os âmbitos, pois abrange: a história recente da catequese (cap. 1); a identidade da catequese (cap.

2); catequese e contexto (cap. 3); a mensagem e o conteúdo da catequese (cap. 4); a educação da fé (cap. 5); interlocutores da catequese (cap. 6); o ministério da catequese (cap. 7); e a organização da catequese (cap. 8). Porquanto, essas matérias dão condições para a previsão de um programa de catequese orgânico e plenamente a serviço da evangelização.

Ao comentar a tradição da catequese no Brasil, Brustolin e Rodrigues (2009, p. 203) afirmam que:

O DNC, à semelhança de nossas Diretrizes Gerais, pretende ter um caráter mais teológico-pastoral do que jurídico-normativo, apontando para a prática concreta da ação catequética. Nele encontramos critérios inspiradores para a ação catequética mais do que a indicação de normas para catequese. Recorre-se aos grandes temas, que fundamentam e orientam o exercício da catequese: do ponto de vista teológico (o conceito de Revelação Divina, a ênfase da catequese como ministério da Palavra, a dimensão evangelizadora da catequese). Do ponto de vista pedagógico trata da questão dos métodos, do novo redirecionamento para os destinatários ou interlocutores principais, ou seja, os adultos, a pessoa e formação do catequista, dos aspectos organizativos da educação da fé na Igreja particular e nas comunidades.

Após a recepção do Diretório Nacional de Catequese, a Igreja no Brasil viu crescer as reflexões em torno da iniciação à vida cristã mormente estimulada pela Conferência de Aparecida. Assim, em 2009, para comemorar os cinquenta anos do primeiro Ano Catequético e os trinta anos da Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, a CNBB promoveu o Ano Catequético Nacional com o tema “Catequese, caminho para o discipulado”, e como lema “Nosso coração arde quando ele fala, explica as Escrituras e parte o pão” (Lc 24,32.35).

O Texto-Base preparado para animar e orientar o Ano Catequético Nacional assegura que:

O Ano Catequético quer ser um despertar de todos os cristãos para a importância do aprofundamento e do amadurecimento da fé, vivida no seio da comunidade, empenhada em irradiar a vida em Cristo para toda a sociedade. A catequese, começando pela iniciação cristã e chegando a constituir-se em um processo de formação permanente, é um caminho de encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que é capaz de mudar nossa vida, levar ao engajamento na comunidade eclesial e ao compromisso comunitário (CNBB, 2008, p. 10).

O Ano Catequético é, nestes termos, o momento em que a Igreja no Brasil se torna sensível e disponível para investir na reflexão sobre os processos necessários

para aplicação de uma catequese reformada e orientada para a iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal, conforme o Documento de Aparecida.

Para atender as demandas da Conferência de Aparecida, a CNBB aprovou, em 2011, durante a realização da 49ª Assembleia Geral, o Documento Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil – Número 94 – no qual definiu “algumas *urgências na evangelização* que, por isso mesmo, devem estar presentes em todos os processos de planejamento e nos consequentes planos, independentemente do local onde as ações evangelizadoras aconteçam” (CNBB, 2011, n. 28, grifo do autor).

A Igreja no Brasil se empenhará em ser uma Igreja em estado permanente de missão, casa da iniciação à vida cristã, fonte da animação bíblica de toda a vida, comunidade de comunidades, a serviço da vida em todas as suas instâncias. Estes aspectos encontram-se inevitavelmente ligados, de tal modo que assumir um deles exige que se assumam os outros (CNBB, 2011, n. 29).

Em continuidade à reflexão sobre a urgência de uma caminhada em vista da iniciação à vida cristã, a Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética publicou, em 2014, o Itinerário Catequético: Iniciação à Vida Cristã – um processo de inspiração catecumenal. O objetivo do Itinerário Catequético consiste em orientar o planejamento da ação evangelizadora e a produção de subsídios para a catequese nas Igrejas particulares, das diferentes regiões do Brasil.

O Itinerário Catequético promove a criatividade e o diálogo entre as regiões, permitindo que as dioceses e comunidades eclesiais ofereçam itinerários formativos que respeitem a realidade local em vista da inculturação da mensagem do Evangelho. Essa primeira iniciativa é louvável em função do impulso de reflexão e operacionalização da iniciação à vida cristã no cenário brasileiro. E merece a devida atualização para incluir as diversas experiências já realizadas, de maneira especial, que contemple as orientações dos Diretórios: a pessoa adulta, a inculturação e a missionariedade.

Após o período de estudo, reflexão e aplicação das Diretrizes publicadas em 2011, a CNBB realizou a 53ª Assembleia Geral, em 2015, na qual novamente foram aprovadas e reconduzidas, por meio do Documento 102, as cinco urgências para mais um período de reflexão e efetivo trabalho de evangelização.

De acordo com essas urgências, a Igreja no Brasil se empenha em ser uma Igreja em estado permanente de missão, casa da iniciação à vida cristã, fonte da animação bíblica da vida e da pastoral, comunidade de comunidades, a serviço da vida em todas as suas instâncias. Estes aspectos encontram-se unidos de tal modo, que assumir um deles implica que se assumam os outros (CNBB, 2015, p. 32).

E, por fim, a 55ª Assembleia Geral da CNBB, realizada em 2017, percebeu a necessidade de registrar em texto oficial todas as reflexões oriundas do Ano Catequético Nacional, das atividades em torno das Urgências aprovadas para a ação evangelizadora, e ainda, também daquelas tantas iniciativas que surgiram nas Igrejas particulares para efetivar a experiência de fé amadurecida no caminho do discipulado missionário sobre a catequese de inspiração catecumenal. Ao final daquela assembleia, a CNBB aprovou o Documento Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários – Número 107.

O texto inicia com uma exortação para ajudar no momento do planejamento de ações apostólicas e missionárias para o anúncio e vivência do Evangelho:

Ser iniciado na vida de Cristo, conformar-se com Ele, ser dele revestido desperta para a missionariedade. A atração e a gratidão de ser, se faz anúncio. Toda pessoa que segue Jesus anuncia a beleza e a alegria profunda de viver como Cristo viveu (CNBB, 2017, p. 12).

A tônica deste documento é registrar a importância de que os projetos de evangelização encontrem na iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal a oportunidade de articular todas as pistas de ação relacionadas às demais urgências. “A segunda urgência: ‘Igreja casa da Iniciação à Vida cristã’ precisa, portanto, incluir as outras, ao mesmo tempo que as outras urgências a supõem” (CNBB, 2017, n. 64).

A CNBB também aprovou documentos que se referem à catequese de maneira indireta, mas que oferecem pistas de ação e reflexão pertinentes à ação evangelizadora no que diz respeito ao modelo de comunidade eclesial proposto pelo Concílio Vaticano II. Para citar alguns deles, elencamos: Documento Projeto Nacional de Evangelização: o Brasil na Missão Continental – Número 88; Documento Discípulos e Servidores da Palavra de Deus na Missão da Igreja – Número 97; Documento Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia – Número 100; Documento Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade – Número 105.

E como contribuição última da CNBB para as reflexões sobre catequese e evangelização estão contempladas no Documento Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023, número 109. Nelas, a Igreja no Brasil é chamada a recuperar a dimensão afetiva da fé, tornando evidente o Evangelho presente no núcleo familiar, ou seja, no cotidiano dos lares.

Para levar adiante essa missão, foram identificados quatro pilares, à semelhança dos que sustentam uma casa. São eles: a Palavra, o Pão, a Caridade e a Ação Missionária. Com isso, estabelece-se forte linha de continuidade com as duas Diretrizes anteriores. Estas, com suas urgências, buscaram ajudar a Igreja no Brasil a assumir os desafios do tempo presente. Agora, é o momento de recolher os frutos da caminhada empreendida, firmar ainda mais o foco e, por meio dos planejamentos locais, nas dioceses e demais organizações, cumprir, em unidade a vocação evangelizadora (CNBB, 2019, p. 9).

Destacamos, ainda, a produção de subsídios catalogados como Estudos da CNBB, conhecidos como os subsídios de cor verde. De modo muito especial, o subsídio *Iniciação à Vida Cristã: um processo de inspiração catecumenal* - Estudos 97, publicado em 2009. Com este subsídio foi possível investir na reflexão e formação de muitas lideranças sobre a necessidade de um novo processo de catequese, que tivesse como prioridade a inspiração catecumenal.

A Introdução do subsídio afirma que:

Pretendemos nos debruçar não tanto sobre a “preparação para receber os sacramentos”, mas sim sobre o processo e a dinâmica pelos quais ‘tornar-se cristãos’, processos que vão além da catequese entendida como período de maior aprendizado e orientado para um sacramento. A partir do Vaticano II, mas sobretudo no final e no início do milênio, a Igreja está se empenhando em restaurar o grande processo catecumenal, que tão grandes resultados de evangelização provocou nos primeiros séculos, como processo eficaz de *iniciação à vida cristã* (CNBB, 2014b, n. 2, grifo do autor).

Assim, acolhendo com ousadia e criatividade as orientações das últimas Diretrizes, a Igreja como imagem de uma casa que abriga, cura e alimenta na fé, saberá acolher, escutar e dialogar com as pessoas deste mundo à luz da comunidade cristã da primeira hora. Essa postura atende às orientações do Concílio Vaticano II que exortava: “A Igreja, devendo-se estender a todas as regiões, entre na história dos homens, porém ao mesmo tempo transcende o tempo e os confins dos povos” (LG, 1997, n. 9). Desse modo, por meio das novas diretrizes, a Igreja no Brasil quer entrar e edificar a casa da fé dos homens e mulheres de nosso tempo

para Deus fazer sua tenda e ali habitar (Jo 1,14; Ef 2,20; Hb 3,6). Desse modo, o Concílio Vaticano II despertou a Igreja inteira para a necessidade de recuperar sua dinâmica peregrina, percorrendo o mesmo caminho que fez o Verbo encarnado.

Neste primeiro capítulo refletimos sobre a necessidade de compreender o caminho da Palavra numa dinâmica de encontro e experiência com Deus que se revela na história de cada irmão e irmã que caminha conosco nas pegadas da fé e, juntos formamos o povo de Deus. A atenção aos sinais dos tempos, o diálogo com as culturas e a inovação dos métodos configuram o escopo de responsabilidade das Igrejas particulares, com seus agentes e lideranças, para promover novos caminhos de evangelização e educação na fé.

Com base nesses fundamentos, no próximo capítulo discutiremos sobre os encaminhamentos feitos pela Arquidiocese de Florianópolis acerca da Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal durante as reflexões e posterior aprovação do 13º Plano de Pastoral (2012-2022).

3 O 13º PLANO DE PASTORAL DA ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS E A CATEQUESE

A Arquidiocese de Florianópolis é a circunscrição eclesiástica com sede na cidade de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, Brasil. A criação da diocese ocorreu em 19 de março de 1908 e a elevação à Arquidiocese em 17 de janeiro de 1927 (ARQUIDIOCESE, 2012a, n. 25).

Desde sua criação como diocese, apenas em 1968 houve a aprovação do 1º Plano Arquidiocesano de Pastoral. Desde lá, ao todo foram elaborados 13 planos de pastoral, 02 diretrizes da ação evangelizadora e 01 projeto de evangelização denominado Rumo ao Novo Milênio. Todos esses instrumentos de trabalho comungam de um mesmo objetivo: orientar as atividades de evangelização no contexto das 72 paróquias da Arquidiocese de Florianópolis.

3.1 A REVISÃO DO 13º PLANO DE PASTORAL DA ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS

Na história recente da Arquidiocese de Florianópolis, tendo como referência a celebração do Novo Milênio, o planejamento pastoral foi realizado em forma de Diretrizes da Ação Evangelizadora – 2001-2008 e Diretrizes da Ação Evangelizadora – 2009-2012.

Na Introdução das Diretrizes da Ação Evangelizadora da Arquidiocese de Florianópolis – 2001-2008 encontram-se orientações sobre os instrumentos para a ação evangelizadora com distinções entre Diretrizes e Plano de Pastoral, a saber:

Toda ação evangelizadora deve se desenvolver em vista de objetivos a serem alcançados. Mas não bastam objetivos, por mais elevados e meritórios que sejam. Fazem-se necessários outros dados: conhecimento da realidade, recursos disponíveis, estratégias a serem adotadas, cronograma a ser seguido etc. A tudo isso, montado de forma orgânica, se dá o nome de “Plano de Pastoral”. Em anos passados, a CNBB elaborou planos em âmbito nacional; o Regional Sul IV, para Santa Catarina; e a Arquidiocese apresentou em anos consecutivos, planos de pastoral a serem seguidos e cumpridos em todas as paróquias. [...] Por isso, a exemplo do que fizeram a CNBB e o Regional Sul IV, também aqui, na Arquidiocese, pareceu-nos bem elaborar apenas Diretrizes de Ação Evangelizadora. Tomando em consideração estas Diretrizes e, mais do que isto, tomando-as como pano de fundo de toda ação evangelizadora, cada Paróquia há de elaborar seu Plano de Pastoral próprio, bem como cada Pastoral, Organismo e Movimento deverá elaborar seus Projetos Pastorais (ARQUIDIOCESE, 2001, p. 7).

Para a Catequese, as Diretrizes da Ação Evangelizadora da Arquidiocese de Florianópolis – 2001-2008 apresentam as seguintes indicações:

O enfoque concentrado na *catequese renovada*, a qual deve estar sempre atenta à participação comunitária e ao conhecimento da fé, é exigência indispensável para enfrentar o particularismo e o relativismo religioso.

É necessário priorizar cada vez mais a *catequese com adultos*, contemplando o catecumenato para todos os que se achegam às nossas paróquias, pedindo os sacramentos.

Em nossa Arquidiocese, há muitas *famílias* que sustentam o modelo de 'família cristã'; por isso, devem ser valorizadas, através da Pastoral Familiar e de uma catequese que apoie as verdadeiras famílias cristãs. É necessário ainda que se promovam os valores cristãos junto a famílias que não seguem o padrão tradicional (pai-mãe-filhos) (ARQUIDIOCESE, 2001, p. 51, grifo do autor).

Percebemos que os temas principais como adultos, catecumenato e família correspondem às inspirações da renovação da catequese no Brasil, por meio do Documento Catequese Renovada. Porém, que nesse documento faltavam indicações para que tais pistas fossem efetivadas em vista da evangelização das famílias e catequizandos de todos os níveis.

Tendo vencido o prazo de 2001-2008, houve nova revisão das orientações pastorais na Arquidiocese de Florianópolis que ficaram registradas nas Diretrizes da Ação Evangelizadora da Arquidiocese de Florianópolis – 2009-2012.

Em fevereiro de 2009, o Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, lembrando a decisão da Assembleia de 2007 de dar início ao planejamento pastoral, em vista de um futuro Plano Arquidiocesano de Pastoral, sugeriu que esse planejamento fosse iniciado com a elaboração de novas diretrizes. As diretrizes servirão como força motivadora seja da continuidade da ação evangelizadora – que, em verdade, nunca pode parar – seja do processo de planejamento, o qual exige disposição, sacrifício e paciência. Nesse sentido, estas diretrizes constituem o primeiro passo de nosso planejamento pastoral (ARQUIDIOCESE, 2009, p. 7).

As novas diretrizes foram assumidas em clima de transição, pois as tarefas da ação evangelizadora seriam alicerçadas no Plano de Pastoral vindouro. Nessas diretrizes, porém, as pistas de ação foram organizadas em torno do tríplice ministério batismal, a saber: Palavra, Liturgia e Caridade. Nessa disposição, a Catequese se vê contemplada no Ministério da Palavra.

Como discípulos missionários, somos profetas, temos a missão de proferir a Palavra, a todos e por todos os meios:

- pelo ministério da catequese, não se limitando às crianças, adolescentes e jovens, mas tendo como prioridade a catequese adulta com adultos, valorizando a iniciação à vida cristã, e a catequese permanente;
- pela catequese familiar, de modo que a recepção dos sacramentos não aconteça por motivos exteriores à fé, como costume e tradição, mas por verdadeiras e santas razões (ARQUIDIOCESE, 2009, p. 21-22).

Considerando as expressões discípulos missionários e iniciação à vida cristã, percebe-se a forte sintonia das novas diretrizes com o Documento de Aparecida (2007). Nesse sentido, a Arquidiocese de Florianópolis demonstra seu compromisso em fazer com que seu planejamento pastoral permaneça em comunhão com a Igreja local e continental.

Por influência de Aparecida, a ação evangelizadora será planejada com a soma dos carismas e ministérios presentes na Igreja particular, para que “se orientem no mesmo projeto missionário para comunicar a vida no próprio território” (DAp, 2007, n. 169). Dessa forma, além do Ministério da Palavra, arrolam-se as pistas de ação que contribuem com a catequese por meio do Ministério da Liturgia:

- pela formação mistagógica, que leva os fiéis a aprofundarem cada vez mais os mistérios que são celebrados;
- pela valorização do domingo, tanto pela participação na eucaristia e, onde ela não é possível, pela celebração da Palavra, como pela catequese a respeito do domingo, o dia do Senhor, da igreja, da família, do descanso;
- pelo cuidado com a preparação, realização e avaliação das celebrações, e com a formação dos ministros do e do povo;
- pela acolhida fraterna nas celebrações (ARQUIDIOCESE, 2009, p. 23-25).

O Ministério da Caridade contribuiu também para o aprofundamento da fé proclamada pela Palavra celebrada na Liturgia. No âmbito da fé vivida, todas as atitudes, gestos e sinais realizados em nome da fé são catequese em ato. Porém, registramos apenas algumas pistas que contribuem diretamente com a ação catequética de aprofundar a fé:

- pelo apoio às pastorais sociais já existentes e pela criação das que se fazem necessárias, com vistas à prática concreta do amor em favor dos necessitados;
- por uma atenciosa pastoral do dízimo, trabalhada não com o objetivo apenas de angariar fundos, mas como caminho de conversão pessoal, de gratidão evangélica, de partilha comunitária, de rejeição da idolatria do deus-dinheiro e, mesmo, de libertação – espiritual e material da nossa Igreja diocesana (em cada um dos seus níveis: comunidades, paróquias e diocese). (ARQUIDIOCESE, 2009, p. 26-27).

Essas diretrizes guiaram a ação evangelizadora na Arquidiocese de Florianópolis até o ano de 2012, quando se aprovou o 13º Plano de Pastoral, com vigência para o período de 2012-2022.⁵ O atual Plano de Pastoral foi aprovado por ocasião da 27ª Assembleia Diocesana de Pastoral, em agosto de 2012. Na Apresentação do Plano de Pastoral, o arcebispo Dom Wilson Tadeu Jönck, scj⁶, expõe o contexto magisterial e eclesial de sua elaboração:

Durante o período de elaboração do Plano aconteceram na Igreja alguns eventos que merecem ser recordados. O primeiro deles foi a Conferência do Episcopado da América Latina e Caribe em Aparecida. Também neste período foi lançado o documento pós-sinodal 'Verbum Domini'. Foi lançado pelo Papa o Ano da Fé (2012-2013) para celebrar os 50 anos do Concílio Vaticano II e os 20 anos do lançamento do Catecismo da Igreja Católica. Foram lançadas ainda as Diretrizes para a Ação Evangelizadora no Brasil para (2011-2015). Por último foi realizado em outubro de 2012 o Sínodo dos Bispos sobre A Nova Evangelização. Todos estes eventos deixaram sua marca sobre o Plano Pastoral (ARQUIDIOCESE, 2012a, p. 11).

O 13º Plano de Pastoral está estruturado em três partes, que correspondem ao método Ver-Julgar-Agir, com as seguintes composições em cada uma delas: Parte I – Ver: diagnóstico social: a realidade que nos envolve (n. 05-108) e, diagnóstico eclesial-pastoral: a Igreja que somos (n. 109-256); Parte II – Julgar: A Igreja que Deus quer (n. 257-275), Os critérios da missão (n. 276-340) e, Objetivo Geral (n. 341-366); Parte III – Agir: A ação transformadora da Igreja (n. 367-399).

Dessa estrutura, serão contemplados, na presente pesquisa, os aspectos sobre a eclesiologia prospectada para a Arquidiocese de Florianópolis, distribuída nos números 257 a 275, seguido da identificação dos critérios para a missão correspondentes ao Múnus da Palavra. Ademais, na parte do Agir, serão identificados os critérios para a revisão dos conteúdos para a catequese e a consequente produção dos itinerários didáticos.

Antes do comentário eclesiológico, faremos breve alusão ao contexto de aprovação do 13º Plano de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis, desenvolvido entre os anos de 2011 e 2012.

⁵ O 13º Plano de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis retoma a tradição local dos Planos de Pastoral, pois o último foi elaborado para o período de 1992-1996. Entre os anos de 1997-2011, a Arquidiocese teve suas atividades pastorais orientadas pelo Projeto Nacional Queremos Ver Jesus, em vista da celebração do Novo Milênio, e por duas edições de Diretrizes da Ação Evangelizadora.

⁶ Dom Wilson Tadeu Jönck foi eleito arcebispo em 28 de setembro de 2011 e assumiu o governo da Arquidiocese de Florianópolis em 15 de novembro de 2011.

3.1.1 O processo de aprovação do 13º Plano de Pastoral: 27ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral

O 13º Plano de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis nasceu de uma reflexão crescente a partir de duas etapas anteriores, as Diretrizes da Ação Evangelizadora, 2001-2008 e 2009-2012. Na última versão das diretrizes, ficou o compromisso de um planejamento amplo e orgânico que marcasse o futuro da evangelização no território arquidiocesano.

Buscando ajudar as paróquias e comunidades, as pastorais e movimentos, os serviços e organismos, os colégios e meios de comunicação eclesiais, no desencadeamento de um processo de Igreja em estado permanente de missão, a Arquidiocese propõe-se elaborar um Plano Arquidiocesano de Pastoral que será fruto de um planejamento pastoral a ser assumido em conjunto por todas as nossas forças vivas (ARQUIDIOCESE, 2009, p. 53).

A organização do 13º Plano de Pastoral esteve a cargo do Secretariado Arquidiocesano de Pastoral. Em 2011, sob a liderança da Coordenação Arquidiocesana de Pastoral, à época, ocupada pelo Pe. Vitor Galdino Feller, tendo Pe. João Francisco Salm,⁷ como Administrador Arquidiocesano, durante o período de vacância da sé episcopal, os trabalhos para aprovação do Plano de Pastoral foram conduzidos até culminarem com a aprovação da primeira parte na 26ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral.

Era o dia 25 de junho de 2011, quando a Paróquia Santo Antônio, no bairro Campinas, São José (SC), acolheu a 26ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral, com a presença do clero e lideranças dos diferentes serviços e ministérios na Arquidiocese de Florianópolis. Na ocasião, Pe. João Francisco Salm abriu a sessão dos trabalhos procedendo à leitura dos objetivos da Assembleia:

Os objetivos gerais da assembléia [sic]: a) fortalecer a comunhão na caminhada da ação pastoral e evangelizadora da Igreja na Arquidiocese. b) celebrar o mistério da Igreja, povo de Deus em comunhão e missão e c) unir todas as forças vivas (paróquias e comunidades, congregações religiosas e institutos seculares, pastorais e organismos, movimentos e novas comunidades, colégios e meios de comunicação, etc.) na mística e na prática da vida eclesial. [...] os objetivos específicos: a) dar continuidade ao processo do planejamento arquidiocesano de pastoral, iniciado em junho de

⁷ Pe João Francsico Salm foi eleito bispo da Diocese de Tubarão em 26 de setembro de 2012, tendo recebido a ordenação episcopal em 24 de novembro de 2012. (Fonte: Diocese de Tubarão. Disponível em: <https://diocesetb.org.br/cleros/categoria/bispos>. Acesso em: 25.03.2021.)

dois mil e nove com a aprovação e publicação das Diretrizes da Ação Evangelizadora da Arquidiocese; b) Estudar os pré-textos do diagnóstico pastoral e do diagnóstico social do planejamento arquidiocesano de pastoral; c) concluir a etapa do “VER” do processo do planejamento arquidiocesano de pastoral e d) preparar a Igreja da Arquidiocese para a chegada de nosso novo pastor (ARQUIDIOCESE, 2011, p. 1).

Além da meta de elaborar o Plano de Pastoral, destacam-se no objetivo geral a mística celebrativa de uma congregação de lideranças e seus pastores, em momento de planejamento, sem perder de vista a dinâmica pneumatológica, quando os dons, talentos, qualidades e atributos humanos se deixam conduzir pelo Espírito Santo de Deus que opera em favor do povo. Notamos, assim, a atenção ao processo de decisão e de encaminhamento concreto, mas não meramente burocrático, sendo também estes momentos decisórios envolvidos pelo mistério que se professa e se busca viver no dia a dia.

Durante a Assembleia, acenou-se para ações concretas que merecem ser contempladas no planejamento da catequese. Quando os grupos de trabalho se reuniram para ler os textos preparados, foi possível elaborar propostas de encaminhamentos de acordo com a realidade avaliada. Destacam-se algumas pistas de ação: “Investir na Catequese com os pais e catequizandos com acolhida, alegria e muita espiritualidade” (ARQUIDIOCESE, 2011, p. 4) e algumas que se destinam ao entendimento de que a Catequese seja uma parte integrante de todos os serviços eclesiais, não apenas em vista da preparação aos sacramentos (ARQUIDIOCESE, 2011). E, principalmente, “fazer acontecer uma Catequese que leve ao encontro com Cristo, com a formação consciente da fé, levando a uma fé com convicção, serviço e animação vocacional” (ARQUIDIOCESE, 2011, p. 5).

Dessa pista de ação destaca-se a recuperação do sentido vocacional do Batismo, manifestado nos três múnus: ensinar, celebrar e guiar o povo na fé e no seguimento a Jesus Cristo. A Catequese é este momento de despertar da consciência, de aprofundamento do encanto pela pessoa de Jesus Cristo e promovendo cada pessoa a ser protagonista do Evangelho por meio da própria vida e na relação com as pessoas.

Ao final dos trabalhos da Assembleia, o Coordenador de Pastoral fez a síntese das propostas apresentadas para compor a primeira parte do Plano de Pastoral, e afirmou que “o nosso ver está sendo concluído” (ARQUIDIOCESE, 2011, p. 5). Comunicou também como será o processo das demais partes no decorrer dos

meses seguintes e concluiu suas observações sobre o processo de elaboração do Plano de Pastoral indicando que “o julgar iniciará nas mais diferentes instâncias e até abril do próximo ano serão coletadas as sugestões para o ‘AGIR’. Em junho do ano que vem pretende-se ter o plano totalmente elaborado para aprovar” (ARQUIDIOCESE, 2011, p. 5). E, assim, foi concluída a 26ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis.

No ano seguinte, ocorreu a 27ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral, nos dias 24 e 25 de agosto, na Paróquia Santo Amaro, município de Santo Amaro da Imperatriz (SC), a Assembleia contou com a participação dos agentes de pastoral de todas as paróquias e representantes de todos os serviços e ministérios atuantes na Arquidiocese de Florianópolis. Pe. Revelino Seidler, Coordenador de Pastoral, fez a abertura da sessão com a acolhida e chamando as autoridades presentes para compor a mesa, presidida por Dom Wilson Tadeu Jönck, scj. Junto estavam os representantes do clero e das equipes de trabalho, bem como o assessor convidado para a Assembleia, o Pe. Antônio José de Almeida.

Após a oração inicial e acolhida dos presentes, tendo composta a mesa e organizados os ritos de trabalhos, o Arcebispo fez uso da palavra, agradecendo a presença de cada pessoa, que representavam a caminhada de fé das comunidades da Arquidiocese. Dom Wilson ainda motivou e justificou a importância do momento em que as lideranças da Arquidiocese estavam para aprovar e encaminhar o Plano de Pastoral, expressando-se com as seguintes palavras:

O evangelho é o mesmo, mas os caminhos mudam e a Igreja está sempre se renovando. [...] O plano de pastoral não é só para pôr no livro, mas para dinamizar a caminhada em todos os ministérios; implica em saber que o nosso trabalho pastoral está enriquecendo os corações e tocando cada comunidade; nosso testemunho é significativo para a sociedade. [...] Devemos ser criativos no modo de exercer a caridade, sobretudo com os necessitados, pois nossa arquidiocese pede mais do que estamos fazendo. (ARQUIDIOCESE, 2012b, p. 1).

O primeiro dia da Assembleia foi marcado pela assessoria do Pe. José Antônio de Almeida, que destacou algumas características da sociedade hodierna, marcada pelo fenômeno da mudança de época. Nas suas palavras, a Igreja está inserida no grande contexto de mudanças da sociedade como um todo e que essa é uma “fase de transformação epocal, numa mudança de época, com uns cem números de crises. João XIII antevia no discurso de abertura do Congresso

Eucarístico de Dublin que a Providência nos estava levando para uma nova ordem de relações” (ARQUIDIOCESE, 2012b, p. 2).

Em sua assessoria, que teve o objetivo de situar a necessidade do Plano de Pastoral no contexto da caminhada atual da Igreja universal, Pe Antônio Almeida reforçou que as iniciativas de ações evangelizadoras das Igrejas particulares precisam estar em sintonia com a reforma do Concílio Vaticano II e todas as suas reflexões posteriores, marcadas pelo magistério dos papas e das assembleias sinodais, fazendo referência ao Sínodo para a Nova Evangelização que estava em fase final de preparação em vista da realização próxima.

Diante do contexto de formular propostas pastorais para concretizar a reforma deliberada pelo Concílio Vaticano II, Pe. Almeida enfatiza:

Dizer que a Igreja está em crise é muito cômodo. Os que não concordam com o Vaticano II o culpam e acham que a Igreja deveria voltar ao que era antes do Concílio: una e compacta. Se estivermos numa mudança epocal é o caso de uma corajosa renovação voltada para o futuro, é um salto à frente. [...] A cristandade acabou! (ARQUIDIOCESE, 2012b, p. 2).

E para preparar este salto para o futuro, a assessoria continuou com os temas pertinentes às atitudes da Igreja de hoje, em vista de uma ressignificação de suas práticas, passando de um local de entrega de serviços religiosos para uma comunhão de pessoas que aderiram à mesma fé e seguimento de Jesus Cristo. Pe. Antônio Almeida destacou que, para a Igreja “ser uma comunidade ou constelação de comunidades, [...] é necessário passar da administração à comunhão” (ARQUIDIOCESE, 2012b, p. 4). Desse modo, estaria cumprindo com os princípios derivados do Concílio Vaticano II, da *Evangelii Nuntiandi* e da Conferência de Aparecida.

Após a explanação do tema, a Assembleia seguiu com uma memória da elaboração das Diretrizes da Ação Evangelizadora, culminando com a preparação de um diagnóstico social, realizado pelo Instituto Mapa e por um diagnóstico pastoral realizado por uma pesquisa nas paróquias (ARQUIDIOCESE, 2012b, p. 4). Agora, seria o momento de completar o Plano de Pastoral com breve análise do texto sobre o JULGAR e definir as ações para compor o AGIR. E, assim, os participantes da Assembleia Arquidiocesana de Pastoral foram divididos em cinco subgrupos para continuarem os trabalhos. Cada subgrupo ficou responsável por ler o texto

apresentado, sugerir alterações, inclusões ou exclusões e, por último, escolher as pistas de ação que consideravam apropriadas.

Para facilitar os trabalhos dos blocos, estavam divididos de acordo com as Urgências das Diretrizes da Ação Evangelizadora da CNBB, a saber: Bloco 1 - Urgência 1: Igreja em estado permanente de missão; Bloco 2 - Urgência 2: Igreja: casa da iniciação à vida cristã; Bloco 3 - Urgência 3: Igreja: lugar de animação bíblica da vida e da pastoral; Bloco 4 - Urgência 4: Igreja: comunidade de comunidades; Bloco 5 - Urgência 5: Igreja a serviço da vida plena para todos. Os cinco grupos organizaram as pistas de ação de acordo com os múnus: da Palavra, da Liturgia e da Caridade (ARQUIDIOCESE, 2012b, p. 6).

Após apresentarem as sugestões ao texto e as pistas de ação, a Assembleia votou entre as duas opções para o período de vigência do Plano de Pastoral, sete anos ou dez anos. Com aprovação por maioria absoluta, foi aprovada a vigência para o período de dez anos, ou seja, de 2012 a 2022.

No sábado, dia 25 de agosto, procedeu-se à continuidade dos trabalhos em vista de organizar as pistas de ação do Plano de Pastoral. A acolhida do arcebispo indicou o início dos trabalhos, com as boas-vindas e, acrescentou “que aquele dia pudesse correr no melhor espírito e pudéssemos aprovar o plano no melhor estilo” (ARQUIDIOCESE, 2012b, p. 8). Em seguida, Dom Wilson comunicou que além das cinco Urgências, o Plano de Pastoral teria uma linha transversal a ser contemplada nas atividades pastorais, cujo tema seria família. “Ao ser acolhida, comarcas, paróquias, capelas, pastorais e movimentos elegeriam uma atividade em prol da família. Citou exemplos: casais em segunda união e orientação aos jovens casados” (ARQUIDIOCESE, 2012b, p. 8). E, após esta inclusão no Plano de Pastoral, os cinco grupos reuniram-se para novamente estruturar os projetos de evangelização, de acordo com cada Urgência e o respectivo múnus (Palavra, Liturgia e Caridade).

Após o tempo dedicado aos trabalhos, a Assembleia reuniu-se em plenário para apresentação, sugestões e votação. Para cada urgência, os grupos eram chamados e apresentavam a sua proposta de projeto. A cada apresentação a Assembleia era convidada a manifestar-se em votação, com opção de cartão verde para aprovar ou com cartão vermelho para reprovar. As cinco Urgências foram aprovadas com seus respectivos projetos. Agora, faltava a aprovação final do Plano de Pastoral, na sua integralidade (ARQUIDIOCESE, 2012b, p. 9).

Lê-se na Ata da 27ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral:

Dom Wilson fez o comentário de que deveríamos nos educar para o processo de avaliação: pediu para ler o Plano nas atividades e nas instâncias da Igreja, se debruçar sobre ele para ver se o objetivo está sendo alcançado; aprenderíamos a avaliar e, projetar para frente ficaria mais fácil; também nas comunidades e paróquias deveríamos nos debruçar para avaliar. Encaminhou duas votações: se aprovávamos no geral? Verde! Se confiávamos à Coordenação de Pastoral as finalizações? Verde! Seguiu-se uma salva de palmas (ARQUIDIOCESE, 2012b, p. 9).

Tendo aprovado o 13º Plano de Pastoral, a Assembleia alcançara seu objetivo e, com os trabalhos confiados à Coordenação Arquidiocesana de Pastoral, seriam finalizados os trabalhos de formatação e correção dos projetos, conforme os trabalhos dos grupos realizados no segundo dia da Assembleia. Neste dia 25 de agosto de 2021 a Arquidiocese de Florianópolis aprovava suas prioridades para a ação evangelizadora em toda a sua circunscrição eclesial, para dar concretude ao Reino de Deus, por meio dos valores do Evangelho e do testemunho da fé em Jesus Cristo, como sinal de vida em plenitude para todas as pessoas.

3.1.2 O 13º Plano de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis: aspectos de eclesiologia

A missão da comunidade cristã é fazer do tempo e do espaço hodiernos a tenda na qual o Verbo faz sua morada e comunica sua Boa Nova de vida em plenitude. Ou seja, a tarefa primeira da Igreja, que é evangelizar, cumpre-se na atualização concreta da mensagem de salvação pela qual anseiam todas as criaturas, que é encontrar-se e conhecer “aquele Deus que possui um rosto humano e nos amou até o fim” (VD, 2010, n. 91).

Ainda ressoa em nós, em um mix de sentimentos, a palavra **alegria**, com que o Papa Francisco resume a estratégia, a postura, a atitude e o modo de fazer acontecer a Nova Evangelização em nossos dias. De fato, alegrar-se é a chave hermenêutica da mensagem que o evangelista Lucas registrou diante das visitas que Deus mesmo fez a Zacarias, a Maria e aos anjos (Lc 1,14; 1,28; 2,10).

E, desde aqueles recantos de Belém, ecoa no universo a mensagem que preencheu de sentido novo a vida daquele sacerdote incrédulo, da virgem prestativa e dos pastores curiosos. A alegria pela vida nova de outrora nos alcança, nos inclui na mesma peregrinação, transforma nossa história e guia nossos passos. Por meio da alegria de reconhecermos as visitas de Deus no hoje da Igreja, é que podemos

afirmar, somos membros daquele mesmo povo, herdeiros da promessa de bênção, descendência e paz.

De geração em geração, esta mensagem é transmitida para manter viva a memória do objeto da fé do povo de Deus que reconhece em Jesus, o Verbo encarnado, hóspede da humanidade, a realização da promessa divina. “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são liberados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria” (EG, 2013, n. 1).

Em terras distantes daquelas trilhadas pelas comunidades da primeira hora, também é preciso ecoar a alegria do encontro com Jesus Cristo, vivo na fé, presente na Palavra e nos sacramentos, em todos os lugares onde a Igreja está presente. Assim também, na Arquidiocese de Florianópolis,

Durante o processo de planejamento de pastoral e de elaboração do Plano Arquidiocesano de Pastoral, uma pergunta norteou nosso trabalho: Que características deve ter a nossa Igreja para fazer frente aos grandes desafios da obra evangelizadora? Que Igreja queremos ser? Ou melhor, que Igreja Deus quer que nós sejamos? [...] Daí a necessidade de voltar às grandes fontes da fé para tirarmos desse tesouro a riqueza de nossa concepção eclesiológica (ARQUIDIOCESE, 2012a, p. 93).

A segunda parte do Plano de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis, para iniciar as reflexões sobre o Julgar, apresenta o tema da Igreja que Deus quer, seguida das características que precisam ser atendidas no desenvolver das pistas de ação e projetos que compõem o plano: Igreja, povo de Deus; Igreja da alegria e da santidade, da acolhida e do querigma, da comunhão e da participação, da partilha, da ministerialidade, da formação, do discipulado e do seguimento de Jesus, da missão e, da profecia e da solidariedade (ARQUIDIOCESE, 2012a, n. 261-272).

Partindo dessas características, queremos sublinhar quatro delas: comunhão, participação, discipulado e missão. Consideramos que essas contemplam a proposta de *aggiornamento* do Concílio Vaticano II e a identidade de Igreja pedida pela Conferência de Aparecida para os novos tempos. Estas quatro características exprimem a noção eclesiológica de povo de Deus presente na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, que trata no Primeiro Capítulo do mistério da Igreja como espaço e agente para refletir a Luz dos Povos, que é Jesus Cristo, presente em todos os lugares. E no Segundo Capítulo apresenta e explica a categoria de

povo de Deus, expressão pela qual se entende a obra divina de eleição e salvação do gênero humano.

Aprova, no entanto, a Deus santificar e salvar os homens, não individualmente, excluindo toda a relação entre os mesmos, mas formando com eles um povo, que o conhecesse na verdade e o servisse na santidade. E assim escolheu Israel para seu povo, estabeleceu com ele uma aliança, e o foi instruindo gradualmente, manifestando, na própria história do povo, a si mesmo e os desígnios da sua vontade e santificando-o para si. [...] Assim o povo messiânico, ainda que não abranja de fato todos os homens e repetidas vezes se pareça com um pequeno rebanho, é para toda a humanidade um germe validíssimo de unidade, de esperança e de salvação. Constituído por Cristo numa comunhão de vida, de caridade e de verdade, é assumido por ele para ser instrumento da redenção universal, e como luz do mundo e sal da terra (cf. Mt 5,13-16), é enviado ao mundo inteiro (LG, 1997, n. 9).

A história humana, visitada pela bondade divina, eleva-se à categoria de história de salvação, sendo lugar onde Deus mora, educa e conduz cada pessoa à plenitude de sua realização. Compreendendo sua tarefa de promover esta mesma história da salvação, em seu território, é que a Arquidiocese de Florianópolis se entende como “uma pequena parcela deste grande povo de Deus, [...] um sinal desta comunhão de fé, esperança e caridade” (ARQUIDIOCESE, 2012a, n. 261).

Essa compreensão de ser povo de Deus, atuando na história, é a herança do Concílio Vaticano II assimilada e tornada concreta. Pois, segundo Valentini (2011, p. 34):

O Concílio foi redescobrir a rica noção bíblica, de que a Igreja é um povo e não uma elite. E lembrou, sobretudo aos leigos, que eles são membros de pleno direito deste povo, e convidou-os a reassumirem suas funções próprias e insubstituíveis.

E, da constituição deste povo destacam-se as potencialidades de comunhão, participação, discipulado e missão por meio de obras e preces. Na Arquidiocese de Florianópolis, comunhão e participação significa alcançar a maturidade de que “todos os fiéis devem ser acolhidos fraternalmente, sentir-se valorizados e incluídos” (ARQUIDIOCESE, 2012a, n. 266). Comungar dos mesmos ideais e valores do Evangelho é fazer com que o bem comum seja meta de toda ação evangelizadora.

De acordo com Brighenti (2016, p. 35), “Para o Vaticano II, o leigo, como todo batizado, é sujeito de ministérios na Igreja e no mundo. [...] É missão do leigo também ser sujeito dentro da Igreja, com voz e vez em tudo, na corresponsabilidade

de todos os batizados”. O exercício dos ministérios por meio dos dons e dos carismas suscitados pelo Espírito Santo inclui a renovada atitude de que leigos e leigas atuem em todas as instâncias de decisão, de governo e de ações apostólicas da Igreja.

Para isso, a Igreja em nossa Arquidiocese serve-se dos conselhos de pastoral, presentes em todas as instâncias da vida e da organização eclesial, como uma forma de exercício da cidadania cristã e espaço privilegiado da participação do povo de Deus no poder hierárquico (ARQUIDIOCESE, 2012a, n. 266).

O desafio de instituir os conselhos locais (comunidade, paróquia, regiões pastorais e diocese) reside na capacidade de identificar a equidade da dignidade recebida pela graça da vocação batismal de todo fiel, leigo ou ministro ordenado. Os conselhos pastorais, portanto, precisam cumprir o estabelecido no Plano de Pastoral aprovado, o qual ao se referir à Igreja da ministerialidade, exorta para que a Arquidiocese de Florianópolis, responda qual Igreja Deus espera que ela seja, e se compromete em buscar um viver segundo o modelo das primeiras comunidades.

Na comunidade eclesial, povo de Deus, fiéis e ministros, pela graça batismal e pelo sacerdócio comum, têm a mesma dignidade na diversidade de dons e serviços. Todos participam da única missão de Cristo e de sua Igreja. A Igreja é uma comunidade de carismas e ministérios (ARQUIDIOCESE, 2012a, n. 268).

Esta maturidade de igual dignidade da vocação batismal é alcançada por uma atitude de docilidade ao Espírito Santo. Sobre o protagonismo do Espírito Santo na condução das mentes dos fiéis e de toda a missão da Igreja, assim se expressa o Diretório para a Catequese, lançado recentemente:

O Espírito Santo, o verdadeiro protagonista de toda a missão eclesial, age tanto na Igreja quanto naqueles aos quais ela deve alcançar e com os quais, de alguma forma, ela deve fazer-se presente, uma vez que Deus trabalha no coração de cada pessoa. O Espírito Santo continua a fecundar a Igreja que vive da Palavra de Deus e a faz sempre crescer na inteligência do Evangelho, enviando-a e sustentando-a na obra de evangelização do mundo (DC, 2020, n. 23).

Assim, da comunhão e participação, dependem a formação e o aprofundamento da fé, que entendemos como discipulado missionário, exercício da fé na vida cotidiana, maior campo de missão possível e disponível para toda pessoa

que fez a escolha sincera e consciente de seguir Jesus Cristo e os seus ensinamentos.

O discipulado, no Plano de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis, é entendido na perspectiva do “seguimento de Jesus Cristo, até deixar-nos possuir e animar por seu Espírito e tornar-nos parecidos e configurados com ele, para anunciar com ele o Evangelho do reino da vida” (ARQUIDIOCESE, 2012a, n. 270).

Nesse sentido, o discipulado precisa ser reconfigurado, ou seja, passar por um processo de conversão e ressignificação, para que a decisão de cada pessoa seja na direção de ser e agir com os mesmos sentimentos de Cristo Jesus (FI 2,5). Essa decisão é alcançada pelo processo de formação continuada, entendida e oferecida como catequese permanente para todos os membros da comunidade eclesial, independentemente da posição que ocupa.

Sobre a formação de discípulos de Jesus Cristo, a V Conferência do Episcopado latino-americano e do Caribe ofereceu um itinerário capaz de responder às necessidades da nova evangelização, que acontece por meio de cinco aspectos que se complementam: o encontro com Jesus Cristo, a conversão, o discipulado, a comunhão e a missão (DAp, 2007, n. 278). Formar na fé, portanto, exige liderança, atração, acompanhamento e paixão pela causa de Jesus Cristo. E, essa paixão é descrita no Plano de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis nestes termos:

Somos cristãos porque seguimos Jesus, o Filho eterno de Deus-Pai feito homem no ventre de Maria de Nazaré. [...] Assim, sua fé é a nossa fé, sua opção é nossa opção, sua prática é nossa prática. Seguir Jesus é assumir a causa do Reino de Deus, é identificar-se com ele e assumir o seu destino. Nossa espiritualidade situa-se no conflito e na libertação. Por isso, deve partir sempre da realidade e assumir os conflitos que ela apresenta para transformá-la em sinal do Reino de Deus (ARQUIDIOCESE, 2012a, n. 270).

Transformar a realidade que se nos é apresentada em sinal do Reino é um processo, como é gradual e constante a formação de toda pessoa. “O discípulo é alguém apaixonado por Cristo, a quem reconhece como o mestre que o conduz e acompanha” (DAp, 2007, n. 277). Retomando a proposta da Conferência de Aparecida para a formação dos discípulos missionários de Jesus Cristo, nossa prática eclesial transforma-se na espiritualidade do cotidiano, percorrendo os cinco aspectos citados pelo Documento de Aparecida. Assim, fundem-se a experiência de discipulado e de missão, dimensões inseparáveis de toda pessoa que, tendo

recuperado a alegria e sentido de seu viver, quer contagiar outras pessoas com esta novidade, que na fé dizemos Boa Nova, Boa Notícia, Evangelho!

Em vista disso, o 13º Plano de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis registrou a característica de almejar que suas comunidades despertem para a dimensão missionária. O Plano de Pastoral afirma que:

Quem faz a experiência da alegria pascal no encontro com Deus e entra no caminho da santidade, quem se encanta com a comunhão eclesial e se aprofunda no conhecimento das verdades da fé, não pode ficar com essa graça só para si. Sente-se motivado à missão. [...] O processo de vivência da fé, exemplificado no despertar pedagógico dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35) e da samaritana (Jo 4,11-42), é inspirador de nossa prática missionária (ARQUIDIOCESE, 2012a, n. 271).

A missão não é uma tarefa a mais para a nossa ação evangelizadora, mas corresponde ao ser de cada pessoa batizada. Por isso, para a devida concretização das muitas características desejadas para a Igreja particular em Florianópolis, aqui sublinhadas apenas comunhão, participação, discipulado e missão, torna-se imprescindível refletir o apelo do Documento de Aparecida: “Na base dessas dimensões está a força do anúncio *querigmático*” (DAp, 2007, n. 279). Porque,

o querigma é o centro da nossa fé: o amor universal de Deus-Pai, revelado no ministério, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré, experimentado na unção do Espírito Santo e na participação da Igreja. O querigma deve ser anunciado com alegria e entusiasmo, não como imposição, mas como proposta, não como peso, mas como graça (ARQUIDIOCESE, 2012a, n. 265).

O retorno ao núcleo da fé é a marca de uma comunidade eclesial que busca viver do essencial, e precisa ser o objetivo das ações e dos planejamentos pastorais, porque “o querigma não é somente uma etapa, mas o fio condutor de um processo que culmina na maturidade do discípulo de Jesus Cristo” (DAp, 2007, n. 278a). Despertar e abastecer a fé a partir do querigma é alcançar a etapa de deixar-se converter a cada escolha, em cada atitude ou encontro com as pessoas. É entender que ser discípulo missionário deriva da consciência de ter encontrado o sentido mais profundo da vida e dos anseios humanos.

3.2 REVISÃO DO PROJETO DE CATEQUESE COMO RESPOSTA À SEGUNDA URGÊNCIA DA AÇÃO EVANGELIZADORA

Na segunda parte das reflexões sobre o Julgar do 13º Plano de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis estão contemplados os critérios da missão, isto é, as instâncias principais a serem contempladas no como, com quem, quais exigências e as realidades mais urgentes da ação evangelizadora.

Partindo destas últimas, a Arquidiocese de Florianópolis assumiu as mesmas Urgências da ação evangelizadora da Igreja no Brasil, num total de cinco. A condição de urgência implica em reconhecer, na esteira da história, o tempo oportuno de tomar decisões e agir em determinada realidade. Não se fala, portanto, de uma urgente mudança no conteúdo de sua atuação: anunciar o Evangelho de Jesus Cristo, isto é, evangelizar.

Por um período de quase uma década, a Igreja no Brasil definiu por meio das Diretrizes aprovadas pela CNBB as realidades que ficaram conhecidas como Urgências para sua ação evangelizadora. E para os períodos de 2011-2015 e 2015-2019, as Igrejas particulares foram desenvolvendo seus projetos em torno de cinco Urgências, sendo elas:

Urgência 1: Igreja em estado permanente de missão;

Urgência 2: Igreja: casa da iniciação à vida cristã;

Urgência 3: Igreja: lugar de animação bíblica da vida e da pastoral;

Urgência 4: Igreja: comunidade de comunidades;

Urgência 5: Igreja a serviço da vida plena para todos.

Cada Urgência foi contemplada no 13º Plano de Pastoral que agora visitamos. Sobre as exigências para que a missão se efetive, busca-se aprender com as mesmas exigências das primeiras comunidades cristãs: o serviço comum à todas as pessoas, diálogo com a realidade de nosso tempo, anúncio do núcleo da fé cristã como resposta às perguntas dos interlocutores e o testemunho de comunhão que passa pelo pertencimento comunitário em vista da promoção da pessoa, da comunidade e da sociedade inteira (ARQUIDIOCESE, 2012a, n. 291-294). O como ou os modos pelos quais as pistas de ação serão implantadas derivam da vocação batismal de cada fiel, membros do povo de Deus, reunidos pela palavra e autoridade de Cristo, cabeça e guia da Igreja, que envia e exorta:

‘Toda autoridade foi dada a mim no céu e sobre a terra. Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que ordenei a vocês. Eis que eu estou com vocês todos os dias, até o fim do mundo’ (Mt 28,18-20).

A Igreja, atendendo ao mandato missionário de Jesus Cristo, envia seus fiéis, ministros ordenados e cristãos leigos e leigas, para testemunharem sua fé no mundo, segundo seu próprio carisma, pois compreende que cada pessoa é chamada a viver sua vocação específica. É nesse fundamento bíblico (Mt 28,18-20) que o discipulado missionário encontra sustento e consolo, pois o Ressuscitado se faz presença em nós, acompanhando todas as ações em vista da realização do Reino de Deus. Os sinais visíveis dessa caminhada revelam-se nos três ministérios herdados no Batismo.

Nesse contexto, a vida e a missão do discípulo missionário de Jesus Cristo consistem no exercício do tríplice múnus, recebido no batismo: o ministério da Palavra, o ministério da Liturgia e o ministério da Caridade. Desta forma daremos maior visibilidade à ação de Cristo que, através de nós continua a anunciar e realizar o Reino de Deus-Pai (ARQUIDIOCESE, 2012a, n. 280).

A relação íntima dos três múnus demonstra o caráter de comunhão que os batizados precisam vivenciar sua fé, transformando as realidades por meio dos carismas e dons emanados do Batismo, como serviço e promoção da comunidade humana, inspirados pela comunhão da Trindade. Assim, o Ministério da Palavra, também conhecido como múnus da profecia, desenvolve-se em atividades do anúncio da Palavra de Deus, na formação da fé do povo de Deus, ensinando os conteúdos da doutrina e exortando para atitudes de conversão onde ainda não se realiza a justiça e o bem-comum. O Ministério da Liturgia, caracterizado pelo múnus do sacerdócio comum dos fiéis, acontece pela participação plena na liturgia, em especial nos sacramentos, quando os fiéis e seus ministros elevam a Deus suas orações e louvores para santificar suas vidas e a criação inteira pelos gestos, sinais e palavras litúrgicas. O Ministério da Caridade, visível no múnus de reger e pastorear o povo de Deus, é entendido como o aspecto da liderança cristã, tendo por regra o amor de Cristo por seu povo, esponsal, livre e comprometido. Desse modo, o Ministério da Caridade acontece no exercício da justiça social e na promoção da vida, a fim de que todos “tenham vida em abundância” (Jo 10,10).

As qualidades do tríplice múnus foram detalhadas na Exortação Apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici* sobre a vocação e missão dos leigos no mundo, do papa São João Paulo II, quando afirma:

A participação dos fiéis leigos no tríplice múnus de Cristo Sacerdote, Profeta e Rei encontra a sua raiz primeira na unção do Batismo, o seu desenvolvimento na Confirmação e a sua perfeição e sustento dinâmico na Eucaristia. É uma participação que se oferece a cada um dos fiéis leigos, mas enquanto formam o único corpo do Senhor. [...] Precisamente por derivar da comunhão eclesial, a participação dos fiéis leigos no tríplice múnus de Cristo exige ser vivida e atuada na comunhão e para o crescimento da mesma comunhão (JOÃO PAULO II, 1988).

Todo carisma e missão específica em nome da Igreja necessitam estar a serviço das pessoas, independente do vínculo com a Igreja. Toda pessoa batizada é sinal concreto da graça batismal em vista de um novo mundo. Assim, nos fala o Diretório para a Catequese: “Cada fiel, portanto, se une à comunidade de discípulos e faz sua a fé da Igreja. Com a Igreja, povo de Deus a caminho na história e sacramento universal de salvação, faz parte de sua missão” (DC, 2020, n. 21).

Em vista dessa tarefa comum, em função da fé, o 13º Plano de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis indica os âmbitos da missão, isto é, a quem devem estar destinadas as pistas concretas descritas nos projetos de cada urgência da ação evangelizadora. “A vivência do tríplice múnus de Cristo e da Igreja se dá nos âmbitos da pessoa, da comunidade e da sociedade” (ARQUIDIOCESE, 2012a, n. 286).

Para concretizar esse itinerário de evangelização, como já dissemos, a Arquidiocese de Florianópolis elaborou um projeto para cada Urgência da ação evangelizadora da Igreja no Brasil. Dentre as cinco Urgências, segue detalhado apenas o Projeto referente à 2ª urgência, que diz respeito ao contexto da Catequese.

3.2.1 As pistas de ação do 13º Plano de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis para a Catequese

De acordo com o 13º Plano de Pastoral, cada Urgência foi contemplada com pistas de ação em nível de Arquidiocese,⁸ Comarcas⁹ e Paróquias. Abaixo, seguem as pistas de ação em nível de Arquidiocese, para a 2ª Urgência: ***Igreja, casa da iniciação à vida cristã***. Por meio dessa Urgência contempla-se a ação catequética como um todo, desde as maneiras de planejar a formação de agentes de pastoral e catequistas até a oferta de itinerários didáticos para a iniciação à vida cristã.

A Catequese, portanto, na Arquidiocese de Florianópolis, coloca-se a serviço da iniciação à vida cristã, entendida como um processo maior, perpassando momentos da vida das pessoas que se colocam à disposição de descobrir, aprofundar e se inserirem na vida em comunidade por meio de um itinerário de acolhida, encantamento, formação e adesão sincera ao discipulado missionário de Jesus Cristo. Como exorta o Diretório para a Catequese: “o cristão nasce no seio materno da Igreja; a sua fé é uma participação na fé eclesial que sempre o precede” (DC, 2020, n. 21). A fé será sempre um dom de Deus para ser vivida em comunidade, mesmo que a resposta da fé seja um ato pessoal, livre e consciente.

Com esse intento, o Plano prevê ações para os três múnus, com os quais a Catequese fará seu processo de revisitar conceitos, modos de agir e metas de trabalho. Para o múnus da Palavra, ficaram estabelecidas as seguintes ações:

01. Reorganizar os conteúdos da catequese na ótica da iniciação à vida cristã, priorizando a Palavra de Deus.
02. Assumir em toda a Arquidiocese a iniciação à vida cristã, investindo na formação sistemática de todos os agentes pastorais (ARQUIDIOCESE, 2012a, p. 129).

Para o múnus da Liturgia, foram definidas as seguintes pistas de ação:

⁸ As pistas de ação definidas para Comarcas e Paróquias não estão contempladas no objeto de nossa pesquisa, que tem o foco nas ações desenvolvidas para o âmbito de toda a Arquidiocese.

⁹ Na Arquidiocese de Florianópolis, a estrutura organizacional de Comarcas foi substituída por Foranias. “Para promover o cuidado pastoral mediante cooperação, diversas paróquias mais próximas e outros organismos eclesiais presentes na mesma região são, na Arquidiocese, unidos em Foranias” (cf. Cân. 374, § 2). (Fonte: Arquidiocese de Florianópolis. Disponível em: <<https://arquifln.org.br/organizacao/1070-2/>>. Acesso em: 26.08.2021.)

01. Reestruturar as orientações em relação às práticas dos sacramentos, considerando a iniciação à vida cristã. 02. Utilizar na iniciação à vida cristã o ritual de iniciação cristã de adultos (RICA), dando prioridade à catequese de adultos e à formação dos jovens (ARQUIDIOCESE, 2012a, p. 130).

Para o múnus da Caridade, decidiu-se por:

01. Assumir em toda a Igreja a prática da acolhida e da solidariedade. 02. Investir na promoção da família, sobretudo as afastadas e empobrecidas, atendendo-as em suas necessidades (ARQUIDIOCESE, 2012a, p. 131).

Além das Urgências da ação evangelizadora, a 27ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral também aprovou, para o primeiro período de vigência do plano, a família para ser a linha transversal de todo o Plano de Pastoral que, além de uma ação, “é uma realidade que perpassa todas as ações evangelizadoras da Igreja” (ARQUIDIOCESE, 2012a, p. 136).

Deste modo, os projetos de evangelização foram destinados às respectivas coordenações ou comissões responsáveis para os devidos encaminhamentos. E, ainda, um último apelo, escrito no 13º Plano de Pastoral, que precisa ser considerado a cada instante e em cada atividade desenvolvida, diz respeito à espiritualidade dos agentes de pastoral. A exortação do 13º Plano de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis sobre o tema da espiritualidade é que:

Ao elaborar os projetos, faz-se necessário lembrar que não é o número de atividades que se fazem ou de frentes de ação que se enfrentam, que vai definir a eficiência da ação evangelizadora, pois o que vale é a ação de Deus realizada em nós (ARQUIDIOCESE, 2012a, p. 137).

A esta perspectiva de que os recursos pastorais, planos e atividades, precisam estar envolvidos da mística da Ressurreição, o Papa Francisco escreveu: “Invoco uma vez mais o Espírito Santo; peço-lhe que venha renovar, sacudir, impelir a Igreja numa decidida saída de si mesma a fim de evangelizar todos os povos” (EG, 2013, n. 261). Assim, cada comissão ou coordenação, desenvolvendo seus projetos, precisa ter como meta o seguimento de Jesus Cristo, deixando-se moldar pelo Espírito Santo e se colocando em peregrinação ao lado de todo o povo de Deus, para que as sobrecargas dos trabalhos e os cargos não se tornem fardos. A espiritualidade do seguimento de Jesus é marcada pela presença discreta e operante do Pai, que trabalha sempre (Jo 5,17), por meio das mãos e pés de seus filhos e filhas.

Para atender às propostas do 13º Plano de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis para a Catequese por meio da 2ª Urgência: ***Igreja, casa da iniciação à vida cristã***, iniciou-se o processo de planejamento e elaboração de itinerários novos para o processo de Iniciação à Vida Cristã com crianças e adolescentes. A novidade na elaboração desses itinerários consiste na elaboração de itinerários também para as famílias dos catequizandos, de modo que os adultos responsáveis acompanhem o processo de educação da fé por meio de encontros específicos.

Os passos iniciais do novo projeto de Catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã teve duas iniciativas principais. A primeira delas foi a sensibilização das comunidades da Arquidiocese, com objetivo de contribuir na capacitação de todas as lideranças pastorais por meio de ampla divulgação de dois pôlderes.

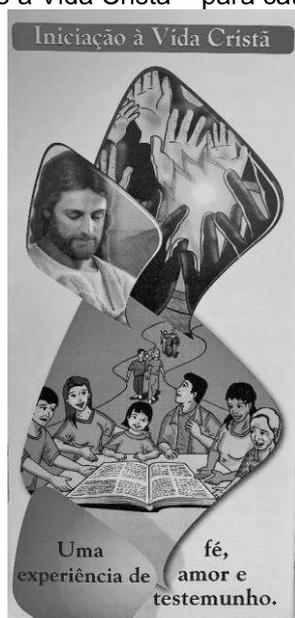
Figura 1 – Folder Iniciação à Vida Cristã – para comunidades



Fonte: ARQUIDIOCESE, 2012.

O pôlder “Iniciação à Vida Cristã: uma encantadora experiência de amor, fé, esperança e vida em comunidade”, Figura 1, é voltado para pessoas envolvidas em todos os setores da evangelização, com explicações sobre a importância da inspiração catecumenal para a comunidade, ressaltando a importância de ter uma comunidade eclesial verdadeiramente empenhada em tornar realidade um novo processo de catequese.

Figura 2 – Folder Iniciação à Vida Cristã – para catequistas e lideranças



Fonte: ARQUIDIOCESE, 2012.

E o segundo fôlder denominado “Iniciação à vida Cristã: uma experiência de fé, amor e testemunho”, Figura 2, destinado diretamente para catequistas de diferentes níveis, para informar e formar sobre o processo de catequese que estaria passando por revisão, de maneira que contemplasse o processo de inspiração catecumenal com seus Tempos e Etapas.

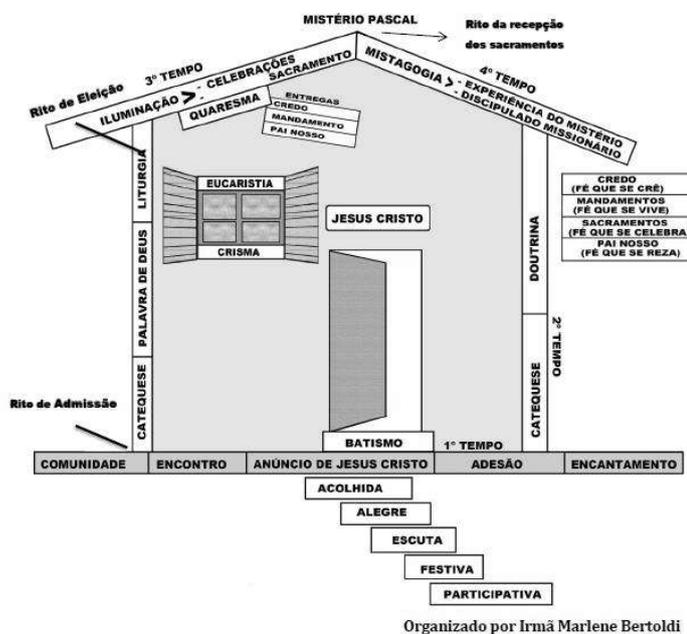
E a segunda ação foi a elaboração de um esquema para o entendimento da Iniciação à Vida Cristã a partir de uma casa, como pede a própria Urgência estabelecida pela CNBB:

É preciso ajudar as pessoas a conhecer Jesus Cristo, fascinar-se por Ele e optar por segui-lo. [...] A iniciação cristã não se esgota na preparação aos sacramentos do Batismo, Crisma e Eucaristia. Ela se refere à adesão a Jesus Cristo. Esta adesão deve ser feita pela primeira vez, mas refeita, fortalecida e ratificada tantas vezes quantas o cotidiano exigir (CNBB, 2011, n. 40.41).

Figura 3 – Estrutura da Casa da Fé

Construção da Iniciação à Vida Cristã

“Somos edificados em Cristo que é a pedra angular” (cf. Ef 2,20).



Fonte: ARQUIDIOESE, 2012.

E, na dinâmica do cotidiano, os catequizandos e suas famílias, catequistas e lideranças encontram-se, respectivamente, na casa-lar e na casa-comunidade. Esse ponto comum de encontro recebe, portanto, nova conotação a partir da Urgência de tornar a Igreja inteira uma casa para iniciar na fé e perseguir os passos de Jesus Cristo. Com isso, a Coordenação de Catequese da Arquidiocese de Florianópolis estruturou o esquema da Iniciação à Vida Cristã com inspiração catecumenal, conforme apresentada na Figura 3, que ficou conhecida como Casa da Fé. De tal modo, no esquema, intitulado “Construção da Iniciação à Vida Cristã”, temos uma visão geral da pedagogia e da metodologia da ação catequética desenvolvida na Arquidiocese de Florianópolis para apresentar a reforma necessária no processo de educação na fé decorrente da inspiração catecumenal.

Nessa pesquisa, identificamos no esquema a Casa da Fé, um modo para mostrar a importância de se viver com responsabilidade e testemunhar a fé no cotidiano, a fim de que se possa construir em comunidade evitando o risco de que a casa possa desabar. Em síntese, representamos na Casa da Fé os Quatro Tempos da inspiração catecumenal com palavras, que representam conteúdos e estratégias

para cada momento do itinerário da fé e aprofundamento do mistério cristão. O 1º Tempo corresponde ao alicerce da casa; o 2º Tempo as paredes; o 3º Tempo a primeira parte do telhado, imediatamente colado ao 4º Tempo, outro lado do telhado, unidos pelo Mistério Pascal, centralidade e origem da fé e da razão de existir da Igreja.

A partir da base sólida que se dá pela adesão a Jesus Cristo, as famílias podem caminhar com segurança nas estradas da vida, tendo como referência os testemunhos e as experiências de fé apresentados pela Palavra de Deus, além da ajuda dos critérios da doutrina cristã e participar ativamente nos momentos festivos dos atos litúrgicos da comunidade.

A Casa da Fé também nos ajuda na compreensão das exigências do Documento de Aparecida sobre os momentos fortes de um itinerário de formação na fé cristã:

Que ele tenha como centro a pessoa de Jesus Cristo, nosso Salvador e plenitude de nossa humanidade, fonte de toda maturidade humana e cristã; que tenha espírito de oração, seja amante da Palavra, pratique a confissão frequente e participe da Eucaristia; que se insira cordialmente na comunidade eclesial e social, seja solidário no amor e fervoroso missionário (DAp, 2007, n. 292).

Nesse ponto podemos afirmar, embora os trabalhos da Arquidiocese tenham sido iniciados por meio de itinerários voltados para crianças e adolescentes em idade de catequese, a estrutura definida como Casa da Fé servirá de mentoria e inspiração para um processo maior de acompanhamento na fé de outras idades e novas realidades da ação evangelizadora. Ou seja, mais do que uma estrutura para a preparação em vista dos sacramentos da Iniciação Cristã, a Casa da Fé é um lugar e um instrumento de referência para toda pessoa que deseja dar sentido à sua vida tendo Jesus Cristo como referência. E esta decisão pode acontecer, por exemplo, “quando chegam os filhos, quando o adolescente busca sua identidade, quando o jovem se prepara para suas escolhas futuras, no noivado e no matrimônio, nas experiências de dor e fragilidade (CNBB, 2011, n. 41). A fé é como uma casa que se constrói no dia a dia. No alicerce desta casa está Jesus, que nos convida constantemente para um encontro pessoal consigo. Jesus será o mestre para a construção da nossa casa da fé. Durante este processo de construção e formação

da fé contamos com a promessa feita pelo próprio Cristo: “Eis que estarei com vocês, todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28,20).

No próximo item apresentaremos os pontos essenciais de cada parte da Casa da Fé e sua sistematização em vista dos novos itinerários de Iniciação à Vida Cristã da Arquidiocese de Florianópolis.

3.2.2 Plano de ação da Coordenação de Catequese: a Casa da Fé

Em resposta às Diretrizes da Igreja no Brasil, explicitadas nos Documentos 94 e 102 da CNBB, que aprovaram em caráter de continuidade a Urgência Igreja: **Casa da Iniciação à Vida Cristã**, a Arquidiocese de Florianópolis estruturou seu projeto para a revisão e confecção de novo material didático para a educação da fé, uma coleção de oito volumes, intitulada: Itinerários de Iniciação à Vida Cristã, para catequizandos e, Itinerário para a Família, dedicado para a formação e acompanhamento dos familiares e responsáveis no percurso de educação na fé e iniciação sacramental dos seus filhos.

A elaboração final dos itinerários é consequência de estudo e amadurecimento aos indicativos presentes nos documentos da Igreja no Brasil e em especial do Concílio Vaticano II, de dar atenção especial aos adultos e adequada educação na fé a todos os fiéis. E desde então, instâncias de coordenação da ação evangelizadora de dioceses e comunidades eclesiais têm buscado conhecer e compreender a dinâmica da inspiração catecumenal desenvolvendo técnicas e estudos para renovar a dinâmica da ação evangelizadora em suas dinâmicas.

Quando a CNBB aprovou pela primeira vez o esquema das cinco Urgências, afirmou em seu Documento 94, que:

Esta perspectiva eminentemente catecumenal de nossas comunidades apresenta uma série de consequências para a ação evangelizadora. Em primeiro lugar, o processo permanente de iniciação apresenta uma série de exigências para a evangelização: acolhida, diálogo, partilha, bem como maior familiaridade com a Palavra de Deus e a vida em comunidade. Em segundo lugar, implica estruturas, isto é, grupos de estilo catecumenal nos mais diversos lugares e horários, sempre disponíveis a acolher, apresentar Jesus Cristo e dar as razões da nossa esperança (1Pd 3,15) (CNBB, 2011, n. 42).

E, por ocasião da confirmação da segunda urgência definida como Igreja: Casa da Iniciação à Vida Cristã, o Documento 102 da CNBB exorta:

A catequese de inspiração catecumenal a serviço da Iniciação à Vida Cristã fundamenta-se na *centralidade do querigma* ou primeiro anúncio na missão da Igreja. [...] Este primeiro anúncio desencadeia um caminho de formação e de amadurecimento que é o catecumenato, propriamente dito, um tempo de acompanhamento em vista da iluminação da vida a partir da fé cristã. [...] Esta perspectiva de crescimento destaca o lugar que a *liturgia*, celebrada na comunidade dos fiéis, ocupa na ação missionária da Igreja e no seguimento de Jesus Cristo (CNBB, 2015, n. 44.46).

Por esse motivo afirmamos que sem o querigma não há razão para um processo ou percurso de fé. O mistério pascal de Cristo, enquanto núcleo da fé cristã, é inesgotável de benefícios da graça à vida da pessoa que crê, do mesmo modo que a trajetória da fé não se acaba com a realização de um sacramento. A ação litúrgica, pelo fato de congregar os fiéis e atualizar o mistério de Cristo, dá sentido e novo sabor à vida concreta, renovando o motivo de adesão ao corpo de Cristo, visível na comunidade reunida.

A partir do entendimento da estrutura da Casa da Fé, a Arquidiocese de Florianópolis quer desenvolver em suas comunidades um processo de Iniciação à Vida Cristã que comece pelo *querigma* e que, permeado pela Palavra de Deus, conduza cada pessoa a um encontro pessoal, cada vez maior com Jesus Cristo. E, nesse itinerário, deixa evidente a mudança do curso em vista do sacramento para o percurso na fé em Jesus Cristo, divino Pastor e guia para a humanidade, experimentado como plenitude da realização humana. Este itinerário de formação deve oferecer momentos de conversão e reconciliação aos fiéis e à comunidade inteira, inserindo cada pessoa e suas famílias na comunidade eclesial, por meio da prática dos sacramentos, do serviço e da missão (DAp, 2007, n. 289).

Começar a caminhada na fé a partir de Cristo, centro, destino e razão da peregrinação da pessoa que busca em Jesus de Nazaré o sentido de realização da própria vida, é apresentar no início do itinerário de iniciação à vida cristã a pessoa de Jesus Cristo como centro e referência de todo ensinamento, das celebrações e das escolhas diretas para a vida concreta.

A frase 'recomeçar a partir de Cristo' expressa o desejo de levar a cabo uma evangelização (e nela uma catequese de caráter iniciático) que não repita o modelo histórico de cristandade, mas que retorne à fonte, ao ponto de partida inicial que é Jesus Cristo e as primeiras comunidades de onde se origina a experiência cristã genuína e autêntica. A mudança de paradigma catequético exigirá, portanto, buscar e discernir novas formas de acompanhar o caminho de fé (CELAM, 2015, n. 36).

A Casa da Fé, portanto, tem na sua base e centralidade no Anúncio de Jesus Cristo, que corresponde ao 1º Tempo da inspiração catecumenal, conhecido também como pré-catecumenato. De acordo com o Documento RICA:

É o tempo da evangelização em que, com firmeza e confiança, se anuncia o Deus vivo e Jesus Cristo, enviado por ele para salvação de todos, a fim de que os não-cristãos, cujo coração é aberto pelo Espírito Santo, creiam e se convertam livremente ao Senhor, aderindo lealmente àquele que, sendo o caminho a verdade e a vida, satisfaz e até supera infinitamente a todas as suas expectativas espirituais (RICA, 1975, n. 9).

A compreensão do que seja o *querigma* parte de uma pergunta de base: o que eu faço com isso – a fé? Trata-se de um significado explícito que precisa ser dado ao conjunto da fé alicerçado em tantos anos de história da comunidade cristã. Dar sentido ao que se crê, dar corpo ao discurso e encarnar a mensagem. Este é o objetivo do 1º Tempo. E, para isso se tornar acessível aos familiares e catequizandos, a base da casa da fé relaciona-se com o “Anúncio de Jesus Cristo” ou seja, com palavras de encantamento, adesão, encontro e comunidade.

Em seguida, a Casa da Fé identifica as paredes como o 2º Tempo da inspiração catecumenal. A caminhada da Igreja depende de um sentimento de pertença que também está em crise em nossos dias. As paredes são sinal de segurança, de definição de espaços e localização. Por meio das paredes, percebemos a nossa postura de realização concreta da acolhida, de aproximar e fazer acontecer o proposto pelo 1º Tempo: entrar e sentir-se em casa, estar à vontade, perceber-se membro da comunidade de fé.

O RICA nos ajuda a compreender a formular o objetivo do 2º Tempo como “um espaço de tempo em que os candidatos recebem a formação e exercitam-se praticamente na vida cristã. Desse modo, adquirem madureza as disposições que manifestaram pelo ingresso” (2001, n. 19). E, neste período, de erguer as paredes para acompanhar a educação na fé cristã, acontece a catequese propriamente dita. Neste 2º Tempo, olhando para a estrutura da Casa da Fé, percebemos que os conteúdos que partem da Palavra de Deus, são celebrados nos ritos e ações litúrgicas e seguem orientados pela doutrina da Igreja.

A catequese de inspiração catecumenal acontece acompanhada por um ritmo denominado “colcha de retalhos”, em que cada parte de um tecido é alinhavada com o fio da Palavra de Deus, formando um grande tecido de fé que é capaz de envolver a comunidade inteira. E, além de envolver, é um tecido que depende da comunidade para manter sua durabilidade.

Essas realidades de fé, que são expressas em linguagens distintas (bíblica, litúrgica, doutrinal, testemunhal...), e que constituem um corpo orgânico e coerente de certezas e verdades, devem ser apresentadas organicamente, mostrando sua coerência interna aos catequizandos. [...] O catequista fala da fé e trata de suscitar a fé ante os mistérios profundos que contêm a ação de Deus em favor do homem; propõe-se não só formar a mente, mas educar na fé os catequizandos e introduzi-los na vida cristã, para que, pela fé, possam conhecer a riqueza do amor de Deus em Jesus Cristo (GUILARTE, 2004, p. 608).

Ao concluir o 2º Tempo, tendo erguido as paredes da fé com os ensinamentos da Palavra de Deus, da liturgia e da doutrina, a Casa da Fé recebe a primeira parte do telhado, que corresponde ao 3º Tempo, chamado de Purificação e Iluminação. Na origem do catecumenato este Tempo preparava, de maneira especial, para a recepção do Sacramento da Iniciação Cristã: Batismo, Crisma e Eucaristia. Em perspectiva de inspiração catecumenal, compreende-se o tempo de purificação como o período de conversão das atitudes, de arrependimento, busca pelo perdão dos pecados e de reconciliação com Deus e com os irmãos e irmãs. E, o processo de iluminação está associado ao sentido de orientar a vida de acordo com a vida de Jesus. Assim, purificação e iluminação são dimensões da fé cristã sempre orientadas à vida nova herdada pelo batismo.

Nesse tempo, a intensa preparação espiritual, mais relacionada à vida interior que à catequese, procura purificar os corações e espíritos pelo exame de consciência e pela penitência, e iluminá-los por um conhecimento mais profundo de Cristo, nosso Salvador. Serve-se para isso de vários ritos, sobretudo de escrutínios e das entregas (RICA, 2001, n. 25).

A estrutura da Casa da Fé mostra que o 3º Tempo é caracterizado, de maneira especial, pela dinâmica e espiritualidade da Quaresma, período de intensa revisão de vida, quando a Igreja inteira realiza seu retiro espiritual em preparação da Páscoa de Jesus. No Tempo da Quaresma, os fiéis já batizados buscam a penitência e a reconciliação sacramental, como forma ordinária de sua purificação. Aos catequizandos ou catecúmenos é oferecida a caminhada penitencial pelos ritos

previstos para este tempo, de maneira a santificar suas vidas e ações em vista da Páscoa e da recepção dos sacramentos.

O 4º Tempo, visível na outra parte do telhado da Casa da Fé, corresponde ao Tempo da Mistagogia, que está ligada ao Mistério Pascal: paixão, morte e ressurreição de Jesus. O Tempo da Mistagogia só tem início a partir da celebração dos sacramentos, que por sua vez, têm origem na Páscoa de Jesus. Por esse motivo, o telhado tem no seu cume a expressão Mistério Pascal, ligado de maneira mais íntima a preparação e a consequente vivência dos sacramentos: pelo Batismo, onde participamos de sua morte e ressurreição; pela Crisma quando celebramos a efusão do Espírito de Jesus ressuscitado aos seus discípulos; e pela Eucaristia, alimento da caminhada na fé pelo corpo e sangue de Cristo (CNBB, 2017, n. 130).

Para o Tempo da Mistagogia prevê-se uma sequência de encontros, com vivências e partilhas sobre o dia da celebração dos sacramentos e como vivê-los no dia a dia, com ajuda e presença de lideranças da comunidade, para ampliar o sentido de participação no tecido da fé comunitária. De acordo com o RICA, com os encontros no Tempo da Mistagogia:

obtem-se o conhecimento mais completo e frutuoso dos 'mistérios' através das novas explanações e sobretudo da experiência dos sacramentos recebidos. [...] Dessa experiência, que todo cristão possui, e cresce pela prática da vida cristã, adquirem novo senso da fé, da Igreja e do mundo (RICA, 2001, n. 19).

O que podemos destacar da inspiração catecumenal, é que cada um desses Tempos depende um do outro para que os sacramentos possam dar frutos em nossa vida. E, além disso, na estrutura da Casa da Fé, cada Tempo dá sentido de existir para o outro, em vista do sustento e da durabilidade da casa. Além disso, percebemos que as partes que formam a Casa da Fé não são isoladas e independentes. Cada Tempo da inspiração catecumenal, que corresponde a uma parte da Casa da Fé, está unido por ritos litúrgicos previstos pela inspiração catecumenal para ajudar a comunidade e os catequizandos a perceberem a dinâmica de continuidade no itinerário de fé. Estes ritos específicos que estabelecem a conexão entre os Tempos são conhecidos como Etapas. O RICA apresenta a seguinte explicação para as Etapas:

Nesse itinerário, além do tempo de informação e amadurecimento (cf. n 7), há 'etapas', ou passos, pelos quais o catecúmeno, ao caminhar, como que atravessa uma porta ou sobe um degrau. [...] Há, portanto, três etapas, passos ou portas que devem ser considerados momentos fortes ou mais densos da iniciação. Essas etapas são marcadas por três ritos litúrgicos: a primeira, pelo rito de instituição dos catecúmenos; a segunda, pela eleição; e a terceira, pela celebração dos sacramentos (RICA, 2001, n. 6).

Este caráter de unidade entre as partes da Casa da Fé favorece a compreensão de que é a comunidade inteira que ajuda a construir a Casa da Fé, seja nos momentos que se reúne para festejar as etapas importantes da caminhada de seus catequizandos, ou pelo testemunho de vida cotidiano durante todo o itinerário de aprofundamento da fé. Outro aspecto a ser considerado é que, por meio das celebrações litúrgicas, a comunidade é convidada a renovar sua fé e assumir em conjunto a responsabilidade que decorre da entrega dos sacramentos aos catequizandos.

Podemos afirmar, portanto, que a Casa da Fé é a própria comunidade. A comunidade é mãe da fé e filha do próprio processo de educação na mesma fé. "A fé sempre é vivida e transmitida dentre de uma comunidade: por isso a Catequese é obra de toda a comunidade" (CR, 1983, n. 214). A transmissão e educação da fé é ofício da comunidade crente. É preciso recuperar a dinâmica comunitária da fé, como alicerce do ser e agir cristão. "A comunidade cristã é o principal sujeito da catequese. O cuidado com as relações de grupo tem um significado pedagógico: desenvolve o sentido de pertencimento eclesial e ajuda o crescimento da fé" (DC, 2020, n. 218). A comunidade que se entende responsável pela educação da fé de seus futuros membros compreende que a Catequese é tarefa primeira dela mesma.

A partir do entendimento que a comunidade é ponto de partida e de chegada da educação da fé, a Coordenação de Catequese da Arquidiocese de Florianópolis elaborou novos itinerários didáticos, tendo como referência metodológica a inspiração catecumenal, para contemplar o projeto da 2ª urgência do 13º Plano de Pastoral.

3.3 A REVISÃO DOS CONTEÚDOS E DA PEDAGOGIA CATEQUÉTICA PARA OS ITINERÁRIOS DA ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS

O planejamento da ação evangelizadora da Arquidiocese de Florianópolis, proposto em seu Plano de Pastoral, para o período de 2012-2022, quer responder

os apelos locais de evangelização à luz das orientações da Igreja no Brasil, organizando suas pistas de ação em torno das cinco urgências identificadas no cenário nacional a partir de 2011.

É, pois, neste sentido, que as urgências da evangelização devem estar presentes em todos os processos de planejamento e nos consequentes planos pastorais. Tais urgências dizem respeito à busca de caminhos para a transmissão e sedimentação da fé, neste período histórico de transformações profundas (ARQUIDIOCESE, 2012a, n. 375).

O Plano Pastoral é também uma resposta ao apelo de conversão pastoral e missionária das comunidades que a Conferência de Aparecida destinou aos bispos, para que renovem as estruturas de suas dioceses, paróquias e comunidades, “fazendo com que a Igreja se manifeste como mãe que vai ao encontro, uma casa acolhedora, uma escola de permanente comunhão missionária” (DAp, 2007, n. 370). Esse apelo requer que se deixe para trás um estilo de pastoral de mera conservação, manutenção ou mesmo continuação de um processo repetido ao longo dos últimos tempos.

A resposta da Arquidiocese de Florianópolis para a 2ª Urgência: ***Igreja, casa da Iniciação à Vida Cristã*** deu-se em duas fases: a) na elaboração de uma pedagogia e metodologia de ação, que se vê na Construção da Iniciação à Vida Cristã, ou Casa da Fé; b) e no processo de planejamento e elaboração de itinerários novos para a catequese com crianças e adolescentes. A segunda fase, deu origem a uma nova ação concreta para o acompanhamento da família dos catequizandos, com elaboração de itinerários para as famílias, cotendo formação na fé e apresentação do novo processo de catequese, com temas que complementam e aprofundam os conteúdos dos itinerários dos catequizandos, na medida que despontam temas comuns de reflexão. Essa iniciativa corresponde a uma forma de contemplar a catequese com adultos, no contexto arquidiocesano, assim também como uma resposta ao objetivo do Concílio Vaticano II, de restaurar os processos de iniciação à vida cristã e propô-los de maneira especial e primeira aos adultos (SC 64; CD 14).

Os passos de revisão dos conteúdos e elaboração de novo itinerário didático foram construídos a partir de um processo de escuta e atenção aos clamores do povo. No contexto da nova evangelização pedida pela Igreja, o Diretório para a Catequese afirma:

Está em curso uma verdadeira revolução antropológica, que tem consequências também para a experiência religiosa e que fortemente interpela a comunidade eclesial. [...] A transformação, portanto, toca a esfera da identidade e da liberdade da pessoa, bem como as habilidades cognitivas e os sistemas de aprendizado; inevitavelmente influencia suas modalidades relacionais e, por fim, modifica a própria abordagem da experiência de fé (DC, 2020, n. 46-47).

Diante disso, antes de lançar as respostas temos que aprender a ouvir o que as pessoas andam falando pelos caminhos, por vezes desanimadas, tristes e iludidas. “Muitas vezes é melhor diminuir o ritmo, pôr de parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho” (EG, 2013, n. 46). O que estão perguntando os homens e mulheres de hoje? Qual o conteúdo de interesse para os bate-papos e *chats*? O que é preciso ter em mente quando alguém demonstrar interesse pela fé cristã? Essas perguntas são necessárias para compreender por que estamos falando de urgência da ação evangelizadora.

Em outras épocas, era possível pressupor que o primeiro contato com a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo acontecia em sociedade, possibilitado pelos diversos mecanismos culturais, fazendo com que a ação evangelizadora se preocupasse mais com a purificação e a retidão doutrinais, com a moral e com os sacramentos. A mudança de época exige o anúncio de Jesus Cristo não seja mais pressuposto, porém explicitado continuamente (CNBB, 2011, n. 39).

Para a fé cristã, a mensagem a ser transmitida é a certeza na Ressurreição, revelada na vida de Jesus de Nazaré, nascido na Galileia, onde chamou e formou em torno de si um grupo de discípulos e discípulas, ensinando que o Reino de Deus está próximo. A comunidade viu e testemunhou as maravilhas operadas pelo Nazareno, que passou pelo mundo fazendo o bem (At 10,38). E, por último, a mesma comunidade sofreu a dor e a morte de cruz de seu líder. Envolvida no luto e na decepção, na expectativa e no fracasso, discípulos e discípulas são provocados pela Boa-Nova da Ressurreição, uma mensagem incompreensível naquele instante, mas se torna alicerce dos dias vindouros: “Eu vi o Senhor” (Jo 20,18).

E o mesmo acontece hoje. Somos convidados a descobri-lo, a vivê-lo. Cristo ressuscitado e glorioso é a fonte profunda da nossa esperança, e não nos faltará a sua ajuda para cumprir a missão que nos confia. A sua ressurreição não é algo do passado; contém uma força de vida que penetrou o mundo. Onde parecia que tudo morreu, voltam a aparecer por todo o lado os rebentos da ressurreição. É uma força sem igual (EG, 2013, n. 275).

Eis instalada a necessidade de desenvolver métodos para fazer chegar à mensagem cristã, o *querigma*, aos homens e às mulheres de nossos tempos. A Igreja, reconhecendo tal necessidade, promoveu a restauração do processo de educação da fé da Igreja primitiva, o catecumenato. E, na Arquidiocese de Florianópolis, a inspiração catecumenal ajudou a promover uma abordagem sobre a pedagogia catequética.

Portanto, aqui se instala a pertinência dessa pesquisa, não tanto com o foco na instituição do Catecumenato,¹⁰ porém, como recurso para atender o desejo do Concílio Vaticano II de “compreender a Igreja como [...] lugar onde o Verbo de Deus se fez carne e habita no meio de nós para servir e salvar a humanidade” (CARVALHO, 2015, p. 125).

Assim, de tempos em tempos, na esteira da história, passados dois milênios desde que estes fatos aconteceram, a mensagem do mesmo evento, Jesus Cristo precisa ser garantida, transmitida e vivida pelas comunidades cristãs contemporâneas. Para que este núcleo da fé, o *querigma*, não se perca, a mensagem precisa de transmissores, canais e agentes, meios e interlocutores, sensíveis e capazes de assimilar o conteúdo de tal mensagem, aplicando-o na vida cotidiana como forma de atualizar o mistério da fé.

3.3.1 Critérios para a revisão dos conteúdos da catequese: a inspiração catecumenal

O ano de 2016 marcou o início da aplicação dos novos itinerários didáticos de *Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal*, na Arquidiocese de Florianópolis. São eles: Itinerário de Iniciação à Vida Cristã, destinados às crianças e adolescentes

¹⁰ Os historiadores modernos situam a época mais florescente do catecumenado nos três primeiros séculos. Nasce no séc. II, desenvolve-se no séc. III e na primeira metade do séc. IV, transforma-se na segunda metade do séc. IV, mantém uma certa vitalidade no séc. V, e entra em decadência, até desaparecer, nos séculos VI e VII. [...] Finalmente, o século VI só conserva ritos mais ou menos condensados, e o baptismo [sic.] de crianças substitui o catecumenado (FLORISTÁN, 1988, p. 60).

- volumes 1, 2, 3 e 4 - e, Itinerário da Família, destinados aos familiares que acompanham os catequizandos durante todo o processo - volumes 1, 2, 3 e 4. Os itinerários didáticos foram elaborados de acordo com a orientação da CNBB presente no instrumento Itinerário Catequético, publicado em 2014.

Tendo em mãos o Itinerário Catequético, da CNBB, e a motivação do Documento de Aparecida que pede para fazer do *querigma* o fio condutor do processo de iniciação à vida cristã (DAp, 2007, n. 278), a Coordenação de Catequese estruturou o Projeto de Iniciação à Vida Cristã com Inspiração Catecumenal da Arquidiocese de Florianópolis.

Constatamos que a estrutura do Projeto, pela extensão módica em que se apresenta, serve como um plano de trabalho com vistas à execução célere do material a ser aplicado nas paróquias. Carece, por isso, de uma base reflexiva e teológica, bem como de uma inspiração bíblica para que possa servir de fonte de espiritualidade e eixo motriz do itinerário de educação da fé.

Destarte, o Projeto de Iniciação à Vida Cristã com Inspiração Catecumenal na Arquidiocese de Florianópolis está estruturado em quatro itens, a saber: 1 - O que é Iniciação à Vida Cristã?; 2 - Por que há necessidade de uma Iniciação à Vida Cristã? 3 - Como podemos caminhar para melhor implantar a Iniciação à Vida Cristã na Arquidiocese?; 4- Plano de ação.

A proposta de unir o desenvolvimento prático de uma experiência de educação da fé, que podemos chamar de pedagogia catequética, com a teoria e reflexão acadêmica, surge para suprir um distanciamento entre a prática de ser catequista e os conteúdos de aprendizagem da fé. O novo Diretório para a Catequese afirma que “A catequese é pedagogia em ação da fé” (2020, n. 166). E, desse modo, nossa pesquisa quer contribuir com sua reflexão no preenchimento desta lacuna entre teoria e prática a fim de dar sustentação a caminhada realizada na Arquidiocese de Florianópolis com a aprovação do 13º Plano de Pastoral desde 2012.

A seguir, apresentaremos a distribuição dos conteúdos para a educação da fé de acordo com o Itinerário Catequético da CNBB para crianças e adolescentes, buscando a identificação deles nos quatro volumes dos itinerários didáticos de Iniciação à Vida Cristã elaborados pela Arquidiocese de Florianópolis. De maneira breve, indicando as características de cada uma das três partes da obra Itinerário Catequético e as suas contribuições para as Igrejas particulares, equipes de

coordenação e demais pessoas interessadas na reflexão sobre itinerário de Iniciação à Vida Cristã. Ao todo são três partes que compõem o Itinerário Catequético da CNBB.

Na Parte 1 encontra-se a fundamentação bíblica que apresenta a pessoa de Jesus Cristo como centro da catequese e modelo para o catequista. Desta parte inferimos que carece de um diálogo com a pesquisa bíblica e teológica do continente latino-americano, aproximando a linguagem sobre Jesus de Nazaré, Filho do Deus vivo, libertador dos conflitos de ontem e de hoje com a cultura local. Temos, sim, uma visão de Jesus Cristo, mas, europeia. E, por outro lado, essa parte primeira contribui para consagrar do ponto de vista da fundamentação teológica a compreensão da Catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã, quando afirma:

Dedicada à tarefa de *Iniciação à Vida Cristã*, a catequese deverá procurar acentuar a centralidade da pessoa de Jesus Cristo. Fazendo nascer naquele que está sendo iniciado o desejo de viver como Jesus viveu, de mudar de vida, de se integrar ao grupo catequético e à comunidade eclesial (CNBB, 2014a, p. 36).

Para a Parte 2 estão reservadas as orientações pedagógico-pastoral que necessitam estar contempladas em projetos de Iniciação à Vida Cristã com inspiração catecumenal. A inovação contida nesta parte é a necessidade de instalação de uma Comissão de Iniciação à Vida Cristã nas dioceses e comunidades em geral com a finalidade “imprescindível para a compreensão comum do processo, para a integração no desenvolvimento dos tempos e etapas, dentro de uma visão de pastoral de conjunto, [...] [que] só será possível em um trabalho de equipe” (CNBB, 2014a, p. 54).

E, na Parte 3 do Itinerário Catequético está a distribuição dos conteúdos necessários para compor os itinerários didáticos de educação na fé, conforme as idades. A Parte 3 inicia com a reflexão dos Tempos e Etapas da inspiração catecumenal, que é o elemento principal para a organização dos itinerários didáticos, para a seleção dos conteúdos de educação da fé, seguida de possíveis esquemas para itinerários com adultos, com estruturas diferentes quando estes forem catecúmenos ou catequizandos. Na sequência, apresenta o esquema para itinerários com crianças e, por último, delinea um esquema para itinerários com adolescentes e/ou jovens.

Na estrutura do Projeto de Iniciação à Vida Cristã com inspiração catecumenal na Arquidiocese de Florianópolis está registrado que o Itinerário Catequético da CNBB foi elaborado com a finalidade de produção dos novos itinerários didáticos. De tal modo, a seguir apresentamos o Quadro 1 – quadro comparativo dos temas para crianças elaborado pelo Itinerário Catequético da CNBB e o Projeto de Iniciação à Vida Cristã da Arquidiocese de Florianópolis.

Quadro 1 – Comparação dos temas para crianças nos Itinerários de Iniciação à Vida Cristã

Itinerário Catequético (CNBB)	Projeto de Iniciação à Vida Cristã (Arquidiocese de Florianópolis)
Preparação: Duração mínima de 1 mês. Animar e envolver as famílias e catequizandos com a comunidade.	Preparação: Duração: 2 meses, a partir de fevereiro, com inscrição dos catequizandos, formação de catequistas e envolvimento das famílias.
1º Tempo: Tempo querigmático. Duração mínima de 3 meses. Despertar o encontro por Jesus Cristo.	1º Tempo: Realizado em dois momentos: - com as famílias, a partir de abril, com 2 encontros mensais; - com os catequizandos, a partir de agosto, com duração de 2 meses.
Celebração de Acolhida. O Tempo da Catequese.	Celebração de entrada: O Tempo da Catequese (Admissão).
2º Tempo: Tempo de aprofundamento. Duração mínima de 24 meses. Dividido em fases. Contempla os seguintes conteúdos: Palavra de Deus; Pessoa humana; Jesus, o Cristo; A vida de oração; A família-igreja; Vida Sacramental.	2º Tempo: Tempo de aprofundamento: A partir de outubro, com duração de 14 meses, divididos em fases serão aprofundados os seguintes conteúdos: Palavra de Deus; Pessoa humana; Jesus, o Cristo; A vida de oração; A família-igreja; Vida Sacramental.
Celebração da Eleição: Agradecer a caminhada em preparação para a iniciação à vida eucarística.	Celebração da Eleição: A partir de fevereiro, no 1º Domingo da Quaresma.
3º Tempo: Tempo de Iluminação e Purificação. Durante o Tempo da Quaresma. Possibilitar a progressiva mudança de vida.	3º Tempo: Tempo de Purificação e Iluminação. Duração: 5 meses, para aprofundamento dos Evangelhos do tempo Quaresmal. Celebração das Promessas do Batismo.
Celebração do Perdão. Celebração do Tríduo Pascal.	-
4º Tempo: Tempo da Mistagogia. Dividido em duas fases: a primeira contempla o Tempo Pascal e a segunda com duração mínima de 12 meses dedicada para vivência missionária.	4º Tempo: Tempo da Mistagogia. Sem definição de periodicidade. Tempo dedicado para vivência dos sacramentos e vivência missionária.
Celebração de envio missionário: Acontece no Domingo de Pentecostes.	Celebração de envio missionário (sem definição de data).

Fonte: O autor.

Além deste quadro comparativo, registramos que a continuidade do processo de Iniciação à Vida Cristã com adolescentes, conforme Quadro 3, não está prevista no Projeto de Iniciação à Vida Cristã com inspiração catecumenal na Arquidiocese de Florianópolis, onde aparece apenas o seguinte registro: “Após este período o

processo continua com o Itinerário da Iniciação à Vida Cristã com adolescentes” (ARQUIDIOCESE, 2012c, p. 4).

Abaixo, registramos a proposta de acompanhamento de adolescentes durante o processo de Iniciação à Vida Cristã no Itinerário Catequético da CNBB.

Quadro 2 – Comparação dos temas para adolescentes nos Itinerários de Iniciação à Vida Cristã

Itinerário Catequético (CNBB)	Projeto de Iniciação à Vida Cristã (Arquidiocese de Florianópolis)
Preparação: Duração mínima de 1 mês para convidar os catequizandos adolescentes para uma caminhada de fé.	-
1º Tempo: Tempo querigmático com duração mínima de 3 meses para experiência do encontro com Jesus Cristo	-
Celebração de Entrada para o Tempo da Catequese	-
2º Tempo: Tempo de aprofundamento com duração mínima de 12 meses, divididos em fases para contemplar os seguintes conteúdos: Palavra de Deus; Pessoa humana; Jesus, o Cristo; A vida de oração; Comunidade de Fé, Esperança e Caridade; Vida Sacramental.	-
Jornada da Eleição para aprofundar o dom da missão conferida pelo Espírito Santo em forma de retiro ou atividade semelhante para recolhimento espiritual	-
3º Tempo: Tempo de Iluminação e Purificação, durante o Tempo da Quaresma.	-
Celebração do Tríduo Pascal	-
4º Tempo: Tempo da Mistagogia durante o Tempo Pascal para experienciar os mistérios celebrados e acolhê-los para a vida em comunidade.	-
Celebração de envio missionário no Domingo de Pentecostes como conclusão do itinerário.	-

Fonte: O autor.

O projeto de Iniciação à Vida cristã com inspiração catecumenal prevê a participação ativa dos familiares. Todavia, no Itinerário da Família foi contemplado apenas para o 1º Tempo não constando o planejamento para os demais tempos. A elaboração dos demais volumes deu-se conforme a evolução do processo de implementação dos itinerários didáticos.

Na perspectiva catecumenal, a pedagogia catequética desenvolve-se na administração dos conteúdos de fé que contribuem a dar sustentação ao processo

de fé. Uma pedagogia catequética que busca celebrar a fé e elevar o dom da vida, tem por princípio o encontro pessoal com Jesus Cristo e adotá-lo como parâmetro para todas as decisões da vida. Sobre isso, ensina o Papa Bento XVI: “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida a um novo horizonte e, dessa forma, o rumo decisivo” (DCE, 2005, n. 1).

Por meio dos Tempos da inspiração catecumenal é possível percorrer um caminho de formação da mente e conversão do coração em vista da vivência concreta da fé. O conteúdo dos itinerários de Iniciação à Vida Cristã “será um caminho para proporcionar às crianças e adolescentes/jovens a experiência do Encontro com Jesus Cristo, capaz de transformá-los em discípulos missionários, colaboradores na construção do Reino de Deus” (CNBB, 2014a, p. 84). Desde a Revelação divina e da releitura das diversas etapas da história humana, é possível extrair elementos de pedagogia catequética para estruturar os itinerários de educação da fé.

Em vista disso, para que a Palavra de Deus seja o centro de toda atividade catequética, a seguir apresentamos de alguns elementos necessários para uma pedagogia catequética a partir do relato de experiência de fé dos dois discípulos que retornavam para Emaús, após as festas da Páscoa.

3.3.2O ícone bíblico para a pedagogia catequética: o Caminho de Emaús

O relato evangélico do Caminho de Emaús é inspirador para as estratégias de ação evangelizadora que contribuem para a conversão pastoral. De acordo com o texto, Jesus Cristo toma a iniciativa e se aproxima para caminhar com os dois discípulos que estavam a caminho de Emaús (Lc 24,13). É, precisamente, durante a caminhada que acontece o encontro, o diálogo, a escuta e o ensino que tinha por base as Escrituras (Lc 24,17-27). E, então, a novidade do processo de revelação divina, após a refeição do final do dia, os olhos se abriram, e com os corações aquecidos, novamente retomaram o caminho, mas agora em direção a Jerusalém, de onde haviam partido, para contar aos demais membros do grupo a experiência que eles próprios haviam feito com Jesus ressuscitado, desde a memória sobre as Escrituras até o momento de partir o pão.

Na narrativa do Caminho dos discípulos de Emaús encontramos a inspiração para cumprir com o pedido da Conferência de Aparecida de elaboração de novos itinerários de formação da fé: “Ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para segui-lo, ou não cumpriremos nossa missão evangelizadora” (DAp, 2007, n. 287). No sentido de encontro pessoal e de seguimento de Jesus Cristo é que se concretiza o discipulado missionário, através do qual o relato do Caminho de Emaús oferece pistas para a pedagogia catequética que merecem ser destacadas.

A começar, como recorda o Texto-Base do Ano Catequético Nacional, o relato evidencia o percurso do itinerário que vai do encontro com Jesus até a inserção na comunidade, ultrapassando o momento da celebração dos sacramentos para que não seja mais entendida como final de um curso da fé. Este documento ressalta que:

O Evangelho de Lucas resume as implicações desse caminhar no relato dos discípulos de Emaús. O texto não termina no rito gestual da partilha, nem na emoção do encontro ou na celebração, mas relata a mudança de rumo que tomou a vida dos discípulos. O encontro com o Ressuscitado transforma o medo em coragem; a fuga em empolgação; o retorno em nova iniciativa; o egoísmo em partilha e compromisso até a entrega da vida. Assim, mais do que um relato de um encontro de discípulos com Jesus, o texto de Lucas é uma proposta de comunhão, de comunidade, de missão e de entrega até o fim (CNBB, 2008, n. 3).

O Caminho de Emaús é uma fonte de inspiração para os itinerários de educação da fé para adultos, jovens, adolescentes e crianças. No relato estão presentes alguns elementos de pedagogia catequética para os interlocutores de todas as faixas etárias. Portanto, durante o percurso feito pelos discípulos, é preciso fazer atenção às atitudes de Jesus que: a) se aproxima e caminha; b) pergunta; c) escuta; d) dialoga; e) ensina a partir das Escrituras; f) partilha o pão; g) se torna presença e memória.

Esse também é modo de a catequese agir: a *pedagogia da catequese* será a mesma *pedagogia de Deus*: transmitimos a fé não só pela palavra, mas também pelos fatos, acontecimentos (testemunho...; os sacramentos são ações!). A palavra (*dabâr*, em hebraico) não é só o *flatus vocis* (som que sai da boca), mas a experiência de Deus e sua expressão. [...] Por isso, a *Escritura*, que contém a Palavra de Deus, é considerada não um livro de doutrinas sobre Deus, mas um repertório de *experiências* (fatos, histórias) de um povo que encontra Deus nos acontecimentos da vida (LIMA, 2016, p. 93, grifo do autor).

Para a catequese dos dias atuais, precisamos aprender com o evangelista Lucas que a mensagem da salvação acontece durante a nossa caminhada no dia a dia. Os itinerários de educação da fé precisam ajudar a perceber os sinais dos tempos, para reconhecer a novidade de Deus que nos visita e quer caminhar conosco.

O ato de caminhar indica o desenvolvimento da história da salvação. Abraão e Sara saem de Ur, na Caldeia, peregrinam construindo o caminho até chegar à terra por Deus prometida e fazem história nesse peregrinar (cf. Gn 12,1-3). Séculos depois, por necessidade, o povo de Abraão se refugiou no Egito e se transformou em escravo. Mais tarde, sob a liderança de Moisés se liberta e peregrina durante 40 anos pelo deserto (cf. Ex 15-20) para voltar à terra da promessa. O Êxodo é uma grande caminhada de libertação e de aprendizado (cf. Ex 3,18). Neste caminhar peregrino ele aprende a perceber o projeto de Deus e a fidelidade à aliança com o Deus único, selada no Sinai (CNBB, 2008, n. 13).

Os discípulos caminham para Emaús com a cabeça baixa, sem notar as novidades que acontecem no caminho. Por outro lado, a presença de Jesus, sua aproximação e indagação sobre suas vidas faz acontecer a conversão das atitudes, propondo aos caminhantes uma postura de diálogo. E, assim, o encontro se estabelece entre perguntas, escutas e diálogos sobre os últimos fatos que vivenciaram.

A esse propósito entra em cena o elemento principal do itinerário de educação da fé, a Palavra de Deus. A Palavra de Deus é um tesouro a ser apresentado para todas as pessoas, mas antes, ela precisa encontrar espaço nos grupos de decisão para modelar os novos rumos da comunidade de fé. Nos itinerários de iniciação à vida cristã é primordial que catequistas e catequizandos tenham consciência de que formam comunidade de fé ao redor da Palavra de Deus. Assim, passamos a compreender que o encontro de catequese é também liturgia. Nas palavras de Veronice Fernandes:

A liturgia lembra constantemente a palavra revelada e, desta forma, evoca e atualiza os feitos salvíficos de Deus. O lembrar, faz com que a comunidade conheça a vontade de Deus, o que ele quer, seu projeto de salvação. Então, nasce a resposta à palavra de Deus, ou seja, o louvor, a ação de graças, a súplica, a intercessão, os gestos e as ações simbólicas. Assim, sob diversas formas, o Senhor da aliança, 'ora interpela, ora ensina, ora exorta, ora 'diz e faz'. Por sua vez, a assembleia escuta, responde, medita, suplica, dá graças até se identificar com a palavra que, vinda do Pai, volta para se unir e ele numa comunhão eterna' (2003, p. 6).

Entendemos aqui que o aspecto da escuta e do diálogo são decisivos no itinerário de educação da fé, pois são elementos de relação entre os membros de um grupo de catequese, bem como, são dimensões da fé, no ato de escutar a Deus que se revela na Palavra e colocar-se em diálogo com ele. “Em primeiro lugar, recordamos que o uso dos manuais não deve substituir a leitura da Bíblia, livro de Catequese por excelência, mas orientar para ela” (CR, 1983, n. 154). E, assim, podemos compreender a reforma proposta pelo Concílio Vaticano II quando garante que toda pessoa que procura seguir Jesus Cristo na comunidade de fé, terá seu sustento tanto da mesa da Palavra quanto da mesa da Eucaristia (DV 21).

E então, estabelecida a relação entre Palavra e Liturgia, faz-se necessário refletir sobre o dom da partilha e a capacidade de memória da fé que a comunidade provoca em seus novos membros. Partilha - porque a comunidade cristã aprendeu com seu Mestre e Senhor a dividir o pão. Memória - porque é em nome do Cristo Ressuscitado que a comunidade se sustenta e encontra razões para manter-se atuante na sociedade em que se vê chamada a testemunhar a Boa-Nova da fé na ressurreição.

O esquema Palavra e Mesa do pão é o lugar visível de onde nasce o itinerário de educação da fé e meta de toda ação da catequese a serviço da iniciação à vida cristã. Para Luís Schökel, o relato do Caminho de Emaús tem duas partes, assim explicitadas:

A primeira parte, caminho, é uma aula de exegese pascal, ou seja, explicação da Escritura (AT) à luz da ressurreição, feita por Jesus em pessoa. A segunda parte, a chegada, é a descoberta e a compreensão do mistério ao partilhar Jesus o seu pão de vida. A liturgia converte-os em mensageiros (1997, p. 2539).

Para a formalização de uma pedagogia catequética a partir do Caminho de Emaús, podemos acrescentar uma terceira parte às reflexões de Schökel, isto é, o pertencimento e o protagonismo na comunidade de fé. Tornar-se mensageiro significa assumir a proposta da Conferência de Aparecida “fazendo com que a Igreja se manifeste como mãe que vai ao encontro, uma casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão missionária” (DAp, 2007, n. 370).

Dessa maneira, a Arquidiocese de Florianópolis mostrou-se atenta em acolher às Diretrizes da CNBB e os apelos de Aparecida, na sua dinâmica evangelizadora. Para tanto, após um período de reflexão e escuta de suas

comunidades, a Comissão aprovou em Assembleia um novo Plano de Pastoral, que contempla a revisão dos conteúdos da catequese sistemática. Tal revisão se deu tanto na elaboração de uma metodologia ilustrada pela Casa da Fé como pela elaboração de itinerários didáticos.

No próximo capítulo descreveremos a estrutura dos itinerários didáticos e dos critérios de sua elaboração. A expectativa é de identificar nos itinerários didáticos elaborados pela Arquidiocese de Florianópolis os critérios de uma inspiração catecumenal que garanta o início de uma restauração do catecumenato nos itinerários de uma Igreja particular bem como os elementos descritos no relato do Caminho de Emaús como recurso pedagógico para caracterizar o acompanhamento na fé.

4 ITINERÁRIOS DIDÁTICOS PARA A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ DE INSPIRAÇÃO CATECUMENAL NA ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS

O levantamento documental que realizamos, a partir do 13º Plano de Pastoral 2012-2022, também das Atas das Assembleias de Pastoral e do Projeto de Iniciação à Vida Cristã elaborado pela Coordenação de Catequese da Arquidiocese de Florianópolis, apresenta o efetivo trabalho de elaboração dos itinerários de Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal na Arquidiocese de Florianópolis, para catequizandos e famílias em uso desde 2016. O *Itinerário de Iniciação à Vida Cristã*, volumes 1, 2, 3 e 4 e, o *Itinerário da Família*, volumes 1, 2, 3 e 4, sintetizam o processo de revisão pedagógico-catequética de inspiração catecumenal da catequese na Arquidiocese.

De acordo com o 13º Plano de Pastoral, esta revisão torna-se necessária quando se compreende o estado de urgência da ação evangelizadora, pois:

Se a Igreja é a casa da iniciação à vida cristã, ela precisa preocupar-se para que haja um entendimento e conhecimento de forma conjunta sobre o processo da educação da fé, como algo permanente, gradativo, sistemático e comunitário. A iniciação à vida cristã não pode ser uma catequese ocasional, em vista apenas dos sacramentos, mas implica em um itinerário de fé permanente (ARQUIDIOCESE, 2012a, p. 114).

A decisão de elaborar novos itinerários didáticos para a transmissão e educação da fé em vista da Iniciação à Vida Cristã, mesmo que sendo inicialmente com crianças e adolescentes, já é sinal de maturidade das instâncias de decisão das Igrejas particulares, que buscam acolher e adentrar no movimento de renovação de suas estruturas, colocando em prática a conversão pastoral proposta pela Conferência de Aparecida, que adverte:

A pastoral da Igreja não pode prescindir do contexto histórico onde vivem seus membros. Sua vida acontece em contextos sócio-culturais bem concretos. Essas transformações sociais e culturais representam naturalmente novos desafios para a Igreja em sua missão de construir o Reino de Deus. Daí nasce, na fidelidade ao Espírito Santo que a conduz, a necessidade de uma renovação eclesial que implica reformas espirituais, pastorais e também institucionais (DAP, 2007, n. 367).

A força dessa inovação se dá pelo fato de a Arquidiocese de Florianópolis ter assumido a inspiração catecumenal como critério de revisão dos itinerários

didáticos, o que implica também uma inovação das estruturas, para compreender a transmissão e educação na fé como processo gradual e permanente.

A postura de inovação pastoral e institucional, tomada por base a inspiração catecumenal, consta no 13º Plano de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis quando afirma:

A iniciação à vida cristã, em nossa Arquidiocese, assume o caminho da inspiração catecumenal. No catecumenato, a pessoa passa por quatro tempos (pré-catecumenato, catecumenato, iluminação e purificação e mistagogia). Cada tempo finaliza com uma etapa (celebração) que são: rito de Admissão (entrada); rito de Eleição (preparação aos sacramentos); rito da celebração dos sacramentos (Batismo, Eucaristia e Crisma). O catecumenato antigo preocupava-se sobretudo com os adultos (ARQUIDIOCESE, 2012a, n. 312).

Partindo dessa opção, apresentaremos a dimensão comunitária inspirada no catecumenato e os critérios relevantes a serem contemplados nos itinerários didáticos da Arquidiocese de Florianópolis, tendo como referência a vida em comunidade. É fundamental que o catecumenato não seja convertido às simples opções subjetivas, mas mantenha sua característica original e autêntica, sem precisar repetir sua ortopraxia da Igreja primitiva.

O Diretório para a Catequese exorta que “a inspiração catecumenal da catequese não significa reproduzir, ao pé da letra, o catecumenato, mas assumir seu estilo e dinamismo formativo” (2020, n. 64). Nesse sentido a instituição do Catecumenato de outrora torna-se fonte de inspiração para a ação evangelizadora em nossos dias atuais. De tal modo, o foco desse capítulo é a revisão dos itinerários didáticos com inspiração catecumenal, em atendimento as solicitações do Concílio Vaticano II, e não o estudo do Catecumenato enquanto tal.

Para Carvalho e Gil:

Restaurar o catecumenato significa resgatar a pedagogia da fé da Igreja dos primeiros séculos do cristianismo. Nos primórdios da Igreja primitiva, a formação da fé era realizada integralmente, isto é, não havia separação entre fé e vida. As duas realidades caminhavam unidas. Tratava-se de uma formação iniciática para o futuro cristão viver autenticamente a vida de fé e não apenas para receber um dos sacramentos, ou seja, uma catequese sacramentalista (2009, p. 47).

A inspiração catecumenal da Iniciação à Vida Cristã é uma metodologia que orienta para a conversão pastoral. E, por ser um caminho metodológico, faz surgir

um modo novo de ser Igreja-comunidade, diferente do nosso jeito de ser Igreja atual. Nesse sentido, é preciso buscar na inspiração catecumenal suas inspirações básicas para permear com novas práticas nossa pedagogia catequética. A seguir, trataremos dos aspectos que caracterizam a pedagogia catecumenal e a transmissão da fé.

4.1 A PEDAGOGIA CATECUMENAL E A TRANSMISSÃO DA FÉ

A transmissão da fé é uma herança do povo de Deus, um ministério que sustenta e anima a vocação do povo eleito de conduzir a história cotidiana à plenitude da vida humana, que é o encontro definitivo com o Criador. Para tanto, os sinais da fé estão presentes nas Escrituras, na revelação plena em Jesus Cristo e no percurso da Igreja até nossos dias. O Diretório para a Catequese recorda: “o caminho de Deus que se revela e salva, unido à resposta de fé da Igreja na história, torna-se fonte e modelo da pedagogia da fé” (2020, n. 166).

A Conferência de Aparecida apresentou a Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal como estratégia e resposta ao desafio da nova evangelização tão necessária para o mundo atual. Aparecida fala da “mudança de época” como responsável pela fragilidade com quem se tem assumido o dom da fé, de maneira que “questiona a fundo a maneira como estamos educando na fé e como estamos alimentando a experiência cristã; desafio que devemos encarar com decisão, coragem e criatividade” (DAp, 2020, n. 287).

A ação de educar e alimentar a fé em nossos tempos exige coragem e liberdade. Coragem para assumir o novo que surge das relações humanas. Liberdade para expressar a convicção da fé cristã, mesmo diante das indiferenças e negações. Neste cenário, que se prospecta a renovação das estruturas da Igreja a partir da pedagogia catecumenal, a começar pelas famílias e pequenas comunidades, há necessidade que se dediquem em assumir a fé, enquanto elemento integrante de suas vidas, como opção fundamental de uma caminhada em vista da plenitude da existência humana.

Dom Juventino Kesting nos ajuda a entender melhor a inspiração catecumenal a partir da seguinte reflexão:

A Iniciação à Vida Cristã remete para um caminho a percorrer, valores a internalizar, convicções a se tornarem consistentes, ritos que expressam

significados. Ela começa no ventre materno e percorre toda a vida. Em cada fase da via, em cada idade, o cristão em Iniciação à Vida Cristã caminha rumo à maturidade em Cristo. Tendo como inspiração o catecumenato da Igreja primitiva, todo o processo de fé permitirá formar cristãos firmes, atuantes e conscientes na sua opção religiosa, assumindo-a como uma escolha pessoal e não simplesmente uma tradição familiar ou como sentido cultural (KESTERING, 2016, p. 151-152).

Na perspectiva da inspiração catecumenal, a transmissão da fé acontece ao longo de um itinerário, que significa alcançar “um caminho de pertencimento. O movimento de quem está a caminho, percorre o caminho de Jesus Cristo. Uma pessoa discípula, aprendiz, seguidora” (CNBB, 2017, p. 11). A pedagogia catecumenal parte das experiências da comunidade dos seguidores e seguidoras de Jesus antes, durante e depois da Páscoa. Nas comunidades primitivas, “a iniciação cristã cuidava de instruir os catecúmenos tanto na adesão à pessoa de Jesus Cristo quanto na vida comunitária e no novo jeito de agir na sociedade e na família” (CNBB, 2014c, n. 89).

A inspiração catecumenal agregada à dimensão de itinerário de formação da fé ajuda a compreender a necessidade da conversão pastoral e da renovação institucional. Emilio Alberich adverte que “na sua função profética e na situação atual da realidade eclesial, a catequese deve promover não apenas um novo modelo de cristão, mas sobretudo um modelo renovado de Igreja” (2004, p. 228).

Desse modo, conversão pastoral significa a passagem de uma catequese e pregação sacramentalista para uma formação integral da pessoa humana, tendo como modelo a vida, o projeto e as atitudes de Jesus de Nazaré (CNBB, 2017, n. 59-60). E, desta conversão pastoral, gera-se nova consciência e sentido de vida para as pessoas que confessam a fé em Jesus Cristo, e esperam Nele a salvação.

A pedagogia catequética que deriva da inspiração catecumenal tem como finalidade propor caminhos que preencham as escolhas fundamentais da pessoa. Por isso, como afirma Isabel Siqueira,

Podemos, assim, assegurar que a fé cristã pode ser uma das respostas para o sentido da vida, pois a fé tem uma grande densidade existencial. Ela não se limita a um ato de aceitação religiosa ou a um movimento de adesão voluntarista ou emotiva, ela constitui uma atitude de fundo que dá sentido e orientação a toda a vida. A atitude é condição sine qua non da nossa fé, ela constitui a fé (cf. Tg 2,24), porque a atitude é uma fonte, gera muitos atos que expressa, a atitude de fundo. A fé cristã é atitude de conversão, mudança de direção, conversão a Jesus Cristo, que gera em nós atos pessoais, sociais e comunitários. [...] Assim, o crente se une à comunidade dos discípulos e assume, como sua, a fé da Igreja (2014, p. 22-23).

Trata-se de um novo jeito de ser e agir nos ambientes da sociedade, seja no trabalho, no lazer, na escola, na família e com amigos (DC, 2020, n. 173). E, acolhendo os sinais dos tempos assim como indicados na *Dei Verbum*, a pedagogia catecumenal surge como resposta ao desejo de *aggiornamento* que inspirou a realização do Concílio Vaticano II. “Na linha da eclesiologia “de serviço”, a catequese deve trabalhar por uma Igreja “serva da humanidade”, toda voltada para a causa do Reino, menos voltada para si mesma e mais tomada pela paixão em favor da humanidade” (ALBERICH, 2004, p. 229).

Ouvindo novamente as palavras de Jesus, Mestre e Pastor, será possível conduzir as inovações institucionais, por meio de nova consciência eclesial, e gerar conversão na comunidade eclesial para que a meta de formação permanente de discípulos missionários tenha êxito. Para isso, “ninguém põe vinho novo em odres velhos, pois o vinho arrebenta os odres, e se perdem odres e vinho. Para vinho novo, odres novos” (Mc 2,22).

Dessa maneira, unindo conversão pastoral e pedagogia catecumenal, é possível compreender o processo de mudanças na ação evangelizadora e a integração entre os itinerários de educação e a hierarquia das verdades da fé.

A catequese, em todos os seus graus, deve levar em conta esta hierarquia das verdades. Estas verdades podem agrupar-se conforme quatro tópicos fundamentais: o mistério de Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, criador de todas [sic] as coisas; o mistério de Cristo, Verbo de Deus Encarnado, nascido de Maria Virgem, que por nossa salvação sofreu, morreu e ressuscitou; o mistério do Espírito Santo, presente na Igreja, santificando-a e dirigindo-a até a vinda gloriosa de Cristo, nosso Salvador e Juiz; o mistério da Igreja, Corpo místico de Cristo, na qual a Virgem Maria ocupa um lugar de destaque (DCG, 1971, n. 43).

Compreende-se que a pedagogia da inspiração catecumenal não ignora a Tradição de fé da Igreja nem supera conceitos, mas oferece uma prática nova de acolhida, acompanhamento e inserção dos fiéis na comunidade. Nesse sentido, a pedagogia catecumenal ajuda no processo de conversão das mentes, e posteriormente, na mudança de atitudes, em vista de um itinerário de seguimento de Jesus Cristo. “Não basta a doutrina com conceitos em vista de um sacramento. É preciso ajudar o catequizando a fazer a experiência de Jesus Cristo em sua vida” (KESTERING, 2016, p. 152-153). Além dos catequizandos, o itinerário de fé tem como meta a conversão de toda a comunidade eclesial.

4.1.1 A comunidade catecumenal: fonte, lugar e meta da catequese

A inspiração catecumenal carrega como característica distinta de outras metodologias o valor da espiritualidade primitiva da Igreja: ser a comunidade dos filhos e filhas de Deus. “Partindo de Jerusalém, os apóstolos criaram comunidades nas quais a essência de cada cristão se define como filiação divina. Essa se dá no Espírito Santo pela relação entre fé e Batismo” (CNBB, 2014c, n. 78).

Quando vemos conjugados o testemunho de gestos e ações, o ensino das verdades da fé e a oração em comum, a comunidade eleva-se de uma comunidade de pessoas e assume papel de verdadeira iniciadora na fé.

A comunidade cristã é o sujeito primeiro e principal da catequese, ponto de referência de suas articulações diversas e particulares. [...] Isso quer dizer que o primeiro catequista, o catequista por excelência, é a comunidade cristã, que deve ser considerada agente solidariamente responsável pela catequese. Está superada a mentalidade que considera a catequese como tarefa de alguns ‘encarregados dos trabalhos’ ou ‘especialistas’; em vez disso, cumpre promover a consciência do envolvimento comunitário de todos na sua realização (ALBERICH, 2004, p. 219-220, grifo do autor).

Neste sentido, a inspiração catecumenal ajuda a restaurar o protagonismo da comunidade de ser catequista por excelência. Por meio da conversão pastoral e da aplicação de itinerários de formação na fé para a comunidade inteira, e não apenas tendo os sacramentos como meta final, é possível resgatar aquela essência das primeiras comunidades.

O Catecismo da Igreja Católica destaca o valor da maternidade da fé da comunidade cristã. “Das fontes batismais nasce o único povo de Deus da nova aliança, que supera todos os limites naturais ou humanos das nações, das culturas, das raças e dos sexos: ‘Fomos todos batizados num só Espírito para sermos um só corpo’” (ClgC, 2000, n. 1267). E porque é mãe da fé, a vida em comunidade é a fonte de vivência da fé e realização da salvação da humanidade e da criação inteira.

O Documento 100 da CNBB enfatiza o valor da inspiração catecumenal pois essa leva a comunidade resgatar seu potencial e lugar por excelência da catequese, entendida como exercício de vivência, transmissão e educação na fé.

Nos Atos dos Apóstolos, Lucas apresenta a inspiração para toda a comunidade cristã. ‘Eles eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações’ (At 2,42). Merece destaque o verbo perseverar, indicando que a vida cristã é um

comportamento constante em vista do crescimento. Os primeiros cristãos trilhavam um caminho buscando se manterem fiéis à proposta do Evangelho. [...] A perseverança na doutrina dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações unia os seguidores de Jesus na mesma família e estreitava sempre mais seu vínculo com Cristo e com os irmãos (CNBB, 2014c, n. 79.81).

Na comunidade de fé é possível experimentar a vida da Igreja e o modo de agir no mundo a partir dos gestos, atitudes e do mandamento novo de Jesus. “A catequese, com relação à educação na vida comunitária, tem, portanto, a missão de desenvolver um senso de pertencimento à Igreja; educar ao sentido de comunhão eclesial; [...] formar ao sentido de corresponsabilidade eclesial” (DC, 2020, n. 89). Assim, é meta da catequese a formação de novos membros que tenham a vida comunitária como sentido de sua existência. Ao mesmo tempo, a tarefa primeira de uma comunidade é acolher cada pessoa, com sua identidade, dons e dificuldades, para oferecer caminhos de desenvolvimento de suas competências de vida e de fé.

A pedagogia catecumenal possibilita recuperar na comunidade o lugar de formação da identidade cristã, por meio do encontro pessoal com Jesus Cristo, que dá sentido para a existência de cada homem e cada mulher que vivem imersos no pluralismo de ofertas religiosas da atualidade. Para alcançar esta identidade cristã, é preciso recuperar o primeiro amor e a vida nova do Batismo, que purifica e regenera os corações.

O papa Francisco, na Exortação *Evangelii Gaudium*, ajuda na compreensão da identidade cristã quando diz:

A identidade cristã, que é aquele abraço batismal que o Pai nos deu quando pequeninos, faz-nos anelar, como filhos pródigos – e prediletos em Maria -, pelo outro abraço, o do Pai misericordioso que nos espera na glória. Fazer com que o nosso povo se sinta, de certo modo, no meio destes dois abraços é tarefa difícil, mas bela, de quem prega o Evangelho (2013, n. 144),

Assim, vemos a meta da comunidade cristã configurar-se não como momento de reunião da assembleia para celebrar os sacramentos dos catequizandos que concluíram a sua preparação catequética, mas, como povo congregado ao redor de Jesus Cristo, centro da fé, que com sua palavra renova as estruturas e dá novo vigor às ações evangelizadoras de nossas Igrejas particulares.

Essa é a compreensão também do Diretório Catequético Geral, sobre a catequese em diversos graus, para possibilitar uma formação orgânica, sistemática

e integral da fé, consolidando processos de catequese permanente. E para compreender o alcance e a importância da formação continuada da fé, Frei Bernardo Cansi explica:

A catequese que não atinge o coração da pessoa, comprometendo-a na construção e na experiência de fé vivida em comunidade, com as exigências de transformação do mundo, é comparada ao nadador que se reveste de couraça bem grossa, envolvendo o corpo todo. Mergulha nas profundezas do mar, mas é imune à penetração da água. [...] É preciso que haja catequese permanente. Não basta catequizar num momento solto ou num fato isolado, mas é necessário fazer catequese ao longo de todo o caminho da vida. Em todos os fatos e em todos os momentos (1988, p. 26-27).

A pedagogia catecumenal contribui para responder às demandas das comunidades que, entendendo sua vocação de espaço da revelação divina, desejam ter como meta alcançar a maturidade da fé em Cristo, em processos contínuos de educação na fé, convocando seus membros para alimentar o vínculo de fé por meio da vivência dos valores do Reino de Deus.

A comunidade eclesial responsável em alimentar a fé de todos os membros, promove o cuidar da vida dos empobrecidos, a partilha fraterna dos bens, a oração comum e a fração do pão. Nesses sinais palpáveis, a comunidade dá testemunho do seguimento a Jesus Cristo e segue nutrindo a esperança na promessa de vida em plenitude para todas as pessoas.

4.1.2 A comunidade eclesial, primeira catequista e promotora da iniciação à fé

Compreendemos a partir da inspiração catecumenal uma nova forma de ação catequética, que tem na comunidade o lugar e o ponto de referência para quem quer conhecer Jesus Cristo e confirmar sua fé. Desse modo, a catequese tem a tarefa de educar na fé, mas, é também um meio para a inserção das pessoas na vivência comunitária da fé. Para isso, a comunidade precisa organizar-se de tal forma que seus itinerários formativos ofereçam, de modo concreto, as oportunidades para as pessoas exercerem seus dons e talentos.

A iniciação cristã não deve ser obra somente dos catequistas ou dos presbíteros, mas da comunidade dos fiéis. Sem o compromisso da comunidade, como sujeito responsável pela catequese, os catequistas pouco podem realizar. Cabe à comunidade cristã acompanhar a organização da catequese, a qualificação dos catequistas e a acolhida dos catequizandos. Assim a ação catequética torna-se uma mútua

responsabilidade, uma fonte de troca de experiências e de crescimento entre os catequistas e a comunidade cristã (DNC, 2006, n. 237).

Nisto consiste a inserção e pertencimento a um grupo de fé e a realização da comunidade eclesial. É o que afirma o Documento de Aparecida: “Uma comunidade que assume a iniciação cristã renova sua vida comunitária e desperta seu caráter missionário” (DAp, 2007, n. 291). Assim, ao mesmo tempo em que a comunidade guarda a fé, a transmite às pessoas que interagem no cotidiano de suas vidas.

Por essa razão afirmamos que, o itinerário de educação da fé que se inspira nas primeiras comunidades inclui outros elementos da vida, que estão além do exercício de expor e aprofundar as verdades da fé cristã, mas que despertam as pessoas para o exercício da fé no decorrer da vida e nas áreas em que atuam.

Trata-se de um itinerário comunitário, conduzido pela experiência de vida das pessoas adultas, de catequistas e de toda a comunidade que acolhe, conduz e inicia os novos membros na dinâmica da comunidade de fé. Como explica Alberich:

É um caminho de participação e de responsabilização. Em comunidade os indivíduos não devem sentir-se simples destinatários do anúncio da fé, mas sujeitos ativos, responsáveis. [...] É um caminho no interior de uma experiência integral cristã. Em sentido pleno, a comunidade não faz apenas catequese, mas vive também as diversas dimensões da experiência eclesial: compromisso, compartilhamento, celebração, missão. Nenhum exercício da catequese é enriquecedor sem união vital com essa totalidade de experiência (ALBERICH, 2004, p. 281-282).

Com o resgate da pedagogia catecumenal, recupera-se um processo maior de transmissão e vivência da fé, numa dinâmica sistemática e progressiva, que parte de um encantamento pela pessoa de Jesus Cristo, seguindo com a apresentação da doutrina e aprofundamento do encontro com Cristo no tempo específico chamado catecumenato, que é a catequese propriamente dita.

A comunidade, portanto, é o meio de a catequese colocar em prática a pedagogia da fé (DC, 2020, n. 165-166), ou seja, a comunidade concreta edifica-se por meio do serviço prestado pela catequese de manter vivo o anúncio salvífico realizado na história da salvação, que tem origem no próprio Deus Criador, autor e realizador da promessa na pessoa de seu Filho, e que guia e confirma o dom da fé em comunidade por meio de seu Espírito Santo. “A catequese de inspiração catecumenal é uma experiência de vida cristã que parte do testemunho da

comunidade e se explica pela revelação de Deus na história da salvação” (CELAM, 2015, p. 33).

A perspectiva de formação permanente na fé tem sido o plano de ação e evangelização do Papa Francisco que, desde o início de seu ministério, tem iluminado a ação evangelizadora da Igreja para uma perspectiva missionária, marcada pela conversão gerada pelo encontro com a pessoa de Jesus Cristo. Esta perspectiva precisa estar contemplada nos itinerários formativos, especialmente nos itinerários metodológicos e pedagógicos de iniciação à vida cristã, que objetivam conduzir os catequizandos à maturidade da fé no cotidiano de suas vidas.

Toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do querigma que se vai, cada vez mais e melhor, fazendo carne, que nunca deixa de iluminar a tarefa catequética, e que permite compreender adequadamente o sentido de qualquer tema que se desenvolve na catequese. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo coração humano. [...] Isso exige do evangelizador certas atitudes que ajudam a acolher melhor o anúncio: proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial que não condena (EG, 2013, n. 165).

Igualmente, o entendimento de catequese permanente a serviço de uma comunidade sempre iniciadora de novos membros já se encontrava no Diretório Geral para a Catequese quando afirmava:

A catequese de iniciação é, assim, o elo necessário entre a ação missionária, que chama à fé, e a ação pastoral, que alimenta continuamente a comunidade cristã. Não é, portanto, uma ação facultativa, mas sim uma ação basilar e fundamental para a construção, tanto da personalidade do discípulo quanto da comunidade (DGC, 2009, n. 64).

Desse ensinamento, podemos elevar a comunidade, em sua estrutura e organização, à categoria de evangelizadora, tendo como espelho a organização das primeiras comunidades, que eram assíduas no ensinamento dos apóstolos, na solidariedade, na fração do pão e nas orações (At 2,42-45). Entretanto, é necessário destacar que a catequese oferecida pela comunidade cristã precisa sustentar o núcleo da fé, o querigma, para que seja o critério de cada escolha das pessoas e da Igreja, para que possa cumprir com sua tarefa primeira de testemunhar o Evangelho e levar a comunidade de fé à vivência plena dos ensinamentos de Cristo, no mundo.

O Diretório Nacional de Catequese explicita a missão da catequese como obra permanente de iniciação à fé, quando afirma:

No início do cristianismo, a catequese era o período em que se estruturava a conversão. Os já evangelizados eram *iniciados* no mistério da Salvação e em um estilo evangélico de ser: experiência de vida cristã, ensinamento sistematizado, mudança de vida, crescimento na comunidade, constância na oração, alegre celebração da fé e engajamento missionário. Esse longo processo de *iniciação*, chamado de catecumenato, se concluía com a imersão no mistério pascal através dos três grandes sacramentos: Batismo, Confirmação e Eucaristia. A catequese estava, pois, a serviço da iniciação cristã (DNC, 2006, n. 35, grifo do autor).

Desse modo, a catequese que está a serviço da Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal cumprirá uma tarefa de formação orgânica e sistemática de toda a comunidade, resgatando o sentido de pertença à fé e a colaboração mútua para a edificação da comunidade, como primeiro espaço concreto de participação na história da salvação.

Com estas considerações, sobre a tarefa da comunidade cristã como primeira catequista e promotora da iniciação de seus membros, tendo também a referência da inspiração catecumenal para a organização de itinerários de formação, daremos sequência na apreciação dos conteúdos dos itinerários didáticos elaborados pela Arquidiocese de Florianópolis, conteúdos estes que integram a coleção dos Itinerários de Iniciação à Vida Cristã, volumes 1, 2, 3 e 4, para catequizandos.

4.2 O ITINERÁRIO DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS

A Arquidiocese de Florianópolis organizou o Itinerário de Iniciação à Vida Cristã para catequizandos, crianças e adolescentes, a partir das orientações do Itinerário Catequético da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, de 2015, elaborado sob coordenação da Comissão Episcopal para a Animação Bíblico-Catequética, que apresentamos no segundo capítulo.

Na Parte III do Itinerário Catequético são sugeridas pistas e especificações para a elaboração de um itinerário de Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal para crianças e adolescentes. A abordagem consiste em: “o RICA, como o próprio nome diz, é dirigido à catequese de adultos. Mas na Igreja do Brasil, desde a publicação do DNC e o Estudo 97 da CNBB, estamos buscando um caminho de inspiração catecumenal para toda a catequese” (CNBB, 2014a, p. 84).

E, tendo o Itinerário Catequético como referência, é possível planejar o processo de formação da fé para crianças e adolescentes.

Além disso, outra fonte de orientação para a elaboração de itinerários de acompanhamento da fé é o Diretório Nacional de Catequese, de 2006. Quando se refere ao processo educativo da fé, afirma:

A catequese tem início no ventre materno. Descobre as primeiras raízes da fé no ambiente familiar, desenvolve-se na comunidade e solidifica-se no engajamento comunitário e processo formativo de etapas subsequentes. [...] Diante das distâncias geográficas do Brasil e da diversidade cultural-religiosa, torna-se inviável estabelecer uma norma e programa únicos. Alguns critérios devem ser levados em conta: a) a diocese tenha um projeto catequético que acompanhe as pessoas desde a infância até a idade avançada; b) a preocupação da catequese seja a educação da fé, a iniciação à vida comunitária, a formação do cristão ético e solidário; a celebração do sacramento é uma decorrência da caminhada da fé e da vida comunitária; [...] f) que o Rito da Iniciação Cristã de Adultos (RICA seja conhecido e vivenciado nas comunidades e inspire todas as modalidades de catequese (DNC, 2006, n. 312).

A partir dessas orientações, seguiremos com a apresentação e comentários sobre os conteúdos para transmissão e educação da fé que compõem os itinerários didáticos da Arquidiocese de Florianópolis, como cumprimento aos objetivos presentes no seu 13º Plano de Pastoral 2012-2022.

Antes, porém, faz-se necessária uma consideração: a apresentação dos conteúdos estará restrita aos três primeiros Tempos da inspiração catecumenal, respectivamente: Pré-Catecumenato ou Anúncio de Jesus Cristo, Catecumenato ou Catequese, Purificação e Iluminação. O Quarto Tempo – Mistagogia, que integra o material didático, não será exposto aqui, mas será o tema de pesquisa futura devido à sua relevância para a ação evangelizadora da Igreja e suas consequências metodológicas e pastorais.

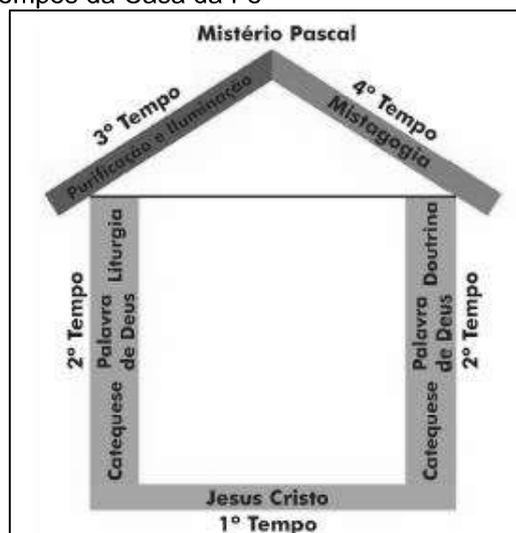
4.2.1 O livro didático e a sequência de conteúdos de inspiração catecumenal

A coleção *Itinerário de Iniciação à Vida Cristã*, para crianças e adolescentes, é composta de quatro volumes, que percorrem os Quatro Tempos da inspiração catecumenal, de acordo com a estrutura da Casa da Fé que também apresentamos no segundo capítulo.

Na Arquidiocese de Florianópolis, a Casa da fé, Figura 4, é apresentada a partir de um esquema lúdico para os catequizandos e familiares sentirem-se

participantes no processo de participarem na construção de sua Casa da Fé, perseguindo os conteúdos dispostos nos itinerários didáticos, que contemplam os Quatro Tempos da inspiração catecumenal, a saber: na base da casa o 1º Tempo: Anúncio de Jesus Cristo; nas paredes o 2º Tempo: Catequese; e nos telhados o 3º Tempo: Purificação e Iluminação; e o 4º Tempo: Mistagogia.

Figura 4 – Os Tempos da Casa da Fé



Fonte: ARQUIDIOCESE, 2018a.

As indicações nas cores Verde – Anúncio de Jesus Cristo; Laranja – Catequese; Vermelho – Purificação e Iluminação; Azul – Mistagogia é outra marcação lúdica que está presente tanto na estrutura da Casa da Fé como nas páginas dos itinerários, fazendo relação direta dos conteúdos que compõem o itinerário com a parte da casa a que se referem.

A partir dessas associações iniciais, desponta também a necessidade da formação para a dimensão dos sentidos, a sensibilidade da fé que também se vale da linguagem simbólica para comunicar o mistério divino. Partindo das realidades visíveis do mundo, cores, formas, sinais e elementos da natureza, encontramos maneiras de propiciar a experiência de fé às pessoas. No Dicionário de Catequética, quanto ao uso da simbologia na catequese têm-se que:

A catequese como experiência religiosa é ao mesmo tempo fato humano e divino, vivencial, cultural, ritual, celebrativo, testemunhal, pessoal e comunitário. Por isso a ação catequética, ao partir da realidade e do ser humano, requer linguagens diversas para ser modo de vida e experiência transcendente. [...] É muito difícil experimentar a fé cristã sem sensibilidade significativa e sem mediações simbólicas (UGARTEMENDIA, 2004, p. 1037).

Assim, por associação de cores, catequizandos, catequistas e familiares percebem a itinerância na fé no envolvimento da construção da Casa da Fé tendo como base os conteúdos dispostos nos itinerários. E, como já mencionamos, a estrutura dos conteúdos relativos à cor Azul – Mistagogia, será o tema de pesquisa posterior. Aqui, apresentaremos a sequência dos conteúdos que partem do 1º Tempo - Anúncio de Jesus Cristo, seguindo com os conteúdos dispostos em fases no 2º Tempo – Catequese e alcançando o 3º Tempo - Purificação e Iluminação, com o momento da celebração dos sacramentos: Eucaristia e Confirmação. E, em alguns casos, o Batismo quando houver necessidade.

4.2.1.1 Itinerário de Iniciação à Vida Cristã Volume 1

No ano de 2016 a Arquidiocese de Florianópolis iniciou a aplicação dos novos itinerários didáticos para a transmissão e educação na fé, cumprindo com a Pista de Ação 1 do 13º Plano de Pastoral. O Itinerário de Iniciação à Vida Cristã Volume 1, Figura 5, foi iniciado com os catequizandos e catequistas a partir do mês de agosto de 2016, conforme previa o Plano de Ação da Coordenação de Catequese da Arquidiocese de Florianópolis.

O objetivo deste Itinerário encontra-se descrito na sua Introdução para consulta e como fonte de capacitação para catequistas e lideranças que estão para iniciar a caminhada de acompanhamento da fé de crianças e adolescentes, lembrando que se trata de um itinerário de inspiração catecumenal. Vejamos:

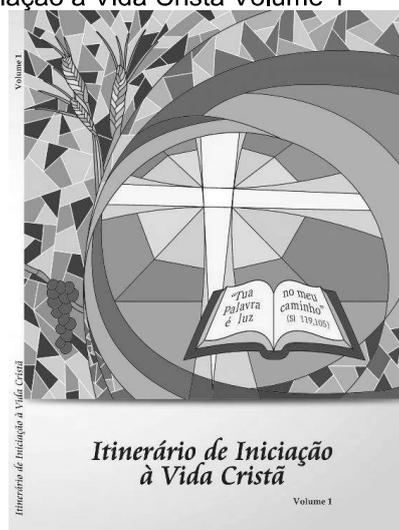
Este Itinerário de Iniciação à Vida Cristã, volume 1, será um tempo especial para: - Conhecer o amigo Jesus, encontrando-se com ele, através da leitura da Palavra, da oração, confiando a ele as nossas alegrias e tristezas. – Assumir as atitudes de Jesus, pois ele só buscou ‘fazer o bem’ (cf. At 10,38). Como ele, que sempre fez o bem para as pessoas, nós também podemos fazê-las mais felizes (ARQUIDIOCESE, 2016, p. 4).

No Volume 1 está presente o 1º Tempo – Anúncio de Jesus Cristo, com duração de dois meses, quando se prevê a realização de oito encontros com os catequizandos, que ingressaram com nove anos completos ou a completar no ano que daria início ao processo. Neste caso, o ano de referência era 2016. Na capa do itinerário está o sentido de pertença e participação de todas as pessoas nessa

itinerância de fé. Tendo a cruz ao centro, toda a comunidade se reúne, em forma de mosaico, para ouvir a Palavra de Deus e celebrar o mistério pascal de Jesus Cristo.

Aos familiares e catequistas, é possível apresentar com a ajuda da imagem abaixo, a proposta da Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal que, “graças à sensibilidade simbólica, a experiência torna-se mais cheia de mistério, de sacramentalidade, de encontro alegre e comunitário (UGARTEMENDIA, 2004, p. 1037).

Figura 5 – Itinerário de Iniciação à Vida Cristã Volume 1



Fonte: ARQUIDIOCESE, 2016.

Os encontros do 1º Tempo oferecem a dinâmica de formação de grupo e de aproximação afetiva com a pessoa de Jesus Cristo. Com ajuda de seus catequistas, os catequizandos “entendem melhor o sentido da paternidade divina. Deus começa a se situar na história. Cristo vai-se configurando como pessoa histórica e se desenvolve a compreensão de sua função salvífica” (GONZÁLEZ, 2004, p. 293).

Logo após percorrerem os encontros do 1º Tempo, os catequizandos são acolhidos para o 2º Tempo por meio da Celebração de Admissão, que configura um marco no itinerário de educação na fé, onde se evidencia “a decisão de aceitar o caminho da fé, percorrendo o tempo da catequese” (ARQUIDIOCESE, 2018a, p. 75). O compromisso dos catequizandos significa também a responsabilidade da comunidade de fé, familiares e catequistas, de acompanhar a educação na fé durante o período da catequese, visto que a realização do rito de admissão “significa aceitar, incluir, receber, integrar na mesma fé” (ARQUIDIOCESE, 2018a, p. 74). A

realização deste rito se concretiza com a entrega da Cruz, sinal da fé cristã e sinal da salvação na fé em Jesus Cristo Crucificado-Ressuscitado.

Após o ingresso no Tempo da Catequese, acontece o aprofundamento da fé e maior aproximação com a pessoa de Jesus Cristo no decorrer dos conteúdos que integram o 2º Tempo. No Volume 1 estão presentes 5 fases, de um total de 6, que caracterizam o Tempo de Catequese, a saber: Fase 1 - Palavra de Deus; Fase 2 - Pessoa humana; Fase 3 - Jesus, o Cristo; Fase 4 - A família Igreja: Credo e Mandamentos; Fase 5 - Vida de oração.

O desenvolvimento dos conteúdos do 2º Tempo parte da Fase 1 – Palavra de Deus, tendo a celebração de entrega da Palavra ao final desta Fase. Na sequência, são abordados os temas dos encontros da Fase 2 – Pessoa humana, que culmina na celebração de entrega da imagem do Menino Jesus, já no Tempo do Advento. Este momento do Itinerário é interrompido pela coincidência do período das festas de final de ano e férias. A Fase 3 – Jesus, o Cristo, é iniciada quando do início da Quaresma, ou muito próximo disso, e nessa Fase são aprofundados os temas sobre a conversão e a vida em comunidade. Esses temas se desenrolam no Tempo da Quaresma e no Tempo Pascal, e culminam na realização da Jornada dos Amigos de Jesus, que busca “estretar laços de amizade, a partir de uma convivência com todos os grupos que estão na caminhada da Iniciação à Vida Cristã” (ARQUIDIOCESE, 2016, p. 145). Na Fase 4 – A família Igreja: Credo e Mandamentos, estão os temas da vida de fé em comunidade e incluem duas celebrações para entrega do Credo e do Mandamento do Amor. E na Fase 5 – Vida de oração, é apresentada a Oração do Senhor, e esta Fase se conclui com a celebração de entrega do Pai Nosso.

O Itinerário de Iniciação à Vida Cristã Volume 1 tem duração de doze meses e se conclui por ocasião do último encontro da Fase 5. Neste momento ocorre a entrega do Pai Nosso e os catequizandos também recebem o Itinerário de Iniciação à Vida Cristã Volume 2, para continuarem sua caminhada de fé.

4.2.1.2 Itinerário de Iniciação à Vida Cristã Volume 2

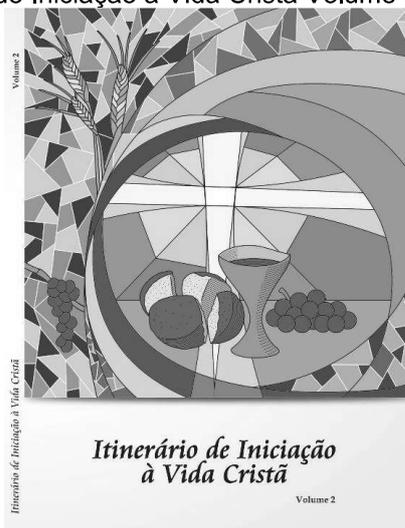
O Itinerário de Iniciação à Vida Cristã Volume 2, Figura 6, é composto pela Fase 6 – Vida sacramental, ainda correspondente ao 2º Tempo. Além disso, também estão contemplados os conteúdos que compõem o 3º Tempo – Purificação e

Iluminação e o 4º Tempo – Mistagogia. Na capa do Volume 2 destacam-se os elementos do pão e da uva (vinho). Partindo desses sinais visíveis, temos o sentido para a fé cristã, como explica Goffredo Boselli:

O pão é desde sempre, em todas as linguagens e culturas, metáfora do alimento, de modo que, para o homem não ter pão significa não ter o alimento, do qual depende o poder viver ou o dever morrer por falta de nutrição. [...] O vinho é, portanto, símbolo da gratuidade, narra o excesso da vida humana, é sinônimo de festa e plenitude de vida. Por ser destinado à alegria, o vinho exige a comunidade, a partilha, o vínculo social. Seja o pão, seja o vinho, são sinônimos de partilha (2014, p. 91).

Com este entendimento, a comunidade continua sua caminhada de fé, sendo motivada a partilhar suas experiências de vida e de fé ao longo do itinerário.

Figura 6 – Itinerário de Iniciação à Vida Cristã Volume 2



Fonte: ARQUIDIOCESE, 2017a.

Com os conteúdos do Volume 2 é possível identificar a preocupação em aprofundar os temas que representam os sinais da fé presentes na celebração dos sacramentos. Destacamos que os conteúdos sobre a vida sacramental se referem sempre aos gestos e atitudes de Jesus Cristo, permitindo aproximar os sinais visíveis dos sacramentos com a manifestação da graça sacramental, que infunde força e vigor aos catequizandos para terem condições de colocar em prática os conteúdos que estão assimilando pela fé. O desenvolvimento do 2º Tempo inclui, portanto, encontros de convivência e reflexão sobre os temas dos sacramentos, por meio da Jornada da partilha e pela celebração da Reconciliação para contemplar a iniciação litúrgica dos catequizandos.

Sobre a necessidade de preparação para os sacramentos, a Exortação *Catechesi Tradendae* afirma que a apresentação sistemática da fé visa “introduzir as crianças de modo orgânico na vida da Igreja, e que compreende também uma preparação imediata para a celebração dos Sacramentos; catequese didática, esta, mas visando um testemunho da fé que há de ser dado” (CT, 1980, n. 37). Dessa forma, a condução do itinerário de educação na fé, que inclui a preparação para os sacramentos, precisa mostrar que a celebração ritual é parte integrante de uma caminhada maior na fé, que se prolonga por toda a existência da pessoa.

O ingresso para o 3º Tempo acontece pela realização da Etapa 2, isto é, pelo rito litúrgico elaborado pela Arquidiocese de Florianópolis e identificado como Celebração da Inscrição do Nome, previsto para acontecer no 1º Domingo da Quaresma.

O objetivo desta celebração é que cada catequizando, após ter feito um longo caminho, agora se manifeste decidido a dizer: eu desejo continuar no seguimento de Jesus e desejo que a Igreja me oportunize receber os sacramentos. [...] Nesta celebração, o catequizando será aceito e assumirá o chamado de Deus pelo nome que recebeu. Esta celebração parte de três princípios: que somos um dom de Deus; que o chamado de Deus requer uma resposta da nossa parte; que é necessário o empenho de cada um com a comunidade (ARQUIDIOCESE, 2018b, p. 60).

A revisão dos itinerários didáticos da Arquidiocese de Florianópolis contempla a dedicação exclusiva à preparação dos sacramentos por meio da realização do 3º Tempo – Purificação e Iluminação, organizado em íntima relação com a espiritualidade da Quaresma.

A intensa preparação espiritual, mais relacionada à vida interior que à catequese, procura purificar os corações e espíritos pelo exame de consciência e pela penitência, e iluminá-los por um conhecimento mais profundo de Cristo, nosso Salvador. Serve-se para isso de vários ritos, sobretudo dos escrutínios e das entregas (RICA, 2001, n. 25).

Nos itinerários didáticos da Arquidiocese de Florianópolis, o 3º Tempo tem início no 1º Domingo da Quaresma, tendo como eixo condutor de cada encontro as leituras dos evangelhos dominicais, especialmente do ciclo do Ano A. E, atendendo ao RICA, as partes específicas dos escrutínios e dos exorcismo estão incluídas no próprio desenvolvimento do encontro de catequese, para que sejam administradas

pelos catequistas, mantendo o objetivo do Ritual, mas com a devida adaptação para caracterizar um Tempo diferente no desenvolvimento do itinerário.

No Itinerário de Iniciação à Vida Cristã Volume 2 da Arquidiocese de Florianópolis o 3º Tempo contempla as celebrações do Sacramento da Reconciliação, da Renovação das Promessas do Batismo, e ainda, uma celebração de preparação próxima, disponível no Itinerário da Família Volume 2, para “ajudar os catequizandos nos momentos que antecedem a Primeira Comunhão Eucarística” (ARQUIDIOCESE, 2018b, p. 78).

Tendo participado da celebração da Primeira Comunhão Eucarística, que configura a 3ª Etapa da inspiração catecumenal, o Volume 2 tem continuidade no acompanhamento dos catequizandos pela realização do 4º Tempo - Mistagogia, quando os encontros são estruturados para aprofundar a experiência de fé a partir do sacramento recebido, partilhando as motivações para continuarem a caminhada na fé dando sentido concreto e visível à comunhão sacramental que realizaram.

4.2.1.3 Itinerário de Iniciação à Vida Cristã Volume 3

Os Itinerários de Iniciação à Vida Cristã - Volumes 1 e 2, foram aplicados em 2016, 2017 e 2018. A partir de 2019, a Arquidiocese de Florianópolis deu continuidade ao processo de educação da fé de seus catequizandos adolescentes, em ritmo de continuidade e gradualidade do processo, retomando a dinâmica da Casa da Fé.

A progressividade no itinerário de educação na fé proposto no Volume 3, Figura 7, dá-se a partir do 1º Tempo - Anúncio de Jesus Cristo, tendo início na Quaresma e dura seis semanas. Na Primeira Semana da Quaresma é realizada a 1ª Etapa para a passagem ao 2º Tempo - Catequese, composto de cinco fases, de um total de seis, para o aprofundamento na fé em Jesus Cristo, assim organizadas: Fase 1 - Palavra de Deus; Fase 2 - Pessoa humana; Fase 3 – Jesus, o Cristo; Fase 4 – Vida de Oração; Fase 5 – Igreja-comunidade de fé.

Com o Volume 3 serão aprofundados os temas da vida em comunidade, a caminhada conjunta e o sentido de pertencer à Igreja de Cristo. Neste sentido, a capa ajuda a despertar a compreensão do significado de espalhar no mundo a fragrância da fé.

Pela Confirmação, os cristãos, isto é, os que são ungidos, participam mais intensamente da missão de Jesus e da plenitude do Espírito Santo, de que Jesus é cumulado, a fim de que toda a vida deles exale o bom 'odor de Cristo'. Por esta unção, o confirmando recebe a 'marca' o *selo* do Espírito Santo. O selo é o símbolo da pessoa, sinal de sua autoridade (ClgC, 2020, n. 1294-1295, grifo do autor).

Figura 7 – Itinerário de Iniciação à Vida Cristã Volume 3



Fonte: ARQUIDIOCESE, 2019a.

Nesse sentido, o Volume 3 é destinado para catequizandos que já se encontram na fase da adolescência ou pré-adolescência. Desse modo, o próprio itinerário já foi elaborado a partir de temas que ajudam catequistas e familiares a dialogar com os adolescentes sobre seus processos de maturidade humana e formação na fé.

É o tempo da descoberta de si mesmo e do próprio mundo interior, o tempo dos planos generosos, o tempo do desabrochar do sentimento do amor, com os impulsos biológicos da sexualidade, o tempo do desejo de estar junto com os outros, o tempo de uma alegria particularmente intensa, ligada a uma inebriante descoberta da vida. Muitas vezes, porém, é conjuntamente a idade das interrogações mais profundas, das indagações angustiadas, ou até mesmo frustratórias, de uma certa desconfiança para com os outros, acompanhada do debruçar-se sobre si mesmo fechando-se; é a idade, por vezes, dos primeiros fracassos e das primeiras amarguras (CT, 1980, n. 38).

E para além dos conteúdos da doutrina da fé cristã, a Arquidiocese de Florianópolis inovou na organização dos conteúdos da fé ao apresentar um roteiro de encontros identificados como *Costurando Sonhos*, para ampliar a reflexão e a interação entre fé e vida, cuja dinâmica tem inspiração na metodologia do Projeto de Vida. Com estes encontros, dispostos em quatro eixos (eu comigo mesmo, eu e os outros, eu e Deus, eu e a criação), o Itinerário de Iniciação à Vida Cristã foi

organizado para contribuir na formação da identidade dos catequizandos que buscam crescer como pessoas capazes de sonhar, viver e ser protagonistas de suas histórias.

Neste emaranhado de descobertas, os adolescentes não abrem mão de sonhar. Sonham alto, sonham longe, sonham que todas as coisas podem ser diferentes. E, além disso, os adolescentes possuem uma facilidade natural de estabelecer conexões e formar grupos, por isso, seus sonhos facilmente são compartilhados e costurados (ARQUIDIOCESE, 2019a, p. 153).

Nesse sentido, a Introdução do Volume 3 dá pistas concretas para a compreensão de estratégias possíveis para alcançar os objetivos do itinerário:

O que queremos com este volume?

1. Que cada catequizando possa se compreender como uma pessoa que cresceu em idade, tamanho e em conhecimento de si próprio, e em sabedoria como o próprio Jesus, que também viveu esta idade.
2. Que cada catequizando tenha oportunidade de partilhar os seus questionamentos, as dúvidas, problemas e vivências, proporcionando de forma conjunta aceitação e enriquecimento mútuo.
3. Que cada catequizando possa entender a realidade do mundo, da vida que os cerca, sendo cada um protagonista da sua história.
4. Que cada catequizando tenha a possibilidade de aprofundar a vivência cristã com base no conhecimento de textos bíblicos com o uso da Leitura Orante e do Catecismo da Igreja Católica.
5. Que cada catequizando goste e valorize a participação nas celebrações, nos encontros, convivências com os familiares, com o grupo e na comunidade.

Neste caminho de aprendizado da vida cristã, todos aprendemos, porque somos envolvidos e conduzidos pela ação do Espírito de Deus (ARQUIDIOCESE, 2019a, p. 4).

Na relação dos conteúdos do Volume 3 estão contemplados também a realização do 1º Tempo, a celebração da 1ª Etapa e a continuação com o 2º Tempo. O início do Volume 3 acontece por meio de uma celebração de acolhida chamada de Festa do Compromisso, para que os catequizandos, catequistas e familiares renovem juntos o compromisso do seguimento de Jesus Cristo. Logo após, os encontros do 1º Tempo acontecem durante o Tempo da Quaresma e se conclui com a realização do encontro Costurando Sonhos I: **Eu comigo mesmo**.

A 1ª Etapa, que insere os catequizandos no 2º Tempo, se chama Celebração da Assinalação da Cruz, para renovar a decisão de permanecer firme no seguimento de Jesus Cristo. E o Tempo da Catequese inicia-se com as reflexões da Fase 1 – Palavra de Deus, culminando com o encontro Costurando Sonhos II: **Eu e os**

outros. Em seguida, acontecem os encontros da Fase 2 - Pessoa humana até sua conclusão com a celebração de entrega das Bem-Aventuranças. E então acontecem os encontros da Fase 3 - Jesus, o Cristo, que tem o encontro Costurando Sonhos III: **Eu e Deus** como conclusão. Logo em seguida, tem a Fase 4 – Vida de Oração, marcada pela celebração do Lucernário como conclusão. Enfim, a Fase 5 – Igreja, comunidade de fé, dedica-se a refletir sobre os mandamentos da Lei de Deus e se encerra com dois momentos celebrativos: a) o encontro Costurando Sonhos IV: **Eu e a criação** e, b) a celebração de entrega dos Dez Mandamentos.

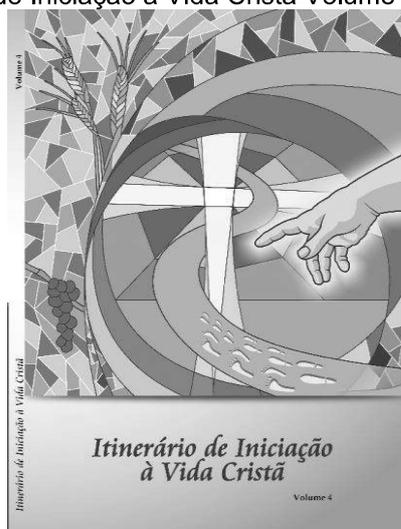
O Volume 3 reforça a ideia do catequizando como pessoa que está em processo de construção de sua identidade e descoberta de seus dons. A sequência dos conteúdos é contemplada, quando se compara com o Itinerário Catequético da CNBB, e além da estrutura, o itinerário inova com a realização dos encontros Costurando Sonhos, atendendo ao que orienta a Comissão Pastoral de Animação Bíblico-Catequética, sobre “ajudar os adolescentes/jovens a fazerem escolhas permanentes para sua vida” (CNBB, 2014a, p. 84).

O Tempo da Catequese continua com os conteúdos de aprofundamento sobre os sacramentos no Volume 4, incluindo também o Tempo de Purificação e Iluminação e o Tempo da Mistagogia.

4.2.1.4 Itinerário de Iniciação à Vida Cristã Volume 4

O Itinerário de Iniciação à Vida Cristã Volume 4, Figura 8, segue a mesma lógica do Volume 2 e está composto da Fase 6 – Vida sacramental, que corresponde ao 2º Tempo. Além disso, contém os encontros do 3º Tempo – Purificação e Iluminação com foco na preparação para o sacramento da Confirmação. E segue também com os encontros do 4º Tempo – Mistagogia, que tem início após a celebração do sacramento da Confirmação e se caracteriza por encontros sobre os dons do Espírito Santo, com dinâmicas de integração com pastorais e movimentos da comunidade paroquial, além de ampliar as reflexões sobre identidade e personalidade de adolescentes/jovens por meio de encontros Costurando Sonhos.

Figura 8 – Itinerário de Iniciação à Vida Cristã Volume 4



Fonte: ARQUIDIOCESE, 2019b.

De maneira especial, o Volume 4 possui um caráter mais celebrativo. Neste Volume resgata-se os diferentes símbolos do Espírito Santo e amplia-se a reflexão sobre a vida em comunidade. Como afirma Ione Buyst, “não basta celebrar. Espera-se que aquilo que é vivido sacramentalmente, ritualmente, na celebração, tenha continuidade na vida diária, no testemunho no meio do mundo” (2011, p. 185). Esta é a inspiração que está na ilustração da capa do Volume 4.

Neste itinerário, a Fase 6 – Vida Sacramental, contém três celebrações sobre o tema dos sacramentos, que acontecem durante a realização dos encontros, para favorecer a experiência litúrgica e ritual dos catequizandos e familiares. Esta fase se encerra com a Celebração de Entrega do Incenso, que acontece dentro do Tempo do Advento, em clima de oração e espera pelo Natal do Senhor. Após o período de festas e recesso das férias de início de ano, o Volume 4 é retomado com a Celebração do Chamado e da Decisão, realizada na 1ª Semana da Quaresma, que caracteriza a 2ª Etapa, para o ingresso no 3º Tempo.

A sequência dos encontros do 3º Tempo está estruturada a partir dos temas dos evangelhos dominicais, com referência ao Ano A. O destaque aqui é a ampliação dos encontros do Costurando Sonhos, do eixo sobre a fé, que são oferecidos para aguardar o momento da celebração do sacramento da Confirmação. E, para a preparação imediata do sacramento é oferecido um tríduo para que a comunidade toda se reúna em oração pelos catequizandos, por suas famílias e catequistas, em espera orante pelo dom do Espírito Santo.

O Volume 4 também é composto pelos encontros do 4º Tempo - Mistagogia, que seguem a inspiração do Volume 2, oferecendo encontros de integração dos catequizandos com lideranças da comunidade. Ademais, os encontros Costurando Sonhos seguem com os eixos de reflexão pessoal, de relação interpessoal e de cuidado com a criação. Podemos afirmar que a condução da proposta elaborada pela Arquidiocese de Florianópolis atende os seguintes requisitos da CNBB:

A adolescência, período de mudanças físicas e psicológicas pode estar marcada por experiências desconcertantes, mas termina com a aquisição da identidade, da autonomia, bem como da elaboração de projetos de vida e de integração na sociedade, desembocando assim na juventude (CNBB, 2014a, p. 84).

A partir dessas considerações, os itinerários precisam ser compreendidos e desenvolvidos na sua mútua relação, pois os temas são progressivos e ajudam no crescimento da pessoa. As posturas isoladas de uma celebração ou de algum encontro não alcançam o objetivo em si, por se tratar de um caminho que se complementa de maneira lenta e gradual. Esta é a razão pela qual passaremos a identificar os principais itens de um encontro de catequese presente nos itinerários da Arquidiocese de Florianópolis, sem expor as suas originalidades, mas como sugestão de novas oportunidades de itinerários didáticos que surjam a partir da inspiração catecumenal para crianças e adolescentes.

4.2.2 Roteiro de um encontro de catequese

A coleção que compõe o Itinerário de Iniciação à Vida Cristã, volumes 1, 2, 3 e 4, elaborada pela Arquidiocese de Florianópolis, tem inspiração catecumenal quando percebemos que está estruturada em Quatro Tempos e Três Etapas. Os Tempos correspondem à transmissão e aprofundamento da fé (Anúncio de Jesus Cristo, Catequese, Purificação e Iluminação e Mistagogia) e as Etapas correspondem aos ritos de passagem de um Tempo ao outro.

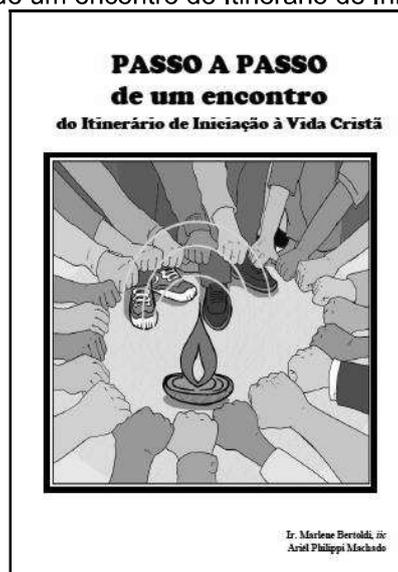
Além das Etapas que correspondem à dimensão litúrgica da fé, o caminho de educação da fé de crianças e adolescentes na Arquidiocese de Florianópolis é permeado de outras celebrações menores, previstas no RICA, para ajudar a santificar o itinerário de seguimento de Jesus Cristo (SC 64). Outrossim, cada Tempo se concretiza com os encontros entre catequizandos e catequistas para o

efetivo exercício de leitura da Palavra de Deus, partilha das experiências cotidianas e indicações de práticas para a itinerância na fé. Nesse sentido os autores Calandro e Ledo nos recordam que

o caminho de formação do cristão, na tradição mais antiga da Igreja, teve sempre caráter de experiência, na qual era determinante o encontro vivo e persuasivo com Cristo, anunciado por autênticas testemunhas. Trata-se de uma experiência que introduz o cristão numa profunda e feliz celebração dos sacramentos, com toda a riqueza de seus sinais. Desse modo, a vida vem se transformando progressivamente pelos santos mistérios que se celebram, capacitando o cristão a transformar o mundo. Isso é o que se chama catequese mistagógica (DAp, n.290). Uma catequese da realidade, da experiência, para a criança, é muito mais interessante do que torrentes de conteúdos que não atraem para a vida de fé (CALANDRO; LEDO, 2010, p. 30).

A seguir ilustraremos os elementos que compõem o roteiro de um encontro de catequese com base no critério que favoreça “a experiência com Cristo na realidade em que a criança vive” (DNC, 2006, n. 197). Para tal finalidade, a Coordenação de Catequese da Arquidiocese de Florianópolis elaborou um subsídio de apoio, Figura 9, para catequistas e lideranças. Esse subsídio visa a preparação e a compreensão da revisão dos itinerários além de os catequistas e lideranças estarem aptas a conduzir os encontros com os catequizandos. A partir desse subsídio, destacaremos os passos de cada encontro de catequese:

Figura 9 – Passo a passo de um encontro do Itinerário de Iniciação à Vida Cristã



Fonte: ARQUIDIOCESE, 2015.

a) o título: está relacionado com o texto bíblico do encontro e sugere uma palavra para resumir a ideia central do encontro;

b) a palavra: proposta em forma de verbo para indicar ação, a palavra ajuda a desenvolver o título e se relaciona com o desenho que ilustra a abertura do encontro;

c) o símbolo: que aparece logo após a palavra em forma de imagem tem a função de aproximar o conteúdo da fé (sentido abstrato, invisível) com a experiência de vida (sentido material e visível);

d) a oração: contribui para a iniciação litúrgica e para ensinar a rezar na perspectiva de uma vida de proximidade com Deus sempre disposto a ouvi-lo;

e) a convivência: se concretiza na realização de dinâmicas e visa favorecer a troca de experiências, despertando a capacidade de ajuda mútua e a troca de dons e talentos junto ao grupo.

No período da infância, o processo catequético será, por isso, eminentemente educativo, atento a desenvolver aqueles recursos humanos que formam o substrato antropológico da vida de fé, tais como o senso da confiança, da gratuidade, do dom de si, da invocação, da alegre participação (DGC, 2009, n. 178).

f) a escuta da Palavra de Deus: acontece em momentos diferentes, de forma contínua, desde a narração de um texto pelo catequista a uma atitude de estar de pé diante da mesa da Palavra, a meditação conduzida com perguntas propostas no material didático ou pelo próprio catequista.

No momento intermediário desta fase, entre os 9 a 10 anos, é importante acentuar a leitura da Palavra de Deus, da Sagrada Escritura, pois neste momento a criança já atribui um sentido, mesmo que limitado, à Bíblia. Já consegue identificar-se com personagens, cenários e parábolas. É possível aprofundar a mensagem salvífica anunciada na catequese, bem como aprofundar a dimensão da fé pessoal que leve passo a passo a uma adesão à vida de comunidade (CALANDRO; LEDO, 2010, p. 133).

g) a testemunha do bem: é o momento da apresentação da biografia de algum personagem que deixou seu testemunho de fé por atitudes e obras;

Fazendo conhecer a vida dos santos como verdadeiras testemunhas da beleza da fé; [...] a catequese mostra concretamente a infinita beleza de Deus, que também se expressa nas obras humanas (SC, n. 122), e conduz os catequizandos para o *belo* dom que o Pai fez no seu Filho (DC, 2020, n. 109, grifo do autor).

h) o que pode ser feito: que são reflexões para a prática da fé de acordo com o tema abordado no decorrer do encontro, com inspiração na Palavra de Deus;

i) o compromisso a ser assumido: como consequência prática para ser assumida no decorrer dos dias e durante a vida;

A criação de um ambiente educativo da fé é uma exigência não só metodológica, mas de conteúdo, especialmente em se tratando de crianças e jovens. [...] O catequizando, criança e jovem, não participará do 'catecismo', da 'aula de ensino religioso', [...] mas sobretudo para aprender a viver e atuar como cristãos, agentes de transformação na sociedade brasileira de hoje. Por isso, é importante que, já como adolescentes e jovens, realizem ações transformadoras no seu ambiente específico (CR, 1983, n. 137).

j) a oração final: que coroa o encontro com motivações pessoais para a oração e com a oração sugerida no material didático.

Todos esses passos estão contemplados nos volumes 1 e 2 da coleção dos itinerários didáticos da Arquidiocese de Florianópolis. Os volumes 3 e 4 seguem os mesmos itens, mas identificados com palavras diferentes caracterizando a progressividade do material para os interlocutores adolescentes. A pedagogia catecumenal ganha solidez na medida em que os novos itinerários são aplicados e a formação de catequistas e lideranças é desenvolvida com nova mentalidade e maior profundidade.

4.3 A CONVERSÃO PASTORAL A PARTIR DOS ITINERÁRIOS PARA FAMILIARES E RESPONSÁVEIS

Todo Projeto diocesano de Iniciação à Vida Cristã envolve a família como agente da ação evangelizadora da Igreja. Dessa forma, a família é a primeira destinatária e interlocutora no processo de iniciação cristã de inspiração catecumenal. No seio da comunidade, que é mãe da fé, a família, é a célula da sociedade. É a família que confere o nome, dedica os primeiros cuidados, e ainda, desenvolve a dimensão da aceitação e promove a inserção na convivência social. Daí a importância de que a família, e não apenas o catequizando, seja também acompanhada durante os itinerários formativos, como forma de oferecer uma formação sólida e continuada para todos as pessoas fiéis e de boa vontade.

O Projeto de Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal elaborado pela Arquidiocese de Florianópolis tem seu foco na pessoa do catequizando, mas a sua aplicação tem como necessidade a presença da família durante o itinerário de formação da fé. Percebemos que faltou articular melhor a presença e acompanhamento da família no processo de Iniciação à Vida Cristã de seus filhos, uma vez que na descrição da 2ª Urgência do 13º Plano de Pastoral não se menciona a família como meta e interlocutora do processo de transmissão e educação da fé (ARQUIDIOCESE, 2012a, n. 305-314).

Até o momento da implementação da coleção dos novos itinerários didáticos com catequizandos, a Coordenação de Catequese organizou uma coleção de quatro volumes para que as famílias e pessoas adultas responsáveis se colocasse em atitude de acompanhar a peregrinação na fé dos catequizandos. Com esse intuito, a Coordenação de Catequese adotou um refrão comum: “Nenhuma criança órfã na fé”. Diante desse slogan que revela o dom da maternidade na fé de toda a comunidade, catequistas e lideranças em geral tiveram que se adaptar ao esquema proposto de iniciar um percurso de aprofundamento da fé a partir de encontros com familiares e responsáveis. Com esta iniciativa, a Coordenação de Catequese cumpriu com a proposta de contemplar na 2ª urgência a linha transversal aprovada por ocasião da 27ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral, tendo a realidade das famílias como linha transversal das ações pastorais a serem desenvolvidas (ARQUIDIOCESE, 2012b, p. 8).

De tal modo, a Arquidiocese de Florianópolis conseguiu alcançar a meta de oferecer às pessoas adultas a oportunidade de visitar o núcleo da fé, maneira pela qual é possível dar sentido renovado à sua presença na comunidade de fé. Assim, as famílias, junto com a organização sistemática e pastoral da paróquia participam na educação da fé fazendo-se próximas durante todo o itinerário. O Documento de Aparecida alude que:

A família é chamada a introduzir os filhos no caminho da iniciação cristã. A família, pequena Igreja, deve ser, junto com a Paróquia, o primeiro lugar para a iniciação cristã de crianças. Ela oferece aos filhos um sentido cristão de existência e os acompanha na elaboração de seu projeto de vida, como discípulos missionários (DAp, 2007, n. 302).

A iniciativa de propor itinerários para familiares e responsáveis mostra que é possível acompanhar a pessoa adulta que se descobre membro efetivo da

comunidade de fé e pede para ser introduzida nos serviços e atividades pastorais. Destacamos que iniciativas como estas, mesmo em razão de ela ser alguém responsável por algum catequizando avançam na chamada conversão pastoral e impulsionam as equipes de planejamento e gestão pastoral novas atitudes e novos processos de organização pastoral. Trata-se, portanto de uma mudança de paradigma na catequese que

exigirá, portanto, buscar discernir novas formas de acompanhar o caminho de fé, não só daqueles que aderem a Cristo pela primeira vez, como daqueles que, tendo recebido este dom na infância, não o desenvolveram na vida. *Aparecida* aposta no modelo operacional de iniciação cristã como maneira ordinária e indispensável para a realização da evangelização (CELAM, 2015, n. 37, grifo do autor).

A conversão pastoral torna-se realidade quando os trabalhos de agentes pastorais, catequistas e lideranças, tiverem o fim último no encontro pessoal com Jesus Cristo e na realização da pessoa humana. “Só haverá revitalização das comunidades com uma catequese centrada na Palavra de Deus, expressão maior da animação bíblica da pastoral” (CNBB, 2014c, n. 270). A escuta atenta da Palavra de Deus faz arder o coração e movimenta os sentidos para que, tomando o mesmo caminho, apareçam novas atitudes e novas expressões do encontro pessoal com Jesus Cristo, luz dos povos e causa de nossa alegria.

4.3.1 A educação da fé e pedagogia do acompanhamento

Na coleção Itinerário da Família, volumes 1, 2, 3 e 4, estão disponíveis encontros para que familiares e responsáveis despertem para o encontro com Jesus Cristo, sintam-se acolhidos na comunidade de fé e motivados para realizar com qualidade o acompanhamento da fé de seus filhos e filhas.

O Itinerário da Família é a oportunidade de ver desabrochar uma verdadeira pastoral missionária, com o compromisso de acompanhar a vida e a fé das pessoas, que desejam conhecer de maneira profunda a fé e se sentirem capacitadas em testemunhar os valores do Evangelho onde vivem e realizam suas tarefas. Afirmamos que a coleção, *Celebrar a fé da Família em Comunidade* é uma iniciativa de superar algumas das sombras identificadas na Conferência de Aparecida:

Constatamos o escasso acompanhamento dados aos fiéis leigos em suas tarefas de serviço à sociedade, particularmente quando assumem responsabilidades nas diversas estruturas de ordem temporal. Percebemos uma evangelização com pouco ardor e sem novos métodos e expressões, uma ênfase no ritualismo sem o conveniente caminho de formação, descuidando outras tarefas pastorais. De igual forma, preocupa-nos uma espiritualidade individualista. Verificamos, desse modo, uma mentalidade relativista no ético e no religioso, a falta de aplicação criativa do rico patrimônio que contém a Doutrina Social da Igreja e, em certas ocasiões, uma compreensão limitada do caráter secular que constitui a identidade própria e específica dos fiéis leigos (DAp, 2007, n. 100c).

Além da iniciativa de oferecer formação doutrinal e pastoral para as famílias e pessoas adultas que acompanham os catequizandos no processo de iniciação à vida cristã, o *Itinerário da Família* é um instrumento de celebração e formação espiritual, pois nele estão presentes todas as celebrações do itinerário catecumenal, aquelas identificadas como Etapas e as celebrações menores que ajudam a santificar as atividades da ação catequética em vista da iniciação litúrgica e sacramental.

Com o desenvolvimento dos encontros formativos e das celebrações litúrgicas, cresce as relações de confiança e pertença da família com os catequistas e a comunidade. Assim, podemos perceber que por meio da formação do catequista para bem acompanhar a família, desperta nas famílias a atitude de cumplicidade e de responsabilidade com a educação da fé de seus filhos. Surgem assim, iniciativas novas de relações virtuosas entre catequistas, famílias e comunidade, para que a fé transmitida seja também vivida no cotidiano dos lares, sendo sinal concreto do Reino de Deus.

Na sequência, apresentaremos a coleção, *Celebrar a fé da Família em Comunidade – Itinerário da Famílias –*, destacando as características de cada parte que compõe seus volumes e as relações que fazem com o itinerário dos catequizandos.

4.3.1.1 Itinerário da Família Volume 1

O Itinerário da Família Volume 1, na sua 3ª edição, contém os encontros para familiares e responsáveis que iniciam a caminhada de formação na fé para acompanhar seus filhos e filhas no Itinerário de Iniciação à Vida Cristã, Figura 10.

A novidade que marcou o início da inspiração catecumenal na Arquidiocese de Florianópolis é a necessidade de que alguma pessoa adulta, familiar ou

responsável, participe de no mínimo seis encontros do Itinerário da Família, antes do ingresso dos catequizandos no itinerário de Iniciação à Vida Cristã, por meio da celebração de acolhida. Não se permite o início do itinerário com catequizandos sem a devida participação dos adultos nos encontros para eles propostos. Mesmo que essa normativa não esteja contemplada na formalização do Projeto de Iniciação à Vida Cristã da Arquidiocese de Florianópolis, está sendo aplicada como orientação comum em todas as paróquias.

Figura 10 – Itinerário da Família Volume 1



Fonte: ARQUIDIOCESE, 2018a.

A Coordenação de Catequese manifestou sua preocupação em oferecer roteiros de formação integral às famílias, incluindo-as junto com os responsáveis adultos na caminhada de educação da fé. Na Introdução do Volume 1 lemos:

Em forma de celebrações, estamos apresentando roteiros de formações acerca da fé em Jesus Cristo. Queremos que se torne realidade o grande bem que um pai ou uma mãe pode dar para seu filho ou sua filha, que é a fé gerada no amor. [...] E o mundo será melhor porque, em família, foram transmitidos valores que ninguém pode tirar, como a vivência em comunidade, a vida de oração e a fé consciente em Deus (ARQUIDIOCESE, 2018a, p. 5).

O Itinerário da Família Volume 1 está dividido em duas partes, a primeira contém os encontros de formação para familiares e responsáveis e na segunda parte estão as celebrações de inspiração catecumenal para o itinerário formativo. Esta divisão em duas partes é característica de toda a coleção, de forma que o acompanhamento da família acontece independente da necessidade da realização

de algum rito específico no itinerário de inspiração catecumenal. Inferimos que esta iniciativa valoriza a presença e o protagonismo da família durante a caminhada de transmissão da fé, de forma que os adultos são contemplados com encontros próprios e destinados ao seu período de vida, e não apenas como motivação secundária em função da caminhada ordinária de formação na fé de seus filhos e suas filhas.

Em relação à primeira parte, os temas dos encontros giram em torno da família como berço de vida e de fé, lugar para o crescimento humano e espiritual na relação com as demais pessoas e na interação na vida em comunidade. Alguns temas relacionam-se diretamente com os sacramentos de iniciação cristã, tendo em vista o interesse primeiro dos familiares de garantir que seus filhos e filhas recebam os sacramentos. E, além disso, temas como a participação na liturgia, o envolvimento concreto com a comunidade e a presença das famílias durante o itinerário também são refletidos nos encontros.

Da segunda parte, destacamos apenas alguns ritos litúrgicos: a Celebração de Acolhida, para o momento em que os catequizandos são apresentados à comunidade; a Celebração de Admissão, Etapa 1, que marca o ingresso no Tempo da Catequese, para o aprofundamento da fé após ter acontecido o Primeiro Tempo – Anúncio de Jesus Cristo; a Celebração da Palavra, para entrega da Bíblia e a Celebração da Oração do Senhor, quando os familiares encerram seu percurso com o Volume 1 e receberão o Volume 2 para continuarem na caminhada de formação juntamente com os catequizandos.

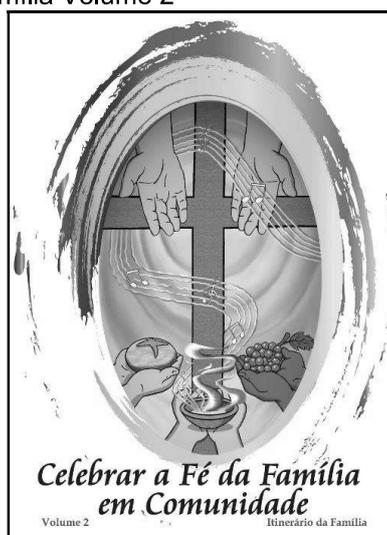
4.3.1.2 Itinerário da Família Volume 2

O Itinerário da Família Volume 2, Figura 11, é responsável pela condução direta para a celebração do sacramento, tanto da Penitência quanto da Eucaristia.

Na primeira parte deste itinerário estão os encontros de formação que ajudam os familiares e responsáveis a se prepararem para acolher e celebrar em família o sacramento que estão aguardando com os catequizandos. Neste sentido, a presença do sacramento da Penitência está em vista da dinâmica quaresmal de conversão e revisão de vida, sem configurar como pré-requisito para a celebração do sacramento da Primeira Comunhão Eucarística. Ao receberem o Volume 2, familiares e responsáveis podem ler o seguinte:

Continuando a construção da casa da fé, chegamos ao Terceiro Tempo, vivido na Quaresma, também chamado de Purificação e Iluminação. Celebraremos este tempo de conversão, através dos ritos penitenciais, das bênçãos e da vivência do sacramento da Reconciliação. Em família, em nossas casas e na comunidade, celebraremos a Páscoa de Jesus Cristo, fonte de nossa fé. Será o momento de sentirmos o mistério do amor de Deus, derramado sobre cada um de nós. A celebração da Primeira Comunhão Eucarística está unida a este mistério (ARQUIDIOCESE, 2018b, p. 5).

Figura 11 – Itinerário da Família Volume 2



Fonte: ARQUIDIOCESE, 2018b.

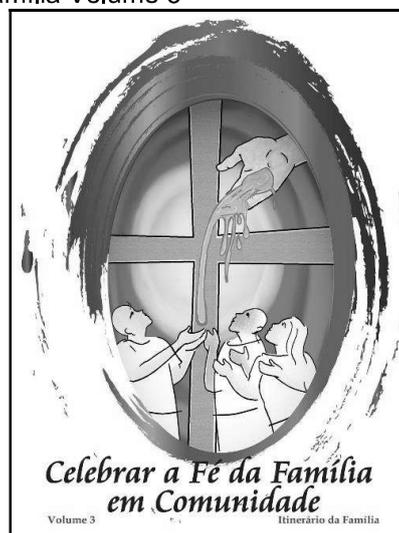
A segunda parte do Volume 2 é composta de celebrações para a preparação imediata para os sacramentos da Penitência e da Eucaristia, que destacamos aqui: Celebração da Reconciliação com a família, que motiva para o dom do perdão em família; Celebração da Inscrição do Nome, Etapa 2, que marca o ingresso no Tempo da Purificação e Iluminação; Renovação das Promessas do Batismo e Preparação para a Primeira Comunhão Eucarística, dois momentos celebrativos para acontecerem na semana que antecede a recepção do sacramento da Eucaristia. Também integram este Volume 2 os encontros previstos para o Tempo da Mistagogia, que serão abordados em pesquisa futura, como mencionado anteriormente.

4.3.1.3 Itinerário da Família Volume 3

O Itinerário da Família Volume 3, Figura 12, ajuda os familiares e responsáveis a retomarem a caminhada de acompanhamento para a construção da

casa da fé. Com isso, novos temas sobre a pessoa de Jesus Cristo são apresentados aos familiares para reforçar a centralidade do *querigma* no Itinerário de Iniciação à Vida Cristã.

Figura 12 – Itinerário da Família Volume 3



Fonte: ARQUIDIOCESE, 2018c.

Na primeira parte do itinerário estão as formações para os familiares, com foco na leitura orante da Palavra de Deus, como forma de despertar a família para a oração e intimidade com as Escrituras. Outra novidade incluída nestes itinerários para familiares e adultos responsáveis é a oferta de encontros com a presença de padrinhos e madrinhas de catequizandos, como maneira de inseri-los na comunidade de fé após a celebração do sacramento da Confirmação.

Neste caminho de acompanhamento, não podemos separar as nossas atitudes de nossas palavras diante dos adolescentes. O testemunho de adultos convictos na fé precede a palavra e esta é confirmada por gestos. [...] Nossos catequizandos serão motivados e sentirão seus corações aquecidos quando fizerem a experiência de pertencer a um grupo. E esta pertença parte da presença efetiva dos familiares ao longo da caminhada de fé, por meio da participação nas celebrações em comunidade, na leitura Palavra e oração em família (ARQUIDIOCESE, 2018c, p. 5).

Na segunda parte do Volume 3 merece destaque a Festa do Compromisso, que marca a retomada do itinerário após as festas de final de ano e férias; a Celebração da Assinalação da Cruz, Etapa 1, marcando o início do 2º Tempo e mais duas celebrações para reflexão e entrega das Bem-Aventuranças e dos Dez Mandamentos. Com estas celebrações, o itinerário de educação da fé ganha novo

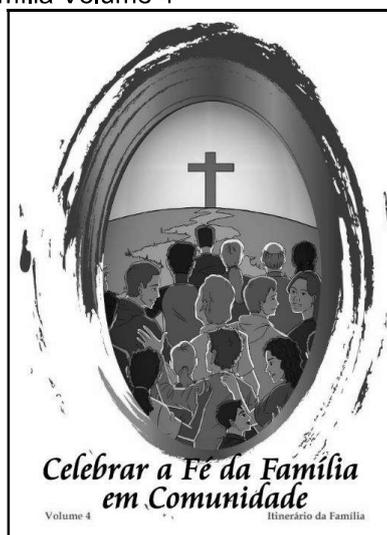
caráter, em clima festivo e comunitário, revelando para a pessoa a beleza de receber o dom da fé que vem de Deus e se coloca a serviço no chão da comunidade.

4.3.1.4 Itinerário da Família Volume 4

O Itinerário da Família Volume 4, Figura 13, também se destina à preparação das famílias para a celebração dos sacramentos da Penitência e da Confirmação. Sempre aplicado em sintonia com o itinerário dos catequizandos, estes itinerários para os familiares e adultos responsáveis se caracterizam pela acolhida, aproximação e inserção das famílias e catequizandos na dinâmica da vida comunitária.

Este Itinerário nos direciona, juntamente com toda a comunidade, a aprofundar o sentido do sacramento da Confirmação. É preciso crescer na consciência de nossa responsabilidade diante dos filhos e filhas que estão se preparando para receber mais um sacramento: a Confirmação (Crisma). Este sacramento, pela força do espírito Santo, anima a pessoa de fé no testemunho concreto perante a comunidade, assumindo os gestos e atitudes de Jesus no seu dia a dia (ARQUIDIOCESE, 2020, p. 5).

Figura 13 – Itinerário da Família Volume 4



Fonte: ARQUIDIOCESE, 2020.

Também no Volume 4 encontramos duas partes. A primeira delas possui os encontros para a formação da família e para padrinhos e madrinhas. Na segunda parte estão as celebrações que caracterizam a evolução no itinerário de fé. Destacamos aqui: a Celebração do Chamado e da Decisão, que dá início ao 3º Tempo – Purificação e Iluminação; e a Celebração do Sacramento da Penitência,

oferecida por ocasião da Quaresma, para toda a família e, em especial, aos catequizandos, enquanto se preparam para a recepção do sacramento da Confirmação.

Cabe elogiar a iniciativa de investir na formação de padrinhos e madrinhas, estimulando-os para serem presença efetiva na vida dos afilhados, propondo a devida inserção na comunidade a partir dos dons e talentos de cada pessoa. “Na medida em que as famílias crescem na adesão a Jesus Cristo e ao seu projeto de vida e fraternidade, confirma-se que a comunidade está progredindo na maturidade da fé” (ARQUIDIOCESE, 2020, p. 75).

O Volume 4 também é composto pelos encontros para o Tempo da Mistagogia, que também não configuram a apresentação nesta pesquisa.

4.3.2 Pedagogia catequética e elementos para a conversão pastoral: a colcha de retalhos

Para atender os princípios de interação Fé e Vida, integrado no Documento Catequese Renovada, a Coordenação de Catequese da Arquidiocese de Florianópolis elaborou, a “colcha de retalhos” com elementos pedagógicos para promover a conversão pastoral renovada pela Conferência de Aparecida.

No Projeto de Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal da Arquidiocese de Florianópolis, a colcha de retalhos é uma inspiração metodológica presente tanto no Itinerário da Família quanto no Itinerário de Iniciação à Vida Cristã para catequizandos. A colcha de retalhos se compõe de sete elementos pedagógicos, com os quais se costuram as experiências da vida e da fé.

A partir da experiência de construir a casa da fé, a colcha de retalhos ganha vida em cada um dos Tempos da inspiração catecumenal. Na casa da fé, Jesus Cristo é o alicerce. E com a ajuda do Espírito Santo, erguem-se as paredes, costurando cada parte da leitura e meditação da Palavra de Deus, dos ensinamentos da doutrina e das celebrações litúrgicas.

A colcha de retalhos nos ajuda a entender o processo, a escolha de cada retalho, a persistência, o tempo dedicado, as dificuldades e as emoções que perpassaram ao costurar cada parte. Assim, o objetivo proposto de formar a colcha é concretizado sem pressa, com paciência. É o Espírito de Deus quem nos ajuda a

costurar os retalhos da fé em comunidade, para entender a mensagem da Palavra de Deus para a nossa vida e colocá-la em prática.

4.3.2.1 A Colcha de Retalhos no Itinerário da Família

Os elementos pedagógicos da colcha de retalhos que costuram a aplicação da coleção *Celebrar a fé da Família em Comunidade*, durante o acompanhamento da fé dos familiares e responsáveis dos catequizandos, são representados na Figura 14.

Figura 14 – Colcha de retalhos no Itinerário da Família



Fonte: ARQUIDIOCESE, 2012c.

A seguir descreveremos cada um desses elementos:

a) motivação e proximidade: acolher e envolver os familiares, oriundos de diferentes realidades, trazendo desafios e alegrias; com a motivação dos catequistas, cada pessoa é convidada a se sentir em família, tendo no centro a pessoa de Jesus Cristo;

b) acompanhamento e pertença: encontros de formação e celebrações litúrgicas – nesses cada família é acolhida para assumir um compromisso de fé com seus filhos e filhas, mas ao mesmo tempo, o itinerário vai se concretizando com atitudes de cuidado mútuo, amizade e responsabilidade entre as próprias famílias, culminando no sentimento de pertença entre os membros do grupo e desenvolvendo o acompanhamento recíproco da fé e da vida dos participantes dos encontros;

c) celebração: encontros com familiares e responsáveis configuram mais que uma reunião de pessoas e, por causa da fé que estão transmitindo aos catequizandos, estes encontros assumem caráter festivo, algo que realmente é levado a sério, pois reconhecem a importância da presença de Deus em suas vidas.

A ligação estreita que existe entre experiência, valores e celebração nos permite formular uma espécie de lei estrutural da comunicação religiosa: aquilo que não é celebrado não pode ser apreendido em sua profundidade e em seu significado para a vida (DNC, 2006, n. 116).

d) aprofundamento da Palavra de Deus: cada encontro com os familiares é uma oportunidade de ouvir e meditar a Palavra de Deus por meio da leitura orante da Bíblia. “A Palavra de Deus é não só uma boa nova para a vida privada das pessoas, mas também um critério de juízo e uma luz para o discernimento dos vários desafios que têm de enfrentar os cônjuges e as famílias” (AL, 2016, n. 227);

e) dimensão intelectual da fé: os encontros oferecidos para as famílias têm o objetivo de aprofundar as verdades da fé em Jesus Cristo, por meio de conteúdos que se relacionam com os itinerários dos catequizandos, mas abordados de acordo com a vida adulta e o modo de vida das pessoas. A catequese é uma educação da fé das crianças, dos jovens e dos adultos, a qual compreende especialmente um ensino da doutrina cristã, dado em geral de maneira orgânica e sistemática, com o fim de os iniciar na plenitude cristã (CT, 1980, n. 18);

f) dimensão simbólica da fé: para que as mensagens da fé sejam absorvidas em sua integralidade, é necessário unir o aspecto visível da criação com o invisível comunicado pela graça de Deus, de maneira que os encontros com os familiares sempre aconteçam a partir de um símbolo de referência para as partilhas e reflexões, que auxiliam na apreensão do conteúdo que se está transmitindo e ensinando no encontro;

g) bênção: os gestos e as palavras comunicam o valor que tem a fé, de modo que em cada encontro, catequistas e participantes unem suas preces na direção de Deus, pedindo proteção e bênção para que a caminhada na fé persevere diante das dificuldades e seja sinal da bondade e do amor divino nas realidades da vida.

A aplicação desses elementos pedagógicos acontece ao longo de todo o período em que as famílias participam dos encontros para aprofundar a fé em Jesus Cristo e contribuir com a educação da fé de seus filhos e filhas que percorrem os

itinerários específicos em vista da iniciação à vida cristã. E, como caráter de unidade na proposta do Projeto de Iniciação à Vida Cristã da Arquidiocese de Florianópolis, a colcha de retalhos também é a proposta metodológica para sustentar o processo caminhado com os catequizandos, considerando momentos de vida e a devida apresentação da mensagem cristã.

Destarte, seguem abaixo os elementos pedagógicos que costuram a colcha de retalhos durante o desenvolvimento dos encontros com os catequizandos, crianças e adolescentes, em processo de educação da fé.

4.3.2.2 A Colcha de Retalhos no Itinerário de Iniciação à Vida Cristã de crianças e adolescentes

Os encontros com catequizandos iniciam após uma caminhada anterior das famílias, de no mínimo, seis encontros. E, por meio da celebração de acolhida, os catequizandos são apresentados para a comunidade e iniciam a caminhada com seus catequistas. O processo de Iniciação à Vida Cristã tem previsão para ocorrer ao longo de cinco anos, período em que os catequizandos crescerão em estatura e na maturidade da fé. Para auxiliar nessa dinâmica de aprendizagem dos conteúdos da fé, os encontros dependem de alguns elementos pedagógicos que apresentaremos em seguida, conforme Figura 15.

Figura 15 – Colcha de retalhos no itinerário de crianças e adolescentes



Fonte: ARQUIDIOCESE, 2012c.

Os elementos pedagógicos do processo de aprendizagem dos conteúdos e maturidade na fé com crianças e adolescentes são:

a) alegria: permite perceber as diversas iniciativas de comunicação e de relação que temos à disposição para testemunhar e anunciar a fé que temos;

b) escuta: o hábito da escuta é desenvolvido com momentos de silêncio e contemplação, de modo que a fé possa despertar a partir da escuta fraterna das pessoas, da escuta atenta da Palavra de Deus e da percepção dos sons e das mensagens que chegam até nós no movimento da vida do dia a dia;

c) convivência: para seguir Jesus Cristo é preciso dar testemunho de acolhida e diálogo, e isto é possível por meio de gestos e palavras que nos aproximam daqueles que são diferentes de nós. Durante os encontros acontecem dinâmicas de interação e aprendizagem para despertar os catequizandos para o trabalho em equipe, cooperação e reconhecimento dos talentos e desafios de cada pessoa;

d) centralidade da Palavra de Deus: a Bíblia é o livro principal da catequese e de onde é possível ler as orientações para a nossa vida; com a ajuda da leitura orante da Palavra, catequistas e catequizandos meditam e aprendem qual o sentido para toda a caminhada na Iniciação à Vida Cristã a partir dos textos bíblicos de cada encontro;

e) conteúdo de forma circular: é um aspecto de metodologia que ajuda a despertar para o senso comunitário da fé, pois o conteúdo do encontro passa a ser assimilado pelos participantes com ajuda de palavras importantes que se repetem, pelas experiências de vida partilhadas ou conforme a dinâmica de entrosamento usada naquele encontro. “Assim, os textos bíblicos ou outros, as fórmulas, sempre que vieram à mente, virão carregadas de realidade contempladas, estudadas, vividas numa experiência de fé” (CR, 1983, n. 141);

f) conversão e crescimento: crescer na fé significa ter o coração aberto às mudanças que se apresentam necessárias à medida que crescemos no entendimento e no aprendizado de novos conteúdos; seguir Jesus é um desafio diário, portanto, uma proposta que ganha novo sentido a cada dia, sempre na direção do bem, da verdade, da justiça e do amor;

g) caminhada em vista da missão: a fé que descobrimos se concretiza quando é partilhada e colocada à disposição de outras pessoas, isto é, os catequizandos aprendem que para viver os ensinamentos de Jesus precisam colocar-se à disposição, pouco a pouco, daquelas pessoas que mais precisam.

A colcha de retalhos inclusa na proposta da Arquidiocese de Florianópolis ajuda a responder o desafio da conversão pastoral, sendo composta de sete elementos para os catequizandos: Alegria, Escuta, Convivência, Palavra de Deus, Conteúdo de forma circular, Conversão e crescimento na fé, Caminhada em vista da missão; e de outros sete elementos para as famílias: Motivação e proximidade, Acompanhamento e pertença, Celebração, Aprofundamento da Palavra de Deus, Dimensão intelectual da fé, Dimensão simbólica da fé, Bênção.

Quando vemos uma colcha de retalhos pronta, ela mostra o todo. Mas, com um pouco de atenção e dedicação é possível enxergar a beleza de cada detalhe. Uma colcha de retalhos é um todo composto de muitas partes. Só podemos dar o nome de colcha de retalhos quando percebemos cada parte, com sua identidade e beleza, ajudando a formar o todo. Uma colcha passa pelo processo de seleção do material, reparos de alguns pedaços de tecido e pela costura com uma linha forte para dar segurança à colcha inteira.

A colcha de retalhos é usada aqui como metáfora ou parábola, isto é, uma maneira lúdica de expressar a composição de uma obra ou uma realidade concreta, por exemplo, a Casa da Fé. Com a pedagogia da colcha de retalhos aprendemos a valorizar a pessoa humana como um ser de dignidade, com motivações, habilidades, forças e fraquezas. Por isso, cada catequizando e cada família são únicos, elementos principais, sem os quais a colcha não ficaria completa. E assim, catequistas e catequizandos, familiares e comunidade de fé, seguirão tecendo juntos a colcha da fé, guiados pela luz da Palavra de Deus.

Isto posto, a Palavra de Deus ganha centralidade com a metodologia da Casa da Fé, que tem como pedagogia o acompanhamento da fé por meio do Itinerário da Família. A colcha de retalhos é proposta como ferramenta de formação para catequistas e agentes de pastoral, porém, é antes de tudo, a soma e a partilha das realidades das famílias e seus filhos e filhas. A itinerância na fé realizada em perspectiva comunitária, ajuda a costurar cada retalho, que corresponde à beleza da vida concreta das famílias, com a linha da história da salvação que se desenrola por meio da leitura e da meditação da Palavra de Deus.

5 FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS E AGENTES DE PASTORAL

A implantação dos novos itinerários didáticos para educação na fé na caminhada de Iniciação à Vida Cristã acontece desde o ano de 2016 e, ainda, está em processo de consolidação, na Arquidiocese de Florianópolis. Ademais, este novo processo conta com o acompanhamento sistemático da Coordenação de Catequese para garantir que as estratégias de aplicação dos itinerários sejam aplicadas em sua integralidade.

Durante o período de implantação dos novos itinerários aconteceu também a capacitação de catequistas e agentes de pastoral dos diferentes serviços e forças vivas presentes na Arquidiocese de Florianópolis. Dessa forma, cumpriu-se com a meta de implementação da Pista de Ação 2 do 13º Plano de Pastoral: “Assumir em toda a Arquidiocese a iniciação à vida cristã, investindo na formação sistemática de todos os agentes pastorais” (2012a, n. 378).

De acordo com o planejamento da Arquidiocese de Florianópolis, o êxito de iniciativas pastorais, em vista de atender à 2ª Urgência: Igreja, Casa da Iniciação à Vida Cristã, só será possível quando as instâncias de decisão entender a necessidade de investimento na formação dos fiéis. O 13º Plano de Pastoral afirma que:

Para que aconteça uma verdadeira Iniciação à Vida Cristã é preciso o envolvimento de toda a comunidade. [...] Precisa ser uma prioridade a formação de todas as forças vivas, para tornar a evangelização mais efetiva, frutuosa e integrada num ‘projeto orgânico de formação’. A formação não se reduz a cursos, mas integra uma vivência comunitária, participação nos encontros oferecidos pela Arquidiocese, comarcas e paróquias, participação nas celebrações, interação com os meios de comunicação (sites, rádios, TV, jornais...) e inserção nas diferentes atividades da Arquidiocese (2012a, n. 313).

Nesses termos, percebe-se que a estratégia para a formação de catequistas e lideranças de pastoral tem como foco a vida em comunidade, isto é, a primazia da formação à fé cristã e do pertencimento à comunidade. Assim, pode-se inferir que o planejamento da formação de agentes pastorais responde ao crivo da conversão pastoral que leva em conta a experiência da comunidade, como fonte, meta e realização da educação permanente da fé.

Neste sentido, busca-se identificar as propostas de formação para catequistas, e, para todas as pessoas envolvidas nos processos de educação da fé,

emanadas pelos Diretórios de Catequese e nas propostas da Arquidiocese de Florianópolis, a fim de verificar a contribuição na implantação dos novos itinerários didáticos em uso desde 2016.

5.1 A FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS PARA A AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA

Diante das mudanças das últimas décadas, é preciso atualizar o conteúdo e as formas de comunicação na evangelização. Por esse motivo, cada Igreja particular precisa desenvolver um projeto de formação para catequistas e lideranças em geral, em vista da edificação do Reino de Deus. Neste sentido, afirma Dom Juventino Kesting:

Para a Igreja, formar é mais do que repassar conteúdos para a aquisição do saber. É ajudar o ser humano a ser mais gente, a realizar-se como pessoa humana e absorver novos conhecimentos, em especial na área bíblica, nos sacramentos, na missão do cristão na sociedade (2016, p. 135-136).

A educação da fé, sistemática e progressiva, depende em muito do conhecimento e da formação de catequistas, lideranças e dos responsáveis pelo acompanhamento de famílias e catequizandos. Do mesmo modo, o testemunho concreto por meio das obras da fé reflete a maturidade em Cristo, que toda pessoa batizada é chamada a dar.

As necessidades de desenvolver sempre mais os conteúdos da fé cristã estão articuladas ao princípio de interação fé e vida proposto pelo Documento Catequese Renovada.

Na Catequese realiza-se uma *inter-ação* (= um relacionamento mútuo e eficaz) entre a experiência de vida e a formulação da fé; entre a vivência atual e o dado da Tradição. De um lado, a experiência da vida levanta perguntas; de outro, a formulação da fé é busca e explicitação das respostas a essas perguntas. De um lado, a fé propõe a mensagem de Deus e convida a uma comunhão com ele, que ultrapassa a busca e as expectativas humanas; de outro, a experiência humana é questionada e estimulada a abrir-se para esse horizonte amplo (CR, 1983, n. 113).

De tal modo, o uso de novos itinerários didáticos para a educação da fé de crianças e adolescentes, como no caso da Arquidiocese de Florianópolis, deve ser orientado a fim de que os conteúdos previstos tenham ligação direta com a experiência de vida dos catequizandos. Dessa maneira, a interlocução dos

conteúdos com os itinerários dos catequizandos necessita ser feita por catequistas e lideranças capacitadas, onde os conteúdos sejam apresentados, explicados e vivenciados conforme a capacidade de recepção da mensagem de fé dos interlocutores.

E sobre a elaboração de novos itinerários para a catequese, o Diretório Catequético Geral ensina que:

Qualquer atividade pastoral, para a qual não existam pessoas dotadas de sólida formação e preparação, necessariamente [sic] há de ser ineficaz. Os próprios instrumentos de trabalho não podem ter eficácia, se não forem empregados por catequistas bem formados. Por isso, uma adequada formação dos catequistas deve preceder a renovação dos textos e a reorganização da catequese a transmitir (DCG, 1971, n. 108).

A partir do princípio de interação fé e vida e das reflexões acerca da aplicação de novos itinerários didáticos para a educação da fé, buscar-se-á pistas e sugestões de temas para a formação de catequistas tendo como base os diretórios para a catequese, em nível universal e nacional.

5.1.1 A formação de catequistas nos Diretórios da Santa Sé

A tradição de Diretórios de Catequese conta com três edições, que mencionamos no primeiro capítulo, e cada uma delas apresenta temas para a formação de catequistas, considerando seu contexto de elaboração e os desafios para a evangelização em cada época.

O Diretório Catequético Geral, de 1971, composto de seis partes, traz em sua Parte VI, Capítulo III, o tema “A formação catequética”, onde aborda o tema da formação em geral dos fiéis leigos e leigas, dos lugares e instâncias de formação e dos temas a serem oferecidos na formação permanente de catequistas.

O Diretório Geral para a Catequese, de 1997, composto de cinco partes, apresenta em sua Parte V, Capítulo II, o tema “A formação para o serviço da catequese”, e enfatiza as dimensões da formação de catequistas, destacando finalidades, critérios e o uso das ciências humanas na formação de catequistas.

O Diretório para a Catequese, de 2020, composto de três partes, propõe em sua Parte I, Capítulo IV, o tema “A formação dos catequistas”, conectado ao tema da comunidade como o lugar e conteúdo privilegiado para a formação de catequistas, e

contempla a finalidade e os critérios para formação permanente no contexto da nova evangelização.

Descrevemos a seguir, de maneira breve, as inspirações que cada diretório oferece para os nossos dias, em vista de uma oferta de formação integral e integradora para catequistas e lideranças em geral, no contexto da iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal.

5.1.1.1 Diretório Catequético Geral – 1971 – Adultos e a experiência de fé

O Diretório Catequético Geral foi a resposta concreta ao pedido conciliar de elaboração de orientações gerais para a catequese em vista de renovar a evangelização porque “os homens de nossa época colocam novas questões acerca [sic] do sentido da vida e da importância da vida” (DCG, 1971, n. 2). E, diante das indagações, é preciso oferecer respostas que iluminem as pessoas a descobrirem suas opções fundamentais em vista da realização plena de suas vidas.

Neste sentido, em matéria de fé, o Diretório Catequético Geral (1971) ofereceu algumas indicações concretas sobre os conteúdos necessários para a formação de catequistas no contexto da atualização necessária para o diálogo da Igreja com a sociedade. Destacamos, porém, a condição imposta pelo Diretório, em vista de organizar conteúdos e modalidades de formação de catequistas:

O ponto alto e o centro da formação catequética residem na aptidão e habilidade para comunicarem a mensagem evangélica. [...] Os conhecimentos doutrinários, porém, não constituem o termo [sic] da formação. Pois a formação está completa quando o catequista é capaz de escolher a melhor forma de comunicar a mensagem evangélica aos grupos e pessoas que vivem em condições sempre diversas e particulares (1971, n. 111).

Para atender ao apelo central de transmitir a mensagem evangélica de salvação à humanidade e à criação inteira, o Diretório chama atenção para a necessidade de que os aspectos teológico-doutrinal, antropológico e metodológico sejam devidamente contemplados nos momentos de formação de catequistas e lideranças, bem como no itinerário de fé das pessoas em processo de catequese. Assim, quer garantir que a educação da fé contemple o dado experiência de vida e de fé das pessoas, sem que algum dos aspectos prevaleça, para que a mensagem

da fé seja acolhida, vivida e transmitida em qualquer ambiente e por todas as pessoas disponíveis ao dom do Espírito Santo.

Quando se fala em 'mensagem da catequese', estamos nos referindo à experiência de Deus, que revela para seus filhos e filhas seu amor, sua misericórdia e sua ternura. O Evangelho é a mensagem de Jesus para todos nós. Mais do que palavras, é a própria pessoa de Jesus que está se revelando e entrando em comunicação conosco. A mensagem é sempre uma relação de diálogo, de escuta, de proposta e de resposta. Quem transmite a mensagem, diz algo mais do que doutrina. A mensagem não se propõe e nem se limita a ideias. Exige uma resposta, pois é interpelação entre aquele que propõe e aquele que responde. Assim, a mensagem é vida (KESTERING, 2016, p. 179).

Desse modo, o Diretório afirma que o aspecto teológico-doutrinário deve “abranger um adequado conhecimento da doutrina católica e atingir o nível da teologia científica” (1971, n. 112a), porém, sempre em vista de favorecer a interpretação dos fatos da vida em relação aos conteúdos que são expostos a partir do depósito da fé da doutrina cristã, de modo que a “Sagrada Escritura seja como que a alma de toda esta formação” (1971, n. 112a).

Ao referir-se ao aspecto antropológico, o Diretório destaca a importância que as ciências humanas têm na formação de catequistas, que à época, cresciam cada vez mais sistematizadas e com forte contribuição para as relações humanas e sociais. “Como se trata de instruir não especialistas em psicologia, mas catequistas, a norma a seguir é esta: separar e escolher aquilo que pode ajudá-los diretamente a adquirirem a capacidade de comunicação” (1971, n. 112b). Neste sentido, todo serviço das ciências humanas está na condição de subsídio para a promoção humana e dos saberes.

E ainda, o Diretório orienta sobre o aspecto metodológico na formação de catequistas, destacando que todo conhecimento depende do equilíbrio entre os elementos teóricos e as situações concretas onde o conteúdo de fé é colocado em prática (1971, n. 112c). Dom Juventino Kesting afirma que “a mensagem evangélica é sempre uma atitude possível de ser alcançada pelas atitudes diárias, que pela linguagem de fé traduzimos em testemunho concreto de fé” (2016, p. 180).

A partir do exposto, constata-se que o princípio de interação fé e vida, estabelecido no Documento Catequese Renovada, de 1981, encontra seu sustento e modelo inspirador nas orientações metodológicas do Diretório Catequético Geral, de

1971, que deu impulso para uma catequese de valorização das experiências de fé da pessoa adulta.

5.1.1.2 Diretório Geral para a Catequese – 1997 – Pedagogia da fé

O Diretório Geral para a Catequese (1997) caracteriza-se pela sistematização das orientações para a catequese emanadas na publicação do primeiro Diretório, nos documentos *Evangelii Nuntiandi*, de 1974, *Catechesi Tradendae*, de 1979, e *Catecismo da Igreja Católica*, de 1992, destacando-se pela exposição de temas que pedem da Igreja a postura de diálogo com as novas culturas, lugares de anúncio do Evangelho, sem descuidar das Igrejas de antiga evangelização, para que recuperem o ardor missionário e a opção fundamental pelo Evangelho de Cristo.

Na abertura de sua Parte V, o Diretório Geral para a Catequese afirma que “a formação dos catequistas, analisada no capítulo II, é um elemento decisivo na ação catequizadora. Se é importante dotar a catequese de válidos instrumentos, mais importante ainda é preparar catequistas idôneos” (2009, p. 219). A contribuição da nova edição do Diretório para a formação de catequistas está diretamente ligada à organização dos conteúdos necessários à formação com foco na inspiração catecumenal. Destarte, a finalidade da formação é:

Levar o catequista a saber animar eficazmente um itinerário catequético no qual, através das necessárias etapas, anuncie Jesus Cristo; faça conhecer a sua vida, enquadrando-a na totalidade da história da salvação; explique o mistério do Filho de Deus, feito homem por nós; e, enfim, ajude o catecúmeno ou o catequizando a identificar-se com Jesus Cristo, mediante os Sacramentos da iniciação. Na catequese permanente, o catequista não faz outra coisa senão aprofundar estes aspectos basilares. Essa perspectiva cristológica incide diretamente sobre a identidade do catequista e na sua preparação (DGC, 2009, n. 235).

Com estas orientações, percebemos a maneira de a Igreja investir qualitativamente na formação de catequistas visando a restauração do catecumenato, não apenas para a iniciação de novos membros na comunidade eclesial, mas também para os já iniciados, tendo no centro a pessoa de Jesus Cristo e o projeto de salvação do Pai.

Para este itinerário formativo, que é o mesmo itinerário de iniciação na fé apontado no Diretório de 1971, esta edição propõe os mesmos conteúdos, a saber: os aspectos teológico-doutrinal, antropológico e metodológico.

A novidade para o conteúdo do aspecto teológico-doutrinal é a exigência da sistematização orgânica dos temas: “- as três grandes etapas da história da salvação: Antigo testamento, vida de Jesus Cristo e a história da Igreja; - os grandes núcleos da mensagem cristã; Símbolo, liturgia, vida moral e oração (DGC, 2009, n. 240).

Quanto aos aspectos antropológicos, o Diretório acena para a necessidade do conhecimento e do diálogo constante com o “contexto sociocultural em que o homem vive e pelo qual é fortemente influenciado” (2009, n. 242). Para isso, indica alguns temas da psicologia, por exemplo, estruturas de personalidade, ciclos evolutivos e a experiência religiosa, sejam incluídos na formação de catequistas (2009, n. 242).

Sobre o aspecto metodológico, o Diretório Geral para a Catequese corrobora a necessidade de a formação de catequistas pautar-se na pedagogia da fé, enquanto caminho progressivo de experiência com Deus, mediado pelos sinais da fé, elementos da natureza e atitudes e palavras humanas.

Outra dimensão igualmente importante é a habilidade do catequista em planejar, desenvolver e avaliar sua atuação como educador da fé e mediador da graça divina tendo como meta a maturidade humana (DGC, 2009, n. 244). Por fim, ainda sobre a metodologia para formar catequistas, o Diretório insiste que “a formação deve ser muito próxima da prática: é preciso partir desta para chegar àquela” (2009, n. 245), isto é, a dimensão prática da fé, assimilada progressivamente na convivência fraterna e nas celebrações, conduz à maturidade de Cristo.

Considera-se que esses aspectos para formação de catequistas são propostos pelo Diretório sob a forma de dimensões da formação: o ser, o saber e o saber fazer. Ao ser relaciona-se o aspecto teológico-doutrinal, para que o catequista se compreenda crente e em relação com Deus; ao saber, refere-se o aspecto antropológico, oferecendo ao catequista as dimensões de relação com as pessoas como interlocutoras da mensagem divina; e ao saber fazer relaciona-se o aspecto metodológico, tornando a pessoa do catequista, com gestos e palavras, capaz de comunicar e testemunhar a fé.

Nesta edição, o Diretório ainda não contempla a dimensão do conviver, que já estava em uso nas ciências pedagógicas da época. Com o desenvolvimento de novas experiências de formação de catequistas com a ajuda valorosa das ciências

humanas, apenas no Diretório lançado em 2020 que a dimensão da relação foi incluída no perfil de catequista.

5.1.1.3 Diretório para a Catequese – 2020 – Catequista discípulo missionário

O Diretório para a Catequese, recentemente lançado, segue na esteira de organizar os conteúdos para a formação de catequistas na estrutura das dimensões já compiladas pelo Diretório antecessor, de 1997. A novidade desta recente edição concentra-se na perspectiva missionária, especialmente no magistério de Francisco sob o impulso da Igreja em saída, a que é chamada a Igreja inteira. O objetivo do Diretório para a Catequese é que os catequistas possam se compreender como “verdadeiros *discípulos missionários*, ou seja, sujeitos ativos na evangelização e, com base nisso, habilitados pela Igreja a comunicar o Evangelho e acompanhar e educar a fé” (2020, n. 132, grifo do autor).

Para alcançar este objetivo, o Diretório acrescenta entre as dimensões, o perfil relacional do catequista. Ou seja, além do ser, saber e saber fazer, cada catequista precisa identificar sua capacidade de *saber ser com*, e para isso, as ofertas e os programas de formação de catequistas precisam ajudar a desenvolver esta dimensão relacional garantindo a mensagem evangélica em perspectiva missionária, sempre reconhecendo que a Igreja conta com as pessoas e suas limitações humanas. Por isso, investir na formação de catequista, de acordo com este Diretório, é uma oportunidade premente para ajudar a “amadurecer como pessoa, como fiel e como apóstolo. Essa dimensão é hoje também traduzida na capacidade de *saber ser com*, o que revela como a identidade pessoa é sempre uma identidade relacional” (2020, n. 136, grifo do autor).

Além desta novidade no tocante às dimensões da formação de catequistas, o Diretório para a Catequese também introduz seis critérios “que servem de inspiração para projetos formativos. Uma vez que é necessário harmonizar, com sabedoria, a devida atenção para com as pessoas e as verdades da fé” (2020, n. 135). Em seguida, faremos referência a cada um dos critérios, de maneira sucinta, entendendo que caberá às coordenações de dioceses, paróquias e centros de formação a organização e escolha dentre os critérios, mas reforçamos a necessidade de contemplá-los de maneira integral e em relação contínua entre si.

O primeiro critério é a *espiritualidade missionária e evangelizadora*, “entendida como encontro com os outros, compromisso com o mundo e paixão pela evangelização” (DC, 2020, n. 135a, grifo do autor); um catequista discípulo missionário sabe-se preenchido da alegria de ter encontrado Jesus em sua vida e desejar apresentá-lo às demais pessoas. Para isso, é preciso decidir-se pelas implicações de compromisso com a fé e da responsabilidade com o projeto do Reino de Deus.

O segundo critério de um itinerário de formação de catequistas é a *formação integral* (DC, 2020, n. 135b, grifo do autor), acolhendo da inspiração catecumenal a visão geral da vida cristã, com seus aspectos de encanto e adesão a Jesus Cristo, aprofundamento de seus ensinamentos, cultivo da espiritualidade e dos sacramentos, sempre em íntima relação com a prática de vida, onde a mensagem do Evangelho se concretiza e dá sentido para as decisões cotidianas.

O terceiro critério é o *estilo de acompanhamento*, que é certamente uma inovação tanto de critério quanto de metodologia pastoral. O Diretório afirma que:

A novidade à qual o catequista é chamado se encontra na proximidade, no acolhimento incondicional e na gratuidade com que ele se faz disponível a caminhar junto com os outros para escutá-los e para explicar as Escrituras (Lc 24,13-35; At 8,26-39), sem previamente estabelecer um percurso, sem pretender ver os frutos e sem os reter para si (DC, 2020, n. 135c).

A formação de catequistas precisa despertar essa arte do acompanhamento em dois sentidos, tanto para que os catequistas aprendam a acompanhar catequizandos e familiares no despertar da fé e seguimento de Jesus Cristo, quanto na disponibilidade de o catequista deixar-se acompanhar por outro catequista ou alguma pessoa da comunidade, para crescerem na confiança, na partilha de vida e no aprofundamento da fé.

O quarto critério trata da *coerência entre os estilos formativos* (DC, 2020, n. 135d, grifo do autor), buscando a coerência entre as metodologias e pedagogias desenvolvidas pelas ciências humanas e a pedagogia da fé, disponível na história da salvação e acessível pelas Escrituras. Também a formação de catequistas precisa percorrer uma pedagogia própria de aprofundamento dos principais temas da fé, relacionando-os com o contexto e maturidade dos interlocutores.

O quinto critério é expresso como perspectiva da *docibillitas e da autoformação* (DC, 2020, n. 135e, grifo do autor), que traduzimos como aquela

formação que desperta e continua a partir da realidade cotidiana da vida, com responsabilidade humana e confiança na graça divina, de maneira que os conteúdos da fé são aplicados na vida pessoal e na relação com a comunidade. Desse modo, a autoformação não significa o fechamento ou redução casuística, mas a abertura para as mediações do cotidiano, seja pela criação, pelas relações habituais com as pessoas e pela busca pessoal de construir cada dia um pouco mais o Reino de Deus.

O sexto critério apresentado pelo Diretório para a Catequese é a *dinâmica de laboratório no contexto de grupo* (2020, n. 135f), que entendemos também como uma novidade, ou melhor, uma elevação do sentido de ser catequista para aprender com os demais, na troca de experiências, na partilha de vida e no cuidado com quem é catequista comigo na comunidade.

A história da salvação foi escrita por homens e mulheres sensíveis à ação do Espírito Santo em cada contexto e período histórico, que nos deixaram um legado espiritual e de conteúdo imensos, mas que apenas será acessado na sintonia e abertura ao mesmo Espírito, memória do povo de Deus, que nos recorda todas as coisas (Jo 14,6).

Destarte, estes ensinamentos dos Diretórios da Igreja universal estão à disposição das Igrejas particulares em vista da adequada formação de catequistas em cada época e lugar. Cabe-nos acolher estas recomendações, em atitude humilde e de conversão, melhorar sempre mais as oportunidades de aprofundamento da fé e de formação das pessoas que se doam pela causa do Evangelho.

5.1.2A pessoa de Jesus Cristo: meta da formação de catequistas

O Diretório Nacional de Catequese foi aprovado em 2005, pela 43ª Assembleia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, e, em 2006, pela Congregação para o Clero. Assim, com a aprovação da Sé Apostólica, o Diretório Nacional de Catequese quer ser um instrumento de orientação e referência para a catequese da Igreja no Brasil.

Ele representa um impulso para novos e significativos passos, principalmente rumo a um maior aprofundamento e criatividade na própria ação catequética. E aqui é importante mencionar, entre outras abordagens, a catequese bíblica, litúrgica, inculturada e fortalecedora da eclesiologia de comunhão e participação; a catequese com adultos e a catequese com forte

carga evangélica para a transformação da sociedade, segundo a Doutrina Social da Igreja (DNC, 2006, p. 7-8).

Nesse intento, a formação de catequistas proposta pelo Diretório Nacional de Catequese recolhe a tradição dos anteriores, Diretório Catequético Geral, 1971, e Diretório Geral para a Catequese, 1997, das reflexões do Sínodo para a Catequese, 1977, que culminou na Exortação *Catechesi Tradendae*, 1979, e das contribuições do Documento Catequese Renovada, 1981. “Mesmo assim, o DNC não é um documento acabado, porque a catequese é dinâmica, criativa, atenta às necessidades, desafios e potencialidades do mundo e da Igreja” (DNC, 2006, p. 8)

Destacamos, portanto, que o Diretório Nacional de Catequese recomenda que a fonte e a meta de toda proposta formativa do catequista é a pessoa de Jesus Cristo:

A fonte inspiradora da formação de catequistas é Jesus Cristo. É Ele que convida: “Vinde e Vede” (Jo1,39) e propõe maior profundidade, mais audácia no compromisso: “Avança mais para o fundo, e ali lançai vossas redes para a pesca (Lc 5,4). É Ele mesmo que se apresenta como Mestre, Educador e Servidor: “Se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros (Jo 13,14) (DNC, 2006, n. 253).

A formação, portanto, precisa ter em sua base o encontro com Jesus Cristo e seu projeto de vida em plenitude. Aquilo que será o conteúdo e mensagem da catequese, precisa ser antes uma experiência concreta de fé e adesão à pessoa de Jesus. “O discípulo é alguém apaixonado por Cristo, alguém reconhece como mestre que o conduz e acompanha” (DAp, 2007, n. 277).

Partindo do encontro com Cristo e impulsionado pela ação do Espírito Santo, o catequista estará capacitado para “comunicar e transmitir o Evangelho com convicção e autenticidade” e “crescer de forma permanente na maturidade da fé, com clareza de fé, de identidade cristã e eclesial, e com sensibilidade social” (DNC, 2006, n. 255). Em vista dessas características, afirmamos a necessidade de que os projetos de formação de catequistas prezem pela progressividade dos conteúdos, integrando as dimensões do ser, do saber, do saber fazer e do saber conviver. Embora esta quarta dimensão também não tenha sido contemplada no Diretório Nacional de Catequese, faz-se mister a dimensão relacional da pessoa para a educação da fé.

No Diretório Nacional de Catequese as dimensões são identificadas como perfil do catequista da seguinte maneira: a) quanto ao ser, espera-se do catequista a revelação de seu rosto humano e cristão, enquanto “pessoa que ama viver e se sente realizada. Assume seu chamado com entusiasmo e como realização de sua vocação batismal. [...] Pessoa que sabe ler a presença de Deus nas atividades humanas” (2006, n. 262.265); b) para o saber do catequista, indica-se um itinerário formativo que contemple o acesso ao estudo da Palavra de Deus, o aprofundamento da doutrina e do núcleo da fé cristã e o devido acompanhamento das mudanças que acontecem na sociedade (2006, n. 269); c) e o saber fazer reforça as questões de método para a educação da fé e da comunicação da mensagem evangélica. Destacamos neste último, o tema do planejamento na catequese, para que seja contemplado no percurso de formação de catequistas como uma ferramenta para organizar a peregrinação na fé no decurso do tempo (2006, n. 270-276). O saber ser com, que estimula a dimensão relacional do catequista, indicado pelo Diretório para a Catequese, de 2020, embora ausente no perfil do catequista no Diretório Nacional de Catequese, é uma prática já contemplada na Arquidiocese de Florianópolis, que apresentaremos em seguida.

Ademais, o Diretório Nacional de Catequese cita os espaços, isto é, os lugares concretos onde a formação de catequistas ocorre, destacando inicialmente a formação cotidiana ao longo da vida. O Diretório afirma ainda que “no processo formativo, em primeiro lugar se coloca a comunidade cristã. Ela é fundamental, tanto para a formação dos catequistas como para a permanência do catequizando, como membro da Igreja” (2006, n. 278).

A experiência de comunidade, de acordo com o Diretório Nacional de Catequese, é feita desde a família, espaço privilegiado para a formação (2006, n. 281), e se desenvolve sempre mais na articulação de momentos de formação específica em níveis paroquial, diocesano e outros. E, além disso, a experiência comunitária da fé acontece no convívio diário em que as relações humanas precisam revelar o sentido de acreditar e seguir Jesus Cristo.

5.2 A FORMAÇÃO DE CATEQUISTA NA ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS

A Coordenação de Catequese da Arquidiocese de Florianópolis, em vista da aprovação do 13º Plano de Pastoral, em 2012, atualizou sua proposta de formação

de catequistas, organizando conteúdos que ajudassem a cumprir com o estabelecido no Projeto de Iniciação à Vida Cristã que previa a elaboração de itinerários didáticos para a educação na fé.

A segunda pista de ação da 2ª Urgência: Igreja Casa da Iniciação à Vida Cristã propõe três atividades específicas sobre a formação: “4. Formação sistemática de catequistas sobre a Iniciação à Vida Cristã; 5. Encontros de formação com catequistas de batismo adultos e noivos; 6. Escola de Formação Catequética para Multiplicadores” (2012a, p. 144). Dentre os temas destas atividades de formação, citamos a dimensão bíblico-catequética, os estudos sobre liturgia e doutrina, a inspiração catecumenal a partir do RICA e os temas relacionados à pedagogia e a metodologia (2012a, p. 144).

A partir do do planejamento da Arquidiocese de Florianópolis, discorreremos a seguir sobre a Escola de Formação Catequética para Multiplicadores (ECAM) e dos conteúdos oferecidos durante o período de elaboração de novos itinerários didáticos e na sequência, as formas de apoio e acompanhamento na implantação dos itinerários.

5.2.1 A Escola Catequética de Multiplicadores

A Escola Catequética de Multiplicadores, como é conhecida a ECAM, existe na Arquidiocese de Florianópolis desde 1998 e, tem como objetivo oferecer uma formação sistemática para catequistas (ECAM, 2013, p. 1). O período de formação é de três anos, com uma proposta pedagógica bem definida a partir de conteúdos e temas voltados ao específico da Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal.

Na justificativa do projeto de revisão da ECAM le-se que “a Igreja presente no mundo, necessita apresentar um válido serviço de Evangelização diante das constantes mudanças que desafiam o homem e a mulher modernos” (2013, p. 3). Dessa forma, o objetivo da ECAM é “promover uma formação permanente, sistemática e comunitária de catequistas, na caminhada da Iniciação à Vida Cristã, tendo presente a Palavra, a Celebração e a Missão, favorecendo um verdadeiro encontro com a pessoa de Jesus Cristo” (2013, p. 3).

A Escola é organizada na forma de módulos, sendo que a cada três anos os conteúdos voltam a ser abordados na ECAM com a devida reformulação. No final de cada ano é realizada uma avaliação com os participantes sobre o percurso de

formação. A partir do feedback dos participantes é possível fomentar novos conhecimentos e agregar novos elementos metodológicos com a ECAM, registrando as experiências e sugestões de temas e metodologias utilizadas. Além da estratégia de avaliação continuada, “após cada encontro, os participantes recebem um resumo, em forma de carta, para que possam partilhar, com outros catequistas, o conteúdo refletido, em sua paróquia e comunidade” (2013, p. 1). Com essa metodologia, busca-se multiplicar os conhecimentos na comunidade com o grupo de catequistas e outras lideranças. Essa ação justifica o nome da Escola Catequética de Multiplicadores.

A seguir, evidenciamos alguns critérios que identificamos no Projeto desta Escola, que mostram que é possível cumprir com a tradição dos Diretórios na prática e, ao mesmo tempo, essa nos remete à reflexão dos documentos da Igreja:

1. Que a Palavra de Deus seja a fonte inspiradora no processo de formação dos catequistas.
2. Que o processo formativo tenha a mística e a espiritualidade como força propulsora.
3. Que a formação esteja atenta a uma evangelização inculturada, considerando a realidade sócio [sic], econômica, política e cultural. [...]
5. Que os conteúdos e a metodologia tenham como ponto de partida as experiências pessoais e comunitárias, estabelecendo um processo participativo de organização, planejamento e avaliação (2013, p. 3).

Diante desses critérios e dos demais relacionados à perseverança e à autoformação, seguiremos com a relação dos temas e conteúdos que compõem o programa de formação de catequistas da ECAM no período em que está em vigor o 13º Plano de Pastoral. A apresentação será em forma de triênios, conforme a estrutura da ECAM, para facilitar as observações posteriores.

Quadro 3 – Temas da ECAM para 2012-2014

Mês	Conteúdo		
	2012	2013	2014
Março	Acolhida: relacionamento interpessoal	Mística e espiritualidade do catequista	As variadas formas de comunicação na catequese
Abril	Chamado e missão do catequista como discípulo missionário	Iniciação à Vida Cristã – do querigma à mistagogia	Documentos principais ligados à catequese
Maio	Nossa profissão de fé: Credo	Deus Trindade	O mistério pascal de Jesus Cristo, centralidade da vida cristã
Junho	Introdução aos sacramentos	Sacramentos de Iniciação – Batismo, Crisma e Eucaristia	Ritos litúrgicos, cantos e celebrações

Julho	Metodologia catequética	Psicopedagogia catequética	Planejamento - Projeto e avaliação
Agosto	Bíblia: Antigo Testamento	Bíblia: Aliança – Os Dez Mandamentos e o mandamento do amor	Bíblia: Livros sapienciais com destaque aos salmos
Setembro	Bíblia: Novo Testamento – Os 4 Evangelhos	Bíblia: Atos dos Apóstolos – Igreja ontem e hoje	Bíblia: cartas paulinas

Fonte: O autor.

Seguindo as indicações das dimensões da formação de catequistas, de maneira breve podemos considerar que, no primeiro ciclo de formações após aprovação do 13º Plano de Pastoral, Quadro 3, a ECAM investiu consideravelmente na dimensão do ser, proporcionando o acesso à formação bíblica para testemunhar a fé e, seguindo com os temas teológicos, formando catequistas para serem mestres que ensinam a fé (DGC, 2009, n. 240).

No Quadro 3, abaixo, observa-se que os encontros de formação de catequistas seguiram no ritmo de dar apoio e acompanhar as questões mais práticas, e por isso, não menos importantes, no momento de conduzir os encontros com as famílias e catequizandos.

Quadro 4 – Temas da ECAM para 2015-2017

Mês	Conteúdo		
	2015	2016	2017
Março	Acolhida: relacionamento interpessoal	Encontros, celebrações da família e entregas	Entendimento do método: vivências e dinâmicas no Itinerário de Iniciação à Vida Cristã
Abril	Itinerário Catequético – Iniciação à Vida Cristã	Deus Trindade	Comunicação e Catequese
Maio	Introdução aos sacramentos	Iniciação à Vida Cristã – Batismo	Leitura Orante da Palavra nos Itinerários de Iniciação à Vida Cristã
Junho	Credo – Nossa profissão de fé	Psicopedagogia catequética	Mutirão de Formação Arquidiocesana: Dia 1 - O Dízimo na comunidade Dia 2 - Cristãos leigos e leigas
Julho	Metodologia catequética	Bíblia: Alianças no Antigo e no Novo Testamentos	Gestos e cantos no Itinerário de Iniciação à Vida Cristã
Agosto	Bíblia: Primeiro Testamento – Judaísmo: iniciação à palavra, aos ritos e festas	O caminho da espiritualidade	Liturgia: gestos e símbolos, sinais e palavras
Setembro	Bíblia: Segundo Testamento – Quem é Jesus: Evangelhos	Bíblia: Segundo Testamento – Atos dos Apóstolos: Igreja ontem e hoje	Iniciação à oração: tipos de oração no Itinerário de Iniciação à Vida Cristã

Fonte: O autor.

O segundo ciclo de temas da ECAM foi desenvolvido em paralelo com os primeiros anos da implantação dos novos itinerários. De acordo com os temas, este ciclo valorizou o saber fazer do catequista, por meio de encontros que ajudaram a desenvolver e a estimular a compreensão das novas práticas que os itinerários propõem no caminho de iniciação à vida cristã.

O exercício vivenciar o conteúdo em vista da apropriação também fora indicado pelo Diretório Geral para a Catequese (2009, n. 245) quando ressalta que o catequista também precisa partir da prática para integrar conteúdos e novos elementos em sua formação.

No Quadro 3 destacam-se outras temáticas relacionadas à inspiração catecumenal, querigma e mistagogia, além da inserção da inclusão e diversidade dada a problemática acerca dele e a necessidade de formação do catequista. Isso demonstra a necessidade de atualizar os temas da formação de catequistas de acordo com as realidades das comunidades.

Quadro 5 – Temas da ECAM para 2018-2020

Mês	Conteúdo		
	2018	2019	2020
Março	A centralidade da Palavra de Deus na Quaresma e na Mistagogia	Metodologia da Iniciação à Vida Cristã	O anúncio de Jesus Cristo e a história da salvação
Abril	Entendimento psicopedagógico dos ritos na iniciação à vida cristã	Anúncio de Jesus Cristo	Vivência com memória dos Tempos e Etapas da inspiração catecumenal
Maio	Mutirão de Formação Arquidiocesana: Dia 1 – Igreja em estado permanente de missão Dia 2 – Igreja lugar de animação bíblica da vida e da pastoral	Inclusão e diversidade	Psicologia das idades
Junho	Mistagogia no Itinerário de Iniciação à Vida Cristã	O Credo Cristão	Vivência e memória da metodologia dos encontros com catequizandos
Julho	Conteúdos da fé cristã: Catecismo da Igreja Católica	Liturgia e Ano Litúrgico	A oração e a espiritualidade do catequista a partir da leitura orante
Agosto	Vivência sacramental na vida do cristão e da cristã	Celebrar a fé em comunidade	Acompanhar as famílias a partir da Exortação <i>Amoris Laetitia</i>
Setembro		Discípulos missionários de Jesus Cristo – Doc 107 da CNBB	Vivência das celebrações no processo de iniciação à vida cristã

Fonte: O autor.

O terceiro ciclo dos conteúdos da ECAM também teve foco a dimensão do saber fazer do catequista, contemplando também temas bíblicos e teológicos. E além destes, os temas que tocam ao *saber ser com* do catequista. Além disso, a realização presencial da ECAM foi interrompida em 2020 pelas medidas de restrição e prevenção contra a pandemia do novo coronavírus – SARS-COV-2. Em decorrência, apenas o primeiro tema foi desenvolvido na modalidade presencial com os grupos de catequistas e a Coordenação de Catequese passou a dar suporte e orientações para as atividades com catequizandos permanecerem na modalidade remota (online).

Neste ínterim, a Coordenação de Catequese também reorganizou os temas e os recursos para que a formação de catequistas a fim de que tivesse continuidade mesmo na modalidade remota. A ECAM passou a ser formatada e ofertada em nas redes sociais por meio de vídeos contendo três partes: a) leitura orante da Palavra, b) conteúdo de aprofundamento e c) reflexão sobre a prática do conteúdo no contexto dos itinerários de iniciação à vida cristã.

A partir de julho de 2020 teve início a modalidade virtual da ECAM, com episódios publicados em redes sociais semanalmente, sendo que em cada semana foi desenvolvido um conteúdo (etapa) diferente. Os temas desenvolvidos pela ECAM em modo virtual foram: 1 – metodologia dos encontros com as famílias (etapas de 01 a 13); 2 – sacramento do Batismo (etapas de 14 a 18); 3 – sacramento da Confirmação (etapas 19 a 22); 4 – sacramento da Eucaristia (etapas 23 a 27); 5 – espiritualidade de catequistas (etapas 28 a 31); 6 – Campanha da Fraternidade Ecumênica 2021 (etapas 32 a 35); 7 – metodologia dos encontros com os catequizandos (etapas 36 a 48); 8 – liderança à luz de São José (etapas 49 a 52). Até o mês de junho de 2021 foram 52 etapas ininterruptas de formação para catequistas e lideranças.

Enfatiza-se o caráter de criatividade e inovação desta iniciativa, pois no ano de 2020 os novos itinerários didáticos foram implantados por completo, percorrendo os cinco anos previstos para o itinerário de Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal. E, a continuidade da ECAM, em meio aos desafios da pandemia da COVID-19 possibilitou manter a unidade da proposta da Arquidiocese de Florianópolis. Da mesma forma, contribuiu na animação dos catequistas na preparação imediata dos sacramentos, diante da pouca adesão de famílias para os

encontros virtuais, dificuldades socioeconômicas das famílias que não dispunham de *internet* ou sequer de aparelho telefônico, famílias que potencializaram suas vulnerabilidades, entre elas, famílias de catequistas que acabaram se afastando da comunidade e do ministério da catequese.

Desse modo, o desafio da formação de catequista ganha novo sentido e nova necessidade de encontrar meios para garantir o ensino da fé sem deixar de lado as dinâmicas provocadas por fatores como no caso sanitário, mas também, econômico, político, social e cultural. O Documento Catequese Renovada nos recorda da importância de a formação ser contextualizada:

A formação deve ter o cuidado de não somente desenvolver a capacitação didática e técnica do catequista, mas também e principalmente sua vivência pessoal e comunitária da fé e seu compromisso com a transformação do mundo a fim de que a atuação do catequista nunca esteja separada do seu testemunho de vida (CT, 1983, n. 150).

Para efeito de registro da caminhada da ECAM durante a implantação dos itinerários didáticos elaborados, faremos referência a alguns subsídios produzidos para a condução dos encontros de formação, indicando suas principais contribuições.

5.2.2 Elaboração de subsídios para implantação dos novos itinerários

Os temas da Escola Catequética de Multiplicadores foram organizados na direção de serem suportes para a implantação dos novos itinerários didáticos para a educação da fé na Arquidiocese de Florianópolis. Por esse motivo, a Coordenação de Catequese investiu no estudo e na elaboração de subsídios para os encontros de formação sistemática e as formações paroquiais e encontros de catequistas nas comunidades.

Destacamos apenas alguns desses subsídios, que contribuem de maneira incisiva para a conversão da mente e das atitudes em vista da implantação de itinerários de inspiração catecumenal. Abordaremos os temas do espaço catequético, do conteúdo para o anúncio de Jesus Cristo, o querigma e os temas da doutrina presentes no Catecismo da Igreja Católica, especialmente o Credo.

A inspiração catecumenal caracteriza-se pela íntima conexão entre o conteúdo e o culto da fé. Educar e celebrar a fé são referências inseparáveis da iniciação à vida cristã. O Diretório Nacional de Catequese afirma que:

A catequese como educação da fé e a liturgia como celebração da fé são duas funções da única missão evangelizadora e pastoral da Igreja. A liturgia, com seu conjunto de sinais, palavras e ritos, em seus diversos significados, requer da catequese uma iniciação gradativa e perseverante para ser compreendida e vivenciada. [...] Os sinais litúrgicos são ao mesmo tempo anúncio, lembrança, promessa, pedido e realização, mas só por meio da palavra evangelizadora e catequética esses seus significados tornam-se claros (DNC, 2006, n. 120).

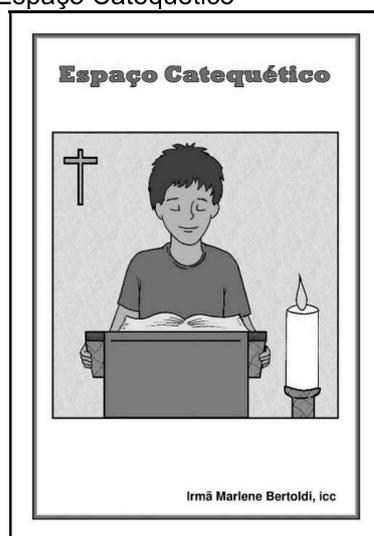
Dessa forma, o espaço litúrgico-catequético preza pela centralidade da Palavra de Deus, para fazer referência à escuta, contemplação e prontidão em relação a Deus que se comunica e dialoga conosco. A Bíblia, “livro de catequese por excelência” (CR, 1983, n. 154), é a fonte de onde todo catequista recolhe a história da salvação e transmite aos interlocutores por meio da exposição, da meditação e da celebração.

A inspiração catecumenal da catequese implica na revisão dos espaços onde acontece a catequese sistemática. O itinerário assim, não é compreendido apenas como o livro didático, mas o processo em si, que contempla as experiências com os símbolos, sinais e elementos da natureza.

Para isso, o subsídio apresentado na Figura 16, foi elaborado para despertar a sensibilidade, a criatividade e as maneiras específicas de conduzir a catequese em um ambiente que seja diferente do contexto escolar, e possa acolher cada pessoa com sua experiência de vida e, junto, caminhar nos passos da fé, mediados pela ação do catequista e pela inspiração do Espírito Santo.

O Diretório Nacional de Catequese exorta que “é tarefa fundamental da catequese iniciar eficazmente os catecúmenos e catequizandos nos sinais litúrgicos e através deles introduzi-los no mistério pascal” (DNC, 2006, n. 120). Assim, a aproximação ao ambão da Palavra, o contato com os espaços dedicados à leitura e de oração pessoal nos templos, são introduzidos no caminho de Iniciação à Vida Cristã, para tornar a catequese toda ela mais celebrativa e orante.

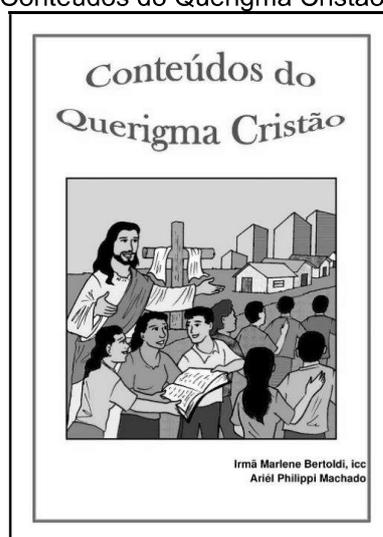
Figura 16 – Subsídio Espaço Catequético



Fonte: BERTOLDI, 2015.

A centralidade da Palavra de Deus na catequese é motivo para evidenciar o conteúdo primeiro e que dá sentido a todos os outros conteúdos da fé cristã: o querigma, núcleo da fé cristã. Para o estudo do tema do Pré-Catecumenato foi elaborado o subsídio apresentado na Figura 17. O Documento de Aparecida registrou a urgência de recuperar o querigma na formação dos fiéis e ensina que “o querigma não é somente uma etapa, mas o fio condutor de um processo que culmina na maturidade do discípulo de Jesus Cristo” (DAp, 2007, n. 278a). Na liturgia, essa mesma história é contada e celebrada, para manter a memória de Deus que busca e encontra a humanidade e quer conduzi-la de volta a si.

Figura 17 – Subsídio Conteúdos do Querigma Cristão



Fonte: ARQUIDIOCESE, 2016.

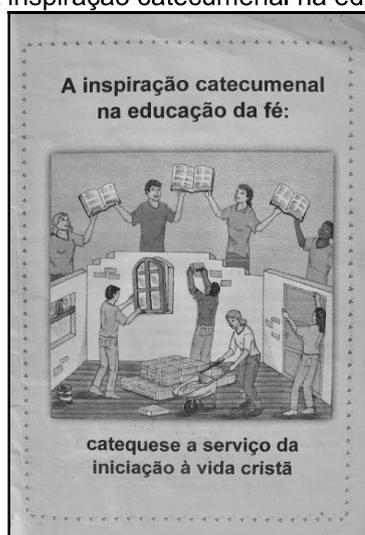
Com a ajuda do subsídio elaborado para a ECAM, apresentado na Figura 17, os conteúdos do querigma são apresentados aos catequistas, de maneira que possam crescer no entendimento das etapas da história da salvação e identificar a centralidade do mistério pascal de Jesus Cristo, sua paixão, morte e ressurreição como conteúdo central da fé cristã, que identificamos como o *querigma* cristão.

O Documento de Aparecida explica a função e necessidade do querigma na educação da fé quando afirma que sem a referência dele “os demais aspectos desse processo estão condenados à esterilidade, sem corações convertidos ao Senhor” (DAp. N. 278a). Dessa maneira, o aprofundamento dos conteúdos da fé cristã, conhecidos como o depósito da fé da doutrina, só ganham sentido quando lidos e explicitados em referência ao mistério pascal de Jesus Cristo.

A catequese querigmática é a postura renovada de dar significado novo e sempre vivo ao depósito da fé que encontramos sistematizados no Catecismo da Igreja Católica. A restauração da inspiração catecumenal solicitada pelo Concílio Vaticano II ainda está sendo efetivada aos poucos. Mas, já é possível admitir que a catequese é uma etapa no período de iniciação à vida cristã, bem como de toda a evangelização, estando sempre a serviço de uma postura maior que marca a experiência de fé e a vida de cada pessoa.

Bem cedo passou-se a chamar de catequese o conjunto de esforços empreendidos pela Igreja para fazer discípulos, para ajudar os homens a crerem que Jesus é o Filho de Deus, a fim de que, por meio da fé, tenham vida em nome dele, para educá-los e instruí-los nesta vida, e assim construir o corpo de Cristo (CIgC, 2020, n. 4).

Figura 18 – Subsídio A inspiração catecumenal na educação da fé



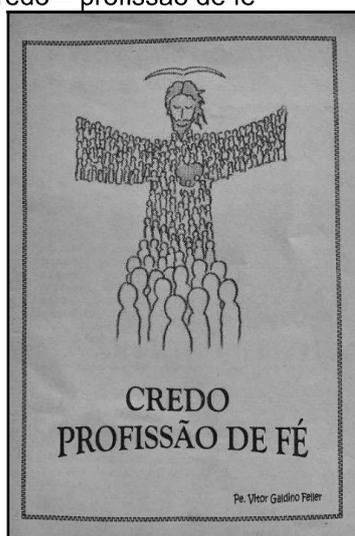
Fonte: ARQUIDIOCESE, 2017b.

Na esteira do programa de formação da ECAM está o aprofundamento dos conteúdos da fé: o credo; a liturgia e os sacramentos; a moral e os mandamentos; e a oração. O subsídio elaborado para este fim, apresentado na Figura 18, ajuda a entender os temas da Sagrada Escritura, da Tradição e do Magistério, além de apresentar brevemente as quatro partes do Catecismo da Igreja Católica, em vista de uma exposição sistemática da fé, para que os catequistas compreendam a disposição dos conteúdos da fé na evolução de cada fase que compõe o 2º Tempo dos itinerários, elaborados para a educação da fé na Arquidiocese de Florianópolis.

De maneira mais estruturada, também foi elaborado um subsídio para a primeira parte do Catecismo da Igreja Católica, o Credo, conforme Figura 19. Nele estão apresentados os doze artigos da fé cristã, com explicações para aprofundar a fé no Deus de Jesus Cristo. De acordo com o Catecismo da Igreja Católica:

A fé procura compreender: é característico da fé o crente desejar conhecer melhor Aquele em quem pôs sua fé e compreender melhor o que Ele revelou; um conhecimento mais penetrante despertará por sua vez uma fé maior, cada vez mais ardente de amor. A graça da fé abre 'os olhos do coração' (Ef 1,18) para uma compreensão viva dos conteúdos da Revelação, isto é, do conjunto do projeto de Deus e dos mistérios da fé, do nexo deles entre si e com Cristo, centro do Mistério revelado (CIgC, 2000, n. 158).

Figura 19 – Subsídio Credo – profissão de fé



Fonte: FELLER, 2005.

E assim, apresentando o núcleo da fé de maneira mais ampla é possível mostrar que Deus continua comunicando-se conosco em nossos dias, na natureza, nas pessoas, na oração pessoal e na ação litúrgica da Igreja. Dessas verdades

existenciais da fé, decorrem a participação ativa dos fiéis na liturgia, o cultivo da oração pessoal, que refletem na vida concreta por meio do testemunho e da promoção da vida.

Na Arquidiocese de Florianópolis, a Escola Catequética de Multiplicadores funcionava, inicialmente, em apenas uma paróquia, para onde as demais se dirigiam para frequentar os encontros de formação. Em 2018, a partir da iniciativa de uma das Foranias, a ECAM passou a ser oferecida em paróquias dentro das Foranias, permitindo a participação de mais catequistas. Em três anos, a ECAM evoluiu para nove Foranias em simultâneo, de um total de treze Foranias na Arquidiocese.

A distribuição dos locais de formação também contribuiu para reforçar o interesse por parte de catequistas de investirem em sua formação permanente. Desde 2016, quando o novo itinerário didático foi implantado, todas as paróquias tiveram condições de garantir a implantação do novo método graças aos temas oferecidos pela ECAM. Respeitando as características de cada paróquia, desde o litoral até às regiões interioranas, de sul a norte, a Arquidiocese de Florianópolis propôs uma nova caminhada de iniciação cristã marcada pelo caráter de processo, gradualidade e acompanhamento sistemático de catequizandos e suas famílias.

Além destes subsídios para promover a formação continuada de catequistas foram usados outros semelhantes no decorrer da ECAM, versando sobre Bíblia, Liturgia e Catequese, Psicopedagogia, bem como apostilas, vídeos, poesias, músicas e dinâmicas. A formação continuada é uma realidade necessária em toda comunidade humana. Unindo o dado da fé, urge oferecer itinerários de formação que configurem os membros das comunidades ao fato fundante de sua fé, que no caso da fé cristã, é o Mistério Pascal de Jesus Cristo. As três edições de Diretórios de Catequese da Igreja universal insistem na oferta de uma formação que saiba integrar a experiência dos agentes envolvidos com o dado da Revelação divina, pois é dessa que surge a possibilidade de adesão ao mistério da fé.

A partir do contexto de uma pandemia mundial, que afeta todos os tipos de relacionamentos e todas as estruturas institucionais, é válido questionar como os laços de fé permanecem ou correm o risco de afrouxar o nível de pertencimento. No caso da ECAM, constata-se que o acompanhamento na fé ainda depende em muito do contato físico e da presença amigável, que caminha lado a lado. Em nossos dias, partindo da motivação do *Motu Proprio Antiquum Ministerio*, é urgente o planejamento da formação permanente de catequistas e agentes de pastoral para

que incorporem sua identidade “mediante a oração, o estudo e a participação direta na vida da comunidade” (2021, n. 4).

À luz do Caminho de Emaús, o crescimento na fé depende sempre daquele visitante que se faz amigo ao longo do caminho e acaba sendo o convidado especial das nossas refeições. Embora a pandemia tenha despertado a criatividade de muitos(as) catequistas e de outras tantas iniciativas para formação e acompanhamento de catequistas, cabe salientar que esta crise sanitária revela o rosto humano de nossos irmãos e irmãs, que são interlocutores conosco do diálogo divino, que tem como mensagem a salvação do gênero humano e da criação inteira.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura contemporânea é uma realidade muito complexa, heterogênea e mutável, tanto do ponto de vista sociocultural como religioso. Essa realidade favorece que as pessoas tenham posições muito diversificadas sobre o sentido da vida, na busca por respostas de fé, adesão e seguimento à pessoa de Jesus. A cada desafio novo, suscitado pelo encontro de culturas e modelos de vida, a primeira reação é a de sentirmo-nos confusos e desorientados, incapazes de discernir, avaliar e escolher os fenômenos subjacentes. Esse contexto não deixa indiferente a comunidade cristã, que além de ser chamada para anunciar o Evangelho, é ponto de referência para a vivência da comunhão na fé. Além disso, a comunidade de fé é também chamada a implementar a evangelização com uma pastoral orgânica e integral, de forma inovadora e criativa, acompanhando seus filhos no caminho da fé.

Desse modo, em nossa discussão ficou evidente o vínculo profundo entre catequese e evangelização e a necessidade de um renovado impulso evangelizador para repensar, de forma missionária, todas as ações pastorais, inclusive a catequese. A missão essencial da Igreja consiste em evangelizar todas as pessoas e, existindo para evangelizar, como comunidade de esperança vivida e comunicada, a Igreja é comunidade de amor fraterno (DC, 2020, n. 28). A Igreja tem a necessidade de ser evangelizada se quiser conservar a força para anunciar o Evangelho (EN, 1976, n. 15), fazer presente Jesus Cristo.

Assim sendo, a comunidade eclesial é chamada a perceber os sinais de fé na sociedade em que vive, a identificar nas culturas humanas os espaços e tempos para o anúncio do querigma e se abrir para um novo horizonte. Desse modo, como diz o Diretório para a Catequese, “a Igreja é chamada a se colocar com humildade e audácia nos rastros da presença de Deus” (DC, 2020, n. 326), com olhos pascais diante das realidades hodiernas. Trata-se de um olhar que encontre o modo de Deus habitar nos lares, nos locais de trabalho, nas ruas e nos ambientes de lazer dos homens e das mulheres de nossos tempos. Para isso, a Igreja precisa assumir sua condição de Mãe e Pastora, para guiar seus filhos e filhas “diante das ambivalências e contradições da vida social” (DC, 2020, n. 326) e, ao mesmo tempo, “presença profética que saiba levantar a voz em relação a questões de valores e princípios do Reino de Deus” (DAp, 2007, n. 518i).

O caminho proposto pelo Concílio Vaticano II, para o ser e o agir da Igreja, é o diálogo e o serviço para com a humanidade. Para isso, a economia da Revelação é a baliza de toda ação pastoral. O movimento de ir às fontes exige conversão de rota para buscar no próprio movimento trinitário o sentido de se aproximar do ser humano, o rumo para a ação evangelizadora da Igreja. A espiritualidade da nova evangelização se realiza hoje em vista de uma conversão pastoral, por meio da qual a Igreja é chamada estar em saída, segundo o dinamismo que atravessa toda a Revelação (EG, 2013, n. 20-23). É desse impulso que brota toda a ação pastoral, que é ação pedagógica, sinodal e missionária.

Nesse sentido, muitos passos significativos foram dados na reflexão do Magistério e na produção bibliográfica. Contudo, a experiência de povo de Deus, como lugar de habitação do Verbo e reunião da humanidade redimida ainda precisa de concretude. Passado pouco mais de meio século da realização do Concílio Vaticano II, constatamos dupla atividade para a Igreja: a) promover a recepção por completo das inspirações do *aggiornamento*, pois as reformas ainda precisam se efetivar; b) resistir aos crescentes movimentos de negação do Concílio, que ameaçam as premissas do diálogo, da comunhão, da participação, da promoção da dignidade humana.

Estas tarefas passam a ser o compromisso das Igrejas particulares, em sintonia com o Sínodo dos Bispos (2021-2023), desenvolvido em níveis e momentos diferentes, para promover o compromisso comum e a autonomia exercida na responsabilidade de toda a Igreja, a partir das realidades diocesanas, continentais e universais, respectivamente. Esta será a oportunidade de a Igreja reassumir o legado dos padres conciliares: “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS, 1997, n. 1).

Nessa perspectiva, o 13º Plano de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis está alcançando seu período de vigência, mas deixará para as próximas edições uma responsabilidade tamanha: “Evangelizar é viver e testemunhar a comunhão. A evangelização gera a fé e constrói um itinerário de amadurecimento do ‘homem novo’ em Cristo” (ARQUIDIOCESE, 2012, n. 294). Esta é uma oportunidade a mais para que a revisão do Plano de Pastoral esteja em sintonia com a caminhada da Igreja continental e universal, fruto de um processo sinodal.

O Diretório para a Catequese (2020) reúne em poucas linhas a proposta de atualização da Igreja pedida pelo Concílio Vaticano II quando expõe que “a catequese se relaciona com a liturgia e com a caridade para evidenciar a unidade constitutiva da novidade emanada do Batismo” (DC, 2020, n. 1). A partir dessa motivação, registramos algumas considerações sobre o processo de implementação dos itinerários catequéticos na Arquidiocese de Florianópolis, tendo como meta a ação pastoral e evangelizadora, por meio do testemunho de fé dos agentes e da comunhão eclesial.

Nestas linhas, compreende-se um longo caminho que a Catequese ainda deve percorrer para compreender que deve haver no processo de iniciação à vida cristã uma íntima união entre catequese e liturgia, e que não alcança sua maturidade sem a prática do amor-caridade. Isso significa assumir os mesmos sentimentos, gestos e atitudes de Jesus Cristo (FI 2,5).

Isso ficou evidente no planejamento das urgências da ação evangelizadora do 13º Plano de Pastoral, que, tendo organizado seus projetos em sintonia com os três múnus, listou para a urgência *Igreja, casa da iniciação à vida cristã* as atividades pertinentes aos múnus da Palavra e da Liturgia, mas não deixou evidente a relação do múnus da Caridade no processo de revisão dos itinerários didáticos.

Diante deste elemento que precisa ser corrigido, recorremos ao critério que é a marca do ser e do agir cristão no mundo. “O exercício da diaconia constitui para a catequese um critério de autenticidade. [...] O momento caritativo é parte essencial do processo catequético: a fé não cresce e não amadurece se não se tornar diaconia” (ALBERICH, 2004, p. 250). E, neste horizonte, podemos listar o quanto é urgente promover o anúncio e a catequese junto a pessoas empobrecidas, pessoas com deficiência e pessoas em situação de vulnerabilidade, além de pessoas que sofrem as consequências das guerras e das migrações. Estas e outras realidades precisam de respostas por parte da Igreja, de modo a serem acolhidas em suas realidades, quando a misericórdia e a caridade serão os meios para propor a fé e promover a vida.

A vida nova que vem pelo Batismo consiste na participação de homens e mulheres na vida de Jesus Cristo, e essa vida implica na confissão de fé no Deus único: Pai e Filho e Espírito Santo. A catequese deve, portanto, saber unir a confissão de “fé cristológica, ‘Jesus é o Senhor’, com a confissão trinitária, ‘Creio no Pai, no Filho e no Espírito Santo’, uma vez que são tão somente duas modalidades

para se exprimir a mesma fé cristã” (DC, 2020, n. 78, grifo do autor). Esta confissão é um ato pessoal do crente, mas só atinge a sua plenitude se for feita na Igreja, em comunhão com os demais fiéis. Desse modo, na base da pedagógica catequética está o acompanhamento no processo de discernimento da vocação cristã. É competência da ação catequética mostrar que a fé deve ser traduzida numa vida que se compromete a amar como Jesus Cristo, contribuir na construção do Reino de Deus, com gestos de partilha, justiça, solidariedade e paz.

O Concílio Vaticano II fomentou os ideais de uma Igreja Povo de Deus, uma instituição composta de muitos ministérios, onde as pessoas estão a serviço entre si, umas das outras, pelo bem comum e pela promoção da dignidade humana, de maneira que os princípios da fé iluminam as decisões cotidianas. E nessa história concreta, a humanidade vive seus dias contemporâneos escrevendo de forma contínua a história da salvação que herdou de tantos homens e mulheres que compõem o Povo de Deus, desde os tempos da eleição na fé de Patriarcas e Matriarcas. Assim, o Concílio Vaticano II expressou o fato da Revelação divina na caminhada da humanidade: “Chamou Abraão, para fazer dele um grande povo (cf. Gn 12,2-3), ao qual, depois dos patriarcas, ele ensinou, por meio de Moisés e dos profetas, a reconhecer em si o único Deus vivo e verdadeiro” (DV, 1997, n. 3).

A catequese, ato pedagógico de instruir na fé, usa dessa história da salvação para apresentar aos candidatos de hoje os fatos que marcaram a experiência de fé das pessoas de outrora. Na história hodierna, a catequese é feita por homens e mulheres que confirmam seu sim à disposição da comunidade. Disto decorre a tarefa de formação permanente de catequistas e lideranças para que atendam à instituição do Ministério laical de Catequista: “o Catequista é, ao mesmo tempo, testemunha da fé, mestre e mistagogo, acompanhador e pedagogo que instrui em nome da Igreja (AM, 2021, n. 4).

Atendendo à necessidade de formar na fé seus fiéis, a Igreja solicita a revisão do catecumenato batismal de adultos, em primeiro lugar, com o caráter progressivo das primeiras comunidades que havia experimentado os efeitos do Catecumenato, para iniciar na fé as pessoas que queriam aderir à proposta do Evangelho.

Com o objetivo de orientar esta restauração, o Concílio Vaticano II solicitou a elaboração de um Diretório para o ofício da educação na fé. Três edições de Diretórios de Catequese já foram editadas após a realização do Concílio. Em cada edição, uma tônica e uma urgência diferente que se complementam entre si. Em

1971, surge a necessidade de orientar as Igrejas particulares do mundo todo sobre o ofício da catequese destinada de maneira especial para as pessoas adultas. Em 1997, as orientações voltam-se para uma pedagogia da fé, que favoreça a mensagem evangélica no âmbito da inculturação e diálogo com a sociedade. Em 2020, enfatiza-se o tema da missão em perspectiva de serviço às pessoas, para que conhecendo a Boa Nova, pautem suas vidas sob o crivo do Mandamento do Amor.

Da escola do Concílio Vaticano II, a Arquidiocese de Florianópolis herdou a dinâmica de planejar sua ação evangelizadora na perspectiva dos três múnus. Para o 13º Plano de Pastoral – 2012-2022, optou em acolher as Urgências pastorais da Igreja no Brasil. Para fazer da Arquidiocese de Florianópolis uma Igreja casa da iniciação à vida cristã, investiu no planejamento e na revisão de itinerários didáticos novos para o exercício da catequese. Estes itinerários deveriam ser confeccionados tendo por referência o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos. Como a escolha da Arquidiocese foi para itinerários com crianças e adolescentes, o RICA serviu de orientação para o caminho metodológico e inspiração da pedagogia catecumenal.

Os itinerários para catequizandos adolescentes e crianças contemplam os Tempos e Etapas da inspiração catecumenal, tendo por referência a construção da Casa da Fé, como objetivo concreto de uma caminhada conjunta, onde catequistas e catequizandos progridem no aprofundamento e na celebração da fé. Contudo, registramos que o Projeto de Iniciação à Vida Cristã com inspiração catecumenal da Arquidiocese de Florianópolis organizou apenas o início da revisão dos conteúdos, mas não sistematizou o processo de educação na fé para adolescentes. A proposta de favorecer a catequese sistemática sem pausa, como acontecera o processo anterior, carecia de maior tempo de estudo e reflexão, para que o itinerário proposto levasse em conta a dinâmica de crescimento físico, sociocultural e psicoafetivo dos adolescentes.

Os novos itinerários didáticos contemplam os momentos de contato com Palavra de Deus e acesso aos conteúdos da doutrina, por meio do Catecismo da Igreja Católica. E ainda, é permeado de ritos litúrgicos, para santificar o itinerário de fé, marcando o progresso nos conteúdos e na caminhada comunitária. Observamos que, apesar da falta de planejamento no Projeto de Iniciação à Vida Cristã, a Coordenação de Catequese teve iniciativas criativas para promover o diálogo com as crianças e adolescentes, nos seus respectivos estágios de vida. Exemplo concreto é a inserção do conjunto de encontros intitulados Costurando Sonhos,

destinados a acompanhar o crescimento em idade, estatura e fé dos interlocutores que, deixando a infância, iniciam um processo de descobertas sobre si mesmo e do mundo, afirmando sua identidade e estabelecendo novas relações interpessoais.

Ademais, usando por referência o planejamento da Arquidiocese de Florianópolis, percebemos a pouca atenção ao múnus da caridade. Os itinerários estão muito bem elaborados quanto à relação catequese e liturgia, conteúdo e celebração da fé. Porém, a devida atenção para a aplicação concreta da fé no cotidiano é um elemento necessário, próprio do caráter sacramental e da vida nova em Cristo. Como afirma o RICA (2001, n. 19), o progresso no itinerário se caracteriza por uma “progressiva mudança de mentalidade e dos costumes, com suas consequências sociais”.

Sobre o testemunhar a comunhão, a proposta da formação de catequistas também pode investir mais no múnus do amor-caridade. Percebemos a preocupação da ECAM em apresentar os conteúdos teológico-doutriniais e metodológicos. Mas, é necessário um investimento maior na dimensão antropológica, de maneira que o Ensino Social da Igreja seja contemplado para contribuir com a formação humana dos catequistas. Assim, o testemunho da fé que é dado de maneira concreta, desde o nascer até o pôr do sol (Sl 113,3), é também assegurado por um saber adquirido que passa a ser razão de toda fé e de toda esperança (1Pd 3,15) dos seguidores de Jesus Cristo na sociedade hodierna.

Em última consideração, a pedagogia catequética dos novos itinerários de educação na fé da Arquidiocese de Florianópolis carece de um horizonte futuro de continuidade, ou seja, apontar os caminhos que os novos membros, iniciados pela Palavra e pelos sacramentos, possam exercer seu papel de fiéis e cidadãos do Reino de Deus enquanto estamos no mundo (Jo 17,16).

O planejamento da catequese, porque deriva de um itinerário progressivo e permanente, não pode ficar na dependência dos processos institucionais, como no caso, da aprovação de novos Planos de Pastoral. Este é um aprendizado que a reflexão e o aprofundamento da inspiração catecumenal nos dá: conversão da linguagem e dos documentos tidos como padrão. A conversão pastoral será fruto de uma conversão metodológica. Para isso, é preciso saber criar novas propostas de ação. E propomos como consequência disso, que as Igrejas particulares proponham a instalação de Planos de Iniciação à Vida Cristã para suas dioceses e todos os seus setores. Isso tornaria visível e compreensível que a inspiração catecumenal

não é uma tarefa ou “um quê fazer” da catequese, mas uma urgência-necessidade da Igreja toda.

Neste ínterim, enquanto se desenvolve a reflexão acadêmica, também deixamos registradas três experiências de trabalho e assessoria que são oportunidades de concretização de nosso estudo e nossa pesquisa.

A primeira experiência é a assessoria, o acompanhamento e o efetivo trabalho de revisão dos Itinerários para o sacramento da Eucaristia e da Crisma junto à Diocese de Criciúma. Após um breve período de aplicação dos novos itinerários, confeccionados apenas para mudar o “livro da catequese”, a Coordenação de Catequese da Diocese de Criciúma percebeu a necessidade de corrigir os elementos do itinerário para uma nova configuração que seja coerente com a proposta da inspiração catecumenal, especialmente na disposição das celebrações e dos ritos.

A segunda experiência é a confecção de uma coleção para a formação de catequistas, na Arquidiocese de Florianópolis, chamada Itinerário de Formação de Catequista à luz do Diretório para a Catequese. Esta coleção já tem o Volume 1 publicado, está com o Volume 2 em fase de elaboração, e terá uma sequência de conteúdos para catequistas e agentes de pastoral a partir dos capítulos do Diretório em vista da formação solicitada para o Ministério de Catequista (AM, 2021, n. 8).

A terceira experiência, que consideramos inovadora, é a confecção de um Itinerário de Evangelização para pessoas em vulnerabilidade social. Este Itinerário está sendo desenvolvido junto ao Mosteiro Monte Carmelo, de Curitiba, que é uma obra da Ordem dos Carmelitas para a acolhida e recuperação de pessoas em vulnerabilidade social. O desenvolvimento deste Itinerário se dá a partir do múnus da Caridade, o que lhe confere originalidade diante das propostas que conhecemos. Será um caminho de resgate e de promoção da dignidade humana, percorrendo um caminho de evangelização, sem a perspectiva sacramentalista, porém, aberta à possibilidade, à medida que a pessoa acompanhada solicite a experiência e a iniciação sacramental.

Diante do exposto, registramos que o legado do Concílio Vaticano II de resgatar o itinerário de formação de discípulos de Jesus Cristo concretizado pelas primeiras comunidades, é um recurso que precisa ser estudado e praticado conforme as demandas dos nossos dias, que tem evidenciado a necessidade de processos de catequese permanente, contemplando todas dimensões da vida.

A necessidade da catequese permanente precisa ser assimilada inicialmente pelas lideranças e pessoas que ocupam as estruturas de organização das comunidades, a começar pelos párocos e demais ministros ordenados, que configuram a instância primeira de tomada de decisão na Igreja. Para estes, especialmente, a formação permanente precisa estar voltada para a real necessidade das comunidades, com respostas criativas aos desafios e às crises originadas no contexto da mudança de época.

Para a catequese permanente apontamos a necessidade de compreensão do que seja a dimensão mistagógica do itinerário de educação na fé, que está para além de um dos Tempos da inspiração catecumenal. Cada fiel, tendo recebido os sacramentos da iniciação cristã, está imerso no Mistério Pascal de Cristo, de modo que todos os seus dias, cada uma de suas decisões, precisam estar imbuídas desse caráter mistagógico. Assim, as Igrejas Particulares também precisam estar atentas aos estilos de formação oferecidos às suas lideranças e fiéis em geral, para que sejam superadas as ofertas de cursos e momentos isolados, e sejam instalados processos contínuos, com percursos bem desenvolvidos, capazes de gerar vínculos e formar comunidades animadas pelo Espírito do Ressuscitado.

A experiência de implantação de novos itinerários didáticos pela Arquidiocese de Florianópolis prevê o amadurecimento do “homem novo” em Cristo, explicitado pelo testamento de fé do Apóstolo: “Quando eu era criança falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança; ao tornar-me adulto, abandonei as coisas de crianças” (1Cor 13,11). Esta perspectiva de formação continuada da fé se concretiza na identificação de um grupo, no pertencimento à uma comunidade e na acolhida fraterna de seus membros e de todas as pessoas entre si. Daqui se despona a pesquisa futura sobre processos mistagógico que contribuam a delinear uma formação progressiva, contextual e seja capaz de evidenciar um caminho ecopedagógico de educação na fé.

Deste modo, a fé é como o fermento que espalhamos na massa (Mt 13,33), faz crescer nossa compreensão sobre o sentido da vida. A humanidade nova que nasce de um processo de educação da fé é como este fermento, levedando o mundo inteiro a partir de cada gesto e cada palavra de nossas vidas, com o compromisso de tornar Jesus Cristo presente em nossas mesas, repartindo o pão entre nós e fazendo arder o nosso coração (Lc 24,32), uma vez mais.

REFERÊNCIAS

ALBERICH, Emilio. **Catequese evangelizadora**; manual de catequética fundamental. São Paulo: Salesiana, 2004.

ALMEIDA, Antonio José de. *Aggiornamento*. In.: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes. (Coord.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus; Paulus, 2015. 8-9.

AMARAL, Dom Gabriel. **O Concílio Vaticano II na dimensão histórica, eclesiológica e canônica**. Disponível em: <https://www.docsity.com/pt/o-concilio-vaticano-ii-na-dimensao-historica/4802421/>. Acesso em: 02 mar. 2021.

ARENAS, Sandra. **Conferências do Conselho Episcopal latino-americano (CELAM)**. Disponível em: <http://teologicalatinoamericana.com/?p=1475>. Acesso em: 19.03.2021.

ARÉS, Vicente Maria Pedrosa. Vaticano II e catequese. In.: PEDROSA, V. M^a; NAVARRO, M^a (Dir.). **Dicionário de Catequética**. São Paulo: Paulus, 2004. 1122-1131.

ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. **Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja na Arquidiocese de Florianópolis**. Florianópolis, 2001.

ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. **Diretrizes da Ação Evangelizadora da Arquidiocese de Florianópolis**. Florianópolis, 2009.

ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. **Ata da 26^a Assembleia Arquidiocesana de Pastoral**. Florianópolis, 2011.

ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. **13^o Plano de Pastoral: 2012-2022**. Florianópolis, 2012a.

ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. **Ata da 27^a Assembleia Arquidiocesana de Pastoral**. Florianópolis, 2012b.

ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. **Projeto de Iniciação à Vida Cristã com inspiração catecumenal**. Florianópolis, 2012c.

ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. **Escola Catequética de Multiplicadores**. Florianópolis, 2013.

ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. **Passo a passo de um encontro do Itinerário de Iniciação à Vida Cristã**. Florianópolis, 2015.

ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. **Itinerário de Iniciação à Vida Cristã**. Vol 1. Passo Fundo: Berthier, 2016.

ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. **Itinerário de Iniciação à Vida Cristã**. Vol 2. Passo Fundo: Berthier, 2017a.

ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. **A inspiração catecumenal na educação da fé: catequese a serviço da iniciação à vida cristã.** Florianópolis, 2017b.

ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. **Celebrar a fé da família em comunidade: Itinerário da Família.** Vol 1. 3. ed. Passo Fundo: Berthier, 2018a.

ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. **Celebrar a fé da família em comunidade: Itinerário da Família.** Vol 2. Passo Fundo: Berthier, 2018b.

ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. **Celebrar a fé da família em comunidade: Itinerário da Família.** Vol 3. Passo Fundo: Berthier, 2018c.

ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. **Itinerário de Iniciação à Vida Cristã.** Vol 3. Passo Fundo: Berthier, 2019a.

ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. **Itinerário de Iniciação à Vida Cristã.** Vol 4. Passo Fundo: Berthier, 2019b.

ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. **Celebrar a fé da família em comunidade: Itinerário da Família.** Vol 4. Passo Fundo: Berthier, 2020.

BENTO XVI. **Carta Encíclica *Deus Caritas Est* sobre o amor cristão.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html. Acesso em 05.04.2021.

BENTO XVI. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini* sobre a Palavra de Deus na missão da Igreja.** Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html. Acesso em 19.03.2021.

BENTO XVI. Carta Apostólica **A Porta da Fé.** São Paulo: Paulus, 2011.

BERTOLDI, Ir. Marlene. **Espaço Catequético.** Florianópolis, 2015.

BERTOLDI, Ir. Marlene; MACHADO, Ariél P. **Conteúdos do Querigma Cristão.** Florianópolis, 2016.

BEOZZO, José Oscar. Concílio Vaticano II. In.: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes. (Coord.). **Dicionário do Concílio Vaticano II.** São Paulo: Paulus, 2015.

BOSELLI, Goffredo. **O sentido espiritual da liturgia.** Trad. Monjas Carmelitas Descalças do Mosteiro Santa Teresa de São Paulo. Brasília: CNBB, 2014.

BRIGHENTI, Agenor. **Em que o Vaticano II mudou a Igreja.** São Paulo: Paulinas, 2016.

BRIGHENTI, Agenor. **O laicato na Igreja e no mundo: um gigante adormecido e domesticado.** São Paulo: Paulinas, 2019.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio; RODRIGUES, Moema Muricy. A renovação catequética na América Latina e Brasil: uma caminhada pós-concliar.

Teocomunicação. Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 193-204, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/teo/article/view/6833/4976>. Acesso em: 20.03.2021.

BUYST, Ione. **O segredo dos ritos**: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã. São Paulo: Paulinas, 2011.

CALANDRO, Eduardo; LEDO, Jordélio Siles. **Psicopedagogia Catequética**: reflexões e vivências para a catequese conforme as idades, vol. 1: Criança. São Paulo: Paulus, 2010.

CANSI, Bernardo Fr. **Interação fé e vida**. São Paulo: Paulinas, 1988.

CARVALHO, Humberto Robson de. **Ministério de Catequista**: elementos básicos para a formação. São Paulo: Paulus, 2015.

CARVALHO, Humberto Robson de; GIL, Paulo Cesar. **Iniciação à vida Cristã e Pedagogia Catecumenal**. São Paulo: Paulus, 2019.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto *Ad Gentes*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 1997. 431-489.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto *Christus Dominus*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 1997. 241-276.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Dei Verbum*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 1997. 347-367.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 1997. 539-661.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 1997. 101-197.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 1997. 33-86

CONCLUSÕES de Medellín. Disponível em:
<https://www.faculdadejesuita.edu.br/eventodinamico/eventos/documentos/documento-FwdDtt9v3ukKPDZq.pdf>. Acesso em 05.04.2021.

CONCLUSÕES da Conferência de Puebla. São Paulo: Paulinas, 1979.

CONCLUSÕES da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano: Santo Domingo. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1992.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Pastoral dos sacramentos da iniciação cristã**. São Paulo: Paulus, 1974. (Documento 2a).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Catequese Renovada**. 24. ed. São Paulo: Paulinas, 1983. (Documento 26).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **A Sagrada Liturgia**. Edição didática popular comemorativa dos 40 anos do 1º documento do Concílio Vaticano II. 04.12.1963 – 04.12.2003. Brasília: CNBB, 2002.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretório Nacional de Catequese**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2006. (Documento 84).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Catequese, caminho para o discipulado**. Texto-Base – Ano Catequético Nacional – 2009. 2. ed. Brasília: CNBB, 2008.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil – 2011-2015**. São Paulo: Paulinas, 2011. (Documento 94).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Itinerário catequético: Iniciação à vida cristã – um processo de inspiração catecumenal**. Brasília: CNBB, 2014a.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Iniciação à Vida Cristã: um processo de inspiração catecumenal**. São Paulo: Paulus, 2014ab. (Estudos 97).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Comunidade de comunidades: uma nova paróquia – a conversão pastoral da paróquia**. 2. ed. Brasília: CNBB, 2014c. (Documento 100).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil – 2015-2019**. Brasília: CNBB, 2015. (Documento 102).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários**. 2. ed. Brasília: CNBB, 2017. (Documento 107).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil – 2019-2023**. Brasília: CNBB, 2019. (Documento 109).

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V., 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília; São Paulo: CNBB; Paulus, Paulinas, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Manual de Catequética**. Tradução de Maria P. Rodrigues. São Paulo: Paulus, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **A alegria de iniciar discípulos missionários na mudança de época**. Brasília: CNBB, 2015.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral para a Catequese**. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

CRUZ, Therezinha. A catequese na Conferência de Medellín. In: AQUINO JÚNIOR, Francisco; GODOY, Manoel (org.). **50 anos de Medellín: revisitando os textos e retomando o caminho**. São Paulo: Paulinas, 2018.

DIOCESE DE TUBARÃO. **Bispos**. Disponível em: <https://diocesetb.org.br/pagina/bispo>. Acesso em 13.03.2021.

FELLER, Vitor Galdino. **Credo – profissão de fé**. Florianópolis, 2005.

FELLER, Vitor Galdino. Lumen Gentium: pilar eclesiológico do Concílio Vaticano II. **Encontros Teológicos**, Florianópolis, n. 1, p. 29-50, jan./abr. 2013.

FERNANDES, Veronice. O diálogo entre os parceiros da Aliança: A palavra de Deus a partir da Sacrosanctum Concilium. **Revista de Liturgia**, São Paulo, n. 179, p. 4-9, set./out. 2003.

FLORISTAN, CASIANO. **La Iglesia: comunidade de creyentes**. Salamanca: Sígueme, 1999.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. Brasília: CNBB, 2013a.

FRANCISCO. **Carta Apostólica *Lumen Fidei***. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_encyclica-lumen-fidei.html. Acesso em 05.04.2021.

FRANCISCO. **Carta Apostólica em forma de Motu Proprio *Antiquum Ministerio pelo qual se institui o Ministério de Catequista***. Brasília: CNBB, 2021.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* sobre o amor na família**. Brasília: CNBB, 2016.

GODOY, Manoel; JÚNIOR, Francisco de A. (org.). **50 anos de Medellín: revisitando os textos e retomando o caminho**. São Paulo: Paulinas, 2017.

GONZÁLEZ, María Navarro. Catequese com crianças. In.: PEDROSA, V. M^a; NAVARRO, M^a (Dir.). **Dicionário de Catequética**. São Paulo: Paulus, 2004. 287-297.

GUILARTE, Manuel del Campo. A iniciação cristã. In.: PEDROSA, V. M^a; NAVARRO, M^a (Dir.). **Dicionário de Catequética**. São Paulo: Paulus, 2004. 602-614.

JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae* sobre a catequese em nosso tempo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

JOÃO PAULO II. **Código de Direito Canônico**. São Paulo: Loyola, 1983.

JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifidelis Laici* sobre a missão dos leigos no mundo**. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html>. Acesso em: 28.03.2021.

JOÃO PAULO II. **Actualización del Directorio Catequístico General**. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccclergy/documents/rc_con_ccclergy_doc_14101997_act_sp.html. Acesso em 19.03.2021.

JOÃO PAULO II. **Constituição Apostólica *Fidei Depositum* para a publicação do Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Loyola, 2000.

KESTERING, Dom Juventino. **Catequese de A a Z**. Florianópolis: Nova Letra, 2016.

LIMA, Luiz Alves de. **A catequese do Vaticano II aos nossos dias**. São Paulo: Paulus, 2016.

LOPES, Geraldo. **Dei Verbum: texto e comentário**. São Paulo: Paulinas, 2012.

LORSCHIEDER, Aloísio. Apresentação. In: **Documentos do Celam: conclusões das conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo**. São Paulo: Paulus, 2004.

ORMONDE, Domingos. Vale a pena os catequistas conhecerem o catecumenato. In: **Segunda Semana Brasileira de Catequese**. São Paulo: Paulus, 2002.

PAULO VI. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Evangelii Nuntiandi* sobre a evangelização no mundo contemporâneo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

PAULO VI. **Carta Apostólica *Motu Proprio Apostolica Sollicitudo***. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/es/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19650915_apostolica-sollicitudo.html. Acesso em 19.03.2021.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para a Catequese**. São Paulo, Paulus: 2020.

RITO da Iniciação Cristã dos Adultos. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1975.
RITUAL da Iniciação Cristã de Adultos. São Paulo: Paulus, 2001.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Catequético Geral**. Petrópolis, Vozes, 1971.

SCHÖKEL, Luís Alonso. **Bíblia do Peregrino**. Trad. Ivo Storniolo e José Bortolini. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. O impulso bíblico no Concílio: A Bíblia na Igreja depois da Dei Verbum. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 36, n. 151, p. 025-053, jan./mar. 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/1669/1202>. Acesso em: 05 abr. 2021.

SILVA, Jeronimo Pereira. O RICA, um caminho de iniciação antes e depois do batismo. **Revista de Liturgia**, São Paulo, n. 179, p. 4-9, set./out. 2015.

SIQUEIRA, Isabel Cristina A. **O sentido da vida na catequese**. São Paulo: Paulus, 2014.

UGARTEMENDIA, Emeterio Sorazu. Simbologia e catequese. In.: PEDROSA, V. M^a; NAVARRO, M^a (Dir.). **Dicionário de Catequética**. São Paulo: Paulus, 2004. 1037-1046.

VALENTINI, Dom Demétrio. **Revisitar o Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas, 2011.

VALENTINI, Dom Demétrio. O Concílio Vaticano II visto a partir do jubileu dos seus 50 anos. **Encontros Teológicos**, Florianópolis, n. 1, p. 11-23, jan./abr. 2013.